

ROUBADOS EM SEUS SONHOS

**UMA INTERPRETAÇÃO DA COBERTURA JORNALÍSTICA
SOBRE O ACIDENTE COM O CÉSIO-137 EM GOIANIA**

POR ANA WOJTOWICZ

**TRABALHO APRESENTADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE,
NA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.**

BRASÍLIA, SETEMBRO DE 1990

INDICE

Agradecimentos	p.	3
Apresentação		4
Introdução		
O que é o céσιο-137		7
O fato		8
Procedimentos		14
MOMENTO I - IMAGENS		18
I.1 - Relatório da CNEN		20
I.2 - Monitoramento Ambiental		27
I.3 - Os Empregados da CNEN		29
I.4 - Fundação Leide das Neves Ferreira		30
I.5 - Opiniões		33
I.6 - Programas Nucleares Brasileiros		37
MOMENTO II - CONTAMINAÇÃO		40
II.1 - Primeiro Contato		41
II.2 - Segundo Contato		43
II.3 - Simbolismo da Sorte		45
MOMENTO III - ESPELHOS		48
III.1 - Reflexos em Carey		50
III.2 - Reflexos em Feld		57
MOMENTO IV - ROUBADOS EM SEUS SONHOS		62
Devair Alves Ferreira		71
Luisa Odete dos Santos		94

A Carta de Teresinha	111
Wagner Motta	115
Conclusões	147
Epílogo	171
Bibliografia	172
Anexo 1 - Focos Principais de Contaminação	177
Anexo 2 - Residências	178
Anexo 3 - Logradouros	181
Anexo 4 - Trajeto do céσιο	183
Anexo 5 - Notícias Seleccionadas	184
Anexo 6 -	
1. Édson, Santana, Teresa, Juanita	189
2. Ivo Alves Ferreira	204
3. Lurdes das Neves Ferreira	221
4. Ernesto Fabiano	226
5. Dalva Fabiano	231
6. Odesson Alves Ferreira	234
7. Kardec Sebastião dos Santos	241

AGRADECIMENTOS

Agradeço às vítimas do Césio, em Goiânia; à Profa. Alcida Ramos, Ph.D., que assumiu a orientação deste trabalho num momento particularmente difícil para mim; à jornalista Lisa França, que me hospedou em sua casa em Goiânia; ao jornalista Paterson Pereira e aos funcionários da Assessoria de Comunicação Social do extinto Ministério das Minas e Energia; a John S. Petterson, Ph.D., pelo estímulo à realização deste trabalho; e ao meu esposo Hemetério Fernandes Júnior que fez a datilografia final.

Como cristã e evangélica não poderia deixar de agradecer a Deus, pois sem Ele nada existiria.

Brasília, setembro de 1990.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho pretende mostrar uma interpretação da cobertura jornalística sobre o acidente com o césio 137 em Goiânia, Centro-Oeste, Brasil, ocorrido em setembro de 1987.

Ele está baseado em informações coletadas das notícias de jornais e em entrevistas formais e informais com os principais contaminados, resgatando a palavra desses que passaram à História como as vítimas do acidente nuclear mais sério do Ocidente.

Foram contactados: Devair Alves Ferreira, Wagner Motta, Ivo Alves Ferreira e Dona Lourdes das Neves Ferreira sua esposa; Santana e Edson Fabiano, Ernesto e Dalva Fabiano, Kardec Sebastião dos Santos e Luísa Odete dos Santos, Odeson Alves Ferreira, Teresinha Nunes Fabiano, Juanita Santana Silva, Odete Alves Feijó, mulher de Geraldo Guilherme da Silva, e Roberto Santos Alves.

Meu interesse na pesquisa deriva de um fato pessoal, existencial, que me levou a indagar por que aquelas pessoas se sentiram tão atraídas pelo brilho do césio 137, da mesma forma como queria saber de mim mesma aonde me levaria o luminoso brilho de uma estrela azul do céu. Queria também que, de alguma forma, pudesse transformar este trabalho num grande espelho, onde os meus colegas jornalistas e os estudantes de comunicação pudessem meditar sobre o que é que andamos fazendo de nossa profissão.

Para tanto, precisava saber das próprias vítimas o que teriam a dizer sobre o acidente, em alguns aspectos que foram escolhidos entre as inúmeras notícias publicadas na época do acidente, ou seja, setembro/outubro de 87, e passados sete meses, em abril/maio de 88. Esses aspectos podem ser resumidos em dez itens: 1) o fato como aconteceu;

2) a questão nuclear no Brasil; 3) as expectativas de vida antes e depois do acidente, ou os sonhos que foram roubados; 4) o lixo atômico humano e material; 5) as responsabilidades; 6) a discriminação; 7) as lições; 8) a atração pelo césio; 9) cobaias de experiências científicas; e 10) a cobertura da imprensa.

O trabalho, em sua totalidade, está dividido em quatro momentos principais. O primeiro -- IMAGENS -- mostra como o acidente foi visto por autoridades, instituições e cientistas. O segundo -- CONTAMINAÇÃO -- conta como as notícias na época do acidente e sete meses depois agiram sobre a minha imaginação. O primeiro contato no auge da cobertura e o segundo quando foi iniciado o projeto deste trabalho. Falo da série de imagens que me fizeram indagar se o césio-137 teria sido a representação simbólica da sorte para os contaminados.

A seguir, no MOMENTO III -- ESPELHOS -- são buscados reflexos para a fundamentação teórica e encontrados em James Carey e Steven Feld. No MOMENTO IV -- ROUBADOS EM SEUS SONHOS -- é feito o relato do trabalho de campo em Goiânia, focalizando as entrevistas de três de um total de treze entrevistados, e incluindo uma carta de uma das vítimas cedida pela mesma para fins deste trabalho.

As entrevistas focalizadas são as de Devair Alves Ferreira, Luisa Odete Santos Alves e Wagner Motta. Há ainda a carta que Teresinha Nunes Fabiano enviou a um amigo jornalista. A escolha dessas três entrevistas e da carta também é explicada nesse mesmo MOMENTO, quando a série de imagens iniciais é desfeita e refeita, junto com as vítimas do césio, que se vêem refletidas nas notícias de jornal.

Então vêm as conclusões, resultado de todos os outros momentos, onde também se encontram os conceitos, estabelecidos comparativamente com a antropologia, de notícia, comunicação e momento jornalístico.

Nos anexos poderão ser encontradas as demais entrevistas feitas com as vítimas do césio, e que não constam do corpo do trabalho. Embora de grande interesse, essas entrevistas, se transcritas no corpo do trabalho, acabariam por sobrecarregar demais o texto e diluiriam a mensagem que a tese quer transmitir.

INTRODUÇÃO

O QUE É O CESIO-137¹

O césio, primeiro elemento a ocupar a tabela periódica, foi descoberto em 1860 pelos cientistas Robert Bunsen e Gustav Kirchoff. Ao ser aquecido, o elemento coletado por eles, e até então desconhecido, emitia raios de cor azul celeste. Daí o seu nome caesius, que em latim quer dizer "céu azul".

O césio, nessa versão natural, levou o número de identidade atômica 133. É um metal muito mole, que a 28°C fica líquido, como o mercúrio, e é setenta vezes mais fácil de se achar que a prata, sendo utilizado na propulsão iônica de naves espaciais ou elementos supersensíveis à luz para câmara de TV.

Já o césio 137 é um isótopo artificial criado pelo homem, não existente na natureza. É um subproduto das reações de fissão nuclear nos reatores, resultado da quebra de átomos maiores. É para voltar ao seu estado natural de césio 133 que o césio 137 emite radiações extremamente perigosas para a vida, pois atingem as células humanas, desorganizando a molécula do ácido desoxirribonucléico, o DNA, que é o responsável pelo armazenamento do código genético. As células ficam sem orientação e começam a se multiplicar desordenadamente causando o câncer.

E como o césio tem uma atividade química igual à do potássio, que é normalmente ingerido pelo ser humano nos alimentos e na água, o organismo, enganado pela semelhança, fixa o césio nos tecidos, contaminando e destruindo as células.

1 - Fonte: Revista Isto É, 14 de outubro de 1987, pág.20.

O FATO

A revista Isto É, de 16 de setembro de 1987 publicava uma entrevista com Rex Nazareth Alves, sob o título "Caso de Soberania", e tendo como subtítulo "Pai do programa nuclear não quer proibição da bomba". A reportagem de Paulo Vasconcellos iniciava-se assim:

"O físico carioca Rex Nazareth Alves, 49 anos, se quer teve tempo para comemorar o maior feito nuclear brasileiro: o domínio completo da tecnologia de enriquecimento de urânio, que colocou o Brasil no estrito clube dos países com capacidade de produzir a bomba atômica, anunciado na semana passada pelo presidente José Sarney. Presidente há cinco anos da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) o coordenador do programa secreto que em oito anos consumiu o equivalente a 20 bilhões de cruzados e mobilizou quase quatro mil técnicos e cientistas, 18 universidades e 150 indústrias, Rex Nazareth passou os últimos dias fazendo as malas. Viaja neste domingo para Viena, Áustria, para mais uma reunião anual de Energia Atômica da ONU, onde vai defender a posição brasileira a favor da autonomia nacional no desenvolvimento da tecnologia nuclear" (pág. 72).

Enquanto o presidente da CNEN fazia as malas no Rio, na pacata capital do estado de Goiás -- Goiânia -- a 200 km de Brasília, Roberto Santos Alves, 21 anos, conhecido como Betão, e Wagner Mota Pereira, 19 anos, já padeciam dos efeitos da contaminação radioativa, com vômitos, diarreia, manchas pelo corpo todo e queda de cabelos, após terem retirado de um prédio em ruínas, entre as avenidas Paranaíba e Tocantins, um cilindro de metal, que tentaram abrir a marteladas no barraco da rua 57, onde Betão morava com sua mãe Eunice. Era uma bomba de césio-137 utilizada em medicina nuclear, que havia sido abandonada pelo Instituto Goiano de Radioterapia, sem que o órgão fiscalizador desse tipo de aparelho, a CNEN, tivesse tomado conhecimento.

De acordo com as poucas elucidacões dadas pelos jor-

nais da época, o terreno havia sido comprado pelo Instituto de Previdência e Assistência Social de Goiás (IPASGO), e estava em litígio judicial, tendo sido proibida a retirada do aparelho do prédio abandonado por um oficial de justiça. Havia um guarda tomando conta do edifício, mas naquele fatídico dia 13 de setembro o guarda não estava.

No domingo, 20 de setembro quando o avião do "pai do programa nuclear brasileiro" levantava vôo rumo à Europa, o cilindro de metal contendo a cápsula de césio já estava há dois dias na casa de Devair Ferreira, dono de um ferro-velho na rua 26-A. Ele o havia comprado de Wagner e Betão por Cz\$ 1800,00 (US\$ 36.08, ao câmbio oficial do dia) e foi quem terminou de abri-lo descobrindo, à noite, no escuro, uma luzinha azulada vindo do interior do objeto de metal.

Desse dia até 1º de outubro, quando a notícia da chegada de técnicos da CNEN à capital de Goiás estava nas páginas do Correio Braziliense e na Folha de São Paulo, a pedra luminosa havia sido adorada, repartida, espalhada, carregada em bolso de calça, viajado de ônibus e virado até mesmo tempero de ovo que, sem saber, a menina de seis anos, Leide das Neves, filha de Lourdes e Ivo Alves Ferreira, irmão de Devair, havia comido na hora de jantar.

Rex Nazareth só apareceria em Goiânia no dia 8 de outubro, quando todas as providências para descontaminar as áreas atingidas, isolar os focos e tratar das vítimas já haviam sido tomadas por iniciativa do governo do Estado de Goiás, depois que Maria Gabriela, mulher de Devair, se apresentou no posto da Vigilância Sanitária do Setor Aeroporto, queixando-se da calamidade desconhecida que abatia sua família e funcionários do ferro-velho. Ela e o empregado Geraldo, levaram, junto, de ônibus, o cilindro de metal, envolto num saco plástico.

As 13 horas do dia 29 de setembro a repórter

Raquel Azeredo da TV Goyá dava a notícia no programa "Goiás Urgente". No dia 1º de outubro as vítimas em estado mais grave começavam a ser removidas para o Hospital Naval Marcílio Dias, no Rio. A notícia se espalhava para todos os jornais, estações de TV e Rádios. O mundo ficava sabendo do acidente.

A ida do presidente da CNEN à Goiânia só aconteceu, segundo o Jornal do Brasil depois de um telefonema do governador Henrique Santillo ao Presidente José Sarney, exigindo a presença do responsável pelo órgão. Foi então que o Presidente da República, em seu programa radiofônico "Conversa ao Pé do Rádio", falou sobre o acidente, defendendo a CNEN. Ele determinava à Polícia Federal que prendesse os responsáveis, e autorizava a utilização de uma base militar, na serra do Cachimbo, ao sul do Pará, para servir de depósito do lixo atômico.

Era já dia 9 de outubro. Nesse mesmo dia, em cadeia nacional de TV, Rex Nazareth pedia à população que não discriminasse cidadãos nem produtos de Goiânia, garantindo que o quadro era de absoluto controle.

No dia 10 os jornais publicavam uma nota oficial do governo de Goiás sob o título "A Radioatividade em Goiânia" que explicava as providências tomadas: 24 pessoas internadas, cinco com risco de vida; 25 casas isoladas; assistência às famílias retiradas (ao todo 142 pessoas) e isolamento dos focos que correspondiam a uma área de dois mil metros quadrados, num município com 929 km² e uma população de 1,2 milhão de habitantes.

A "autonomia nacional no desenvolvimento da tecnologia nuclear" estava bem defendida em Viena. Só não estava do próprio povo brasileiro que, na sua humildade e ignorância, havia causado "o pior acidente nuclear depois de Chernobyl", espalhando pelas casas, ruas e moradores de Goiânia um pozinho brilhante e aparentemente inofensivo, que

parecia um pedaço azul do céu.

No dia 14 de outubro o Presidente Sarney visitava as vítimas internadas em Goiânia e encaminhava projeto de lei ao Congresso, determinando a criação, em cada Estado, de "depósito destinado exclusivamente à estocagem intermediária dos rejeitos radioativos oriundos das atividades na saúde, indústria, agropecuária e pesquisa". O Presidente voltava atrás da sua decisão anterior de colocar os rejeitos radioativos na Serra do Cachimbo, devido aos protestos dos índios em Brasília e dos paraenses na procissão do Círio de Nazaré, em Belém. Mas seu projeto recebeu substitutivo do deputado Fernando Cunha (PMDB-GO), transferindo a responsabilidade do lixo para o Governo Federal. E um ano depois do acidente, quando foi iniciado este relato, nada havia sido decidido pelo Congresso.

Em 23 de outubro morriam no Rio a menina Leide das Neves e sua tia Maria Gabriela. No dia 27 morria também o empregado de Devair, Israel Batista dos Santos, e no dia 28 Admilson Alves de Souza, outro empregado de Devair.

Em 29 de outubro a Polícia Federal informava que o presidente da CNEN, Rex Nazareth podia ser indiciado no inquérito instaurado para apurar os responsáveis pelo acidente. No dia 5 de novembro a PF informava que "a omissão de fiscalização por parte dos órgãos do governo contribuiu para o acidente".

O lixo radioativo foi acondicionado em containers e colocado em Abadia de Goiás, a céu aberto, totalizando 3,4 mil toneladas. Os moradores das proximidades se revoltaram e no dia 18 de novembro o Presidente Sarney e o governador de Goiás, Henrique Santillo, visitavam Abadia, a 20 km do centro de Goiânia.

Em 9 de dezembro de 87 a juíza federal Orlanda Luíza

de Lima Ferreira acatava a denúncia formulada pela Procuradoria da República contra os indiciados no inquérito da PF: os médicos donos do Instituto Goiano de Radioterapia (IGR), Orlando Alves Teixeira e Criseide de Castro Dourado. Também foram acusados: Carlos de Figueiredo Bezerril (dono da cápsula de césio), o físico Flamarion Barbosa Goulart (responsável pela cápsula) e o médico Amaurillo Monteiro de Oliveira (ex-dono da bomba de césio).

Eles foram defendidos pela associação Médica Brasileira (AMB) e pelo Colégio Brasileiro de Radioterapia (CBR) que entenderam não terem sido os médicos os únicos responsáveis pelo acidente, mas também os outros envolvidos na disputa judicial pelo prédio do IGR, e as autoridades que deveriam fiscalizar o aparelho.

Em fevereiro de 88, o governo de Goiás, preocupado com os problemas sociais e científicos gerados a partir do acidente com o césio, criava a Fundação Leide das Neves Ferreira, que já tinha cadastradas 357 famílias para atendimento médico, odontológico, psicológico e manutenção.

Somente em 15 de julho de 88 a CNEN concluiu o inquérito administrativo que apontou o IGR como o único responsável pelo acidente porque "negligenciou o funcionamento do sistema de controle físico da instalação".

Em 06 de setembro de 88 o governador Henrique Santillo foi a Brasília pedir ao presidente Sarney uma solução para o lixo atômico, sendo informado de que uma comissão seria criada para estudar o caso.

Em 23 de setembro O Globo noticiava que a Comissão Consultiva para Rejeitos Radioativos do Conselho Superior de Política Nuclear havia sido empossada no dia anterior no Palácio do Planalto, e que visitaria Goiânia no dia 27 para discutir com o governador do Estado uma solução definitiva para o problema do lixo.

No dia 28 de setembro, enquanto era instalado em Goiânia o I SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE O ACIDENTE RADIOATIVO COM O CÉSIO-137, promovido pela Fundação Leite das Neves, os jornais publicavam os primeiros resultados da ida da Comissão Consultiva a Goiânia: "os rejeitos em Abadia estão seguros apesar de alguns focos já de corrosão dos conainers. Critérios de caráter técnico e social serão estabelecidos para a escolha da área definitiva, com o máximo de urgência".

PROCEDIMENTOS

Os procedimentos adotados para a realização deste trabalho podem ser situados dentro da chamada "pesquisa qualitativa" (Christians e Carey, 1981) dos estudos de comunicação, num processo interpretativo progressista e dialético possível pela observação naturalística, pela contextualização, pelas comparações maximizadas e pela elaboração de conceitos.

A observação naturalística foi feita junto às principais vítimas do acidente com o césio-137 em Goiânia, na primeira semana do mês de julho de 88. O levantamento bibliográfico sobre o assunto e a leitura das notícias de jornais publicadas na "grande imprensa"² sobre o acidente nuclear de "Goianobyl" permitiram contextualizar e maximizar comparações. E do processo reflexivo como um todo surgiram os conceitos de notícia, comunicação e momento jornalístico.

Antes da viagem para o trabalho de campo em Goiânia, foram escolhidas notícias de jornais de duas épocas diferentes para serem mostradas aos contaminados: setembro/outubro de 87, quando todos estavam no hospital, e abril/maio de 88, quando todos já estavam em casa, com exceção dos quatro mortos, Leide das Neves Ferreira (6 anos), Maria Gabriela Ferreira (30 anos), Israel Batista dos Santos (32 anos) e Admilson Alves Souza (18 anos).

2 - Grande Imprensa -- o termo é adotado aqui para definir órgãos de empresa capitalista que produzem informação de interesse geral, não especializada. Para melhor visão do termo ver "O Pasquim-Hebdo d'Humour Brésilien", tese de Doutorado de José Luis Braga, Universidade de Paris II, 1984.

Desse modo, as notícias de jornais também foram utilizadas na observação naturalística, como um espelho que, frente aos contaminados, os fizesse refletir de maneira crítica sobre os fatos que haviam vivenciado, e também refletisse suas emoções, atitudes e expectativas, imaginação e expressão de sentimentos, relacionados ao contato com o cé-sio.

Na volta de Goiânia foi feito um novo levantamento das notícias publicadas nos jornais naquele mês, e ainda um último nos dias 13 de setembro de 88 (data do aniversário do acidente) e 28 de setembro de 88, um ano depois do acidente ter vindo a público, e 1º de outubro de 88, um ano depois do início da cobertura jornalística sobre o acidente, arquivada na Assessoria de Imprensa do extinto Ministério das Minas e Energia. Isso foi feito de forma a possibilitar também comparações.

Os jornais e revistas que serviram de base a este trabalho foram: Correio Braziliense, Jornal de Brasília e Correio do Brasil, de Brasília; Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, de São Paulo; O Globo, Jornal do Brasil e Tribuna da Imprensa, do Rio de Janeiro; Estado de Minas, de Minas Gerais, e as Revistas Isto É, Veja e Afinal, editadas em São Paulo.

Nos arquivos do então Ministério das Minas e Energia não constavam recortes de jornais de Goiânia sobre o acidente radioativo. Desta forma, não foram utilizados neste trabalho, o que não trouxe prejuízo a este, uma vez que não há o objetivo de comparar a cobertura local da cidade com a dos principais centros do País.

Ao serem apresentadas as notícias às vítimas não houve nenhuma preocupação com uma ordem pré-estabelecida, seja por data ou por assunto. O manuseio do "espelho" foi feito segundo a vontade dos entrevistados, espontaneamente, de

forma que pudessem se deter nas notícias que lhes tocassem mais, manifestando assim seu subjetivismo. Em alguns momentos houve um estímulo para que lessem esta ou aquela notícia.

As perguntas feitas aos contaminados não tiveram a preocupação de buscar coerência a possíveis contradições em suas falas, ou de esclarecer pontos obscuros na cobertura jornalística. O interesse estava em que a fala deles fosse a mais espontânea possível, frente ao espelho das notícias. Somente dentro dessa espontaneidade poderia ser feita alguma pergunta, visando sempre às indagações a que se propunha responder a pesquisadora.

Em seus depoimentos frente às notícias, as vítimas fazem acusações aos governos federal e estadual, à Fundação Leide das Neves, aos médicos, autoridades públicas, políticos, órgãos públicos como a CNEN e aos jornais e jornalistas.

Para não tornar este trabalho unilateral, vai-se iniciar com a abordagem da literatura especializada, onde são feitas referências a diversos relatórios oficiais e manifestos de entidades sobre o acidente com o césio, o que deve suprir a lacuna proposital de não terem sido entrevistados os representantes de nenhuma instituição. Isto porque as autoridades, entidades, órgãos públicos e políticos sempre tiveram espaço nos jornais, e em se tratando da cobertura jornalística sobre o acidente com o césio-137 foram sempre os que apareceram. As vítimas, pela contingência do isolamento e até mesmo do silêncio imposto (ver anexo 6, entrevista nº 3, pág. 224), não tiveram o mesmo espaço nos jornais.

Quanto aos jornalistas, as acusações feitas pelas vítimas vieram contribuir para um dos objetivos deste trabalho, que é o de torná-lo um espelho onde a categoria dos

profissionais de imprensa possa se refletir e buscar uma mu
dança para melhor no exercício da profissão.

MOMENTO I

IMAGENS

"We are such stuff as dreams are made on"

W. Shakespeare

Este capítulo pretende abordar algumas diferentes imagens do acidente de Goiânia, visto sob os olhos de cientistas, autoridades e instituições: a CNEN, através do relatório de seu presidente Rex Nazareth, apresentado em 10 de março de 1988 à Comissão Parlamentar de Inquérito do Senado Federal; a Superintendência Estadual do Meio Ambiente de Goiás -- SEMAGO; a Fundação Leide das Neves Ferreira, a Sociedade Brasileira de Física, a Associação dos Empregados da CNEN.

Serão Vistas as opiniões de físicos e de secretários do governo de Goiás; o artigo de David Simon sobre os "Caminhos e Descaminhos da Energia Nuclear" no Brasil e algumas informações adicionais sobre o programa paralelo de energia nuclear desenvolvido sob a égide dos militares.

E, para completar estas imagens, ver-se-á, de forma resumida, o que foi a mesa redonda sobre "A Atuação das Instituições" que abriu o I Simpósio Internacional sobre o Acidente Radioativo com o Césio-137 em Goiânia, promovido pela Fundação Leide das Neves no dias 28, 29 e 30 de setembro de 1988, na capital goiana.

Embora não houvesse a intenção de abordar especificamente a questão da participação dos meios como jornais, rádio e televisão, alguns participantes da mesa redonda não escaparam a algumas análises, como o secretário de saúde Antonio Faleiros e o coordenador dos debates, Dr. John Petterson, que apresentou um resumo de seu estudo intitulado "Enduring Socioeconomic Impacts: A Report on the Follow-up Study of the Radiological Accident in Goiânia, Brazil".

I.1 Relatório da CNEN

O Senado Federal quis mostrar serviço e abriu mais uma de suas incontáveis comissões parlamentares de inquérito. E lá se foi o presidente da CNEN, Rex Nazareth, com um relatório de cento e dez páginas, falando sobre as providências tomadas a partir da notificação do acidente.

O relatório fornece uma cronologia do acidente radioativo, desde a autorização dada pela CNEN para importação da fonte de césio 137, no dia 17 de junho de 1971, até o dia 21 de dezembro de 87, quando os mais de 200 membros das equipes da CNEN que trabalhavam em Goiânia voltaram às suas cidades de origem após haverem concluído a limpeza das áreas contaminadas.

É interessante notar que, entre a autorização de importação da fonte e a remoção indevida da unidade de cesioterapia do IGR, no dia 13 de setembro de 87, não há nenhuma data indicando algum tipo de fiscalização do aparelho pelo órgão que deu a autorização.

O relatório de Rex Nazareth segue em sete capítulos abordando a avaliação da extensão do acidente e os primeiros socorros; o atendimento médico-hospitalar às vítimas; a operação de descontaminação; os efeitos radioativos decorrentes do acidente; as equipes de trabalho e cooperação técnica; equipamentos; limites e recomendações de radioproteção.

O relatório não deixa dúvidas sobre os esforços dos 244 técnicos da CNEN e os 125 de outros órgãos como Furnas Centrais Elétricas, Nuclebrás, CDTN (Centro de Desenvolvimento e Tecnologia Nuclear de MG), Nuclei (Nuclebrás Enriquecimento Isotópico), Escola de Instrução Especializada do Exército e Ministério da Marinha, além dos 80 profissionais

especializados da área biomédica, sendo 25 médicos.

Em atividades diversas de apoio, transporte, mão de obra e engenharia civil trabalharam cerca de 300 pessoas oriundas das Forças Armadas, Secretaria de Estado de Goiás, empresas contratadas, Universidade F. de Goiás, Defesa Civil do Estado do Rio de Janeiro e voluntários locais. Também colaboraram em diferentes atividades peritos brasileiros de Universidades, Institutos de Pesquisa e Secretarias de Estado, além de 13 peritos estrangeiros, dos quais oito médicos, quatro técnicos da área de proteção radiológica e um da área de rejeitos.

No meio de tanta gente, organizadas em cinco equipes na fase inicial, e dezessete na fase complementar de descontaminação e limpeza, isto é, após a triagem, monitoração de pessoas e isolamento dos focos, não há menção no relatório sobre qualquer equipe ou ao menos uma encarregada de organizar e distribuir a informação a ser prestada ao público, que acabou sendo dada por nada menos que 111 fontes diferentes, só na primeira semana, conforme levantamento feito pela autora, nos jornais citados no anexo 5.

A Explicação de Rex Nazareth para o agravamento das proporções do acidente é dada logo na introdução, e relaciona-se ao "tempo decorrido entre o evento e sua notificação às autoridades", contribuindo para a dispersão do césio. Não há qualquer observação do Presidente da CNEN sobre o papel da informação prestada ao público, e a forma como ela foi feita -- sem qualquer preparo prévio -- contribuindo para a dispersão do pânico entre a população.

Como diz o relatório, a CNEN tomou conhecimento do acidente através de um telefonema do físico Walter Mendes, para o Departamento de Instalações Nucleares, no dia 29 de setembro de 87, às 15 horas, por solicitação do Secretário de Saúde de Goiás, Antonio Faleiros.

As 0,30 horas do dia 30 de setembro já estavam em Goiânia o diretor do DIN, acompanhado de técnicos de radioproteção do IPEN, que em companhia dos diretores do IGR se dirigiram até a Av. Paranaíba nº 1587, onde, segundo os registros, estaria localizada a fonte. Chegavam apenas 16 anos atrasados para a primeira fiscalização do aparelho.

Ao amanhecer do dia 30 os principais focos já estavam isolados. Eram sete ao todo. Mais tarde apareceu mais um. A CNEN tinha a informação, mas os jornais, conforme ver-se-á, não puderam divulgá-la no momento preciso, o que gerou inúmeras especulações, tendo como consequência o agravamento das proporções do acidente, a nível de percepção do público.

A esse respeito, o Secretário de Saúde de Goiás, Antonio Faleiros, deu-me pessoalmente a sua versão. Ele afirmou que a grande imprensa não deu as informações que poderiam acalmar a opinião pública porque queriam vender jornal. Entre essas informações o Secretário colocou o mapa dos focos de contaminação que, segundo ele, foi dado a conhecer aos jornalistas no quarto dia de cobertura. Para Antonio Faleiros, "o pânico em Goiânia chegou ao auge depois que a apresentadora de TV Hebe Camargo falou um monte de besteiras em seu programa no SBT, mais ou menos no dia 8 de outubro". O Secretário também apontou como causa da discriminação em Goiânia a reportagem da Revista Isto É, de 14 de outubro de 87, sob o título "Goiânia Nunca Mais".

Voltando ao relatório, ele fornece dados que os jornalistas lutaram por conseguir na época como, por exemplo, o número exato das residências contaminadas, que chegou a 46. Ou o número de pessoas expostas à radiação -- inferior a 1000. E ainda o número dos logradouros públicos contaminados, que chegou a 45.

E os dados sobre o diagnóstico e triagem das vítimas

para internação hospitalar a CNEN também tinha. Mas os jornais não conseguiam a informação. Ao todo eram dez pacientes no Hospital Naval Marcílio Dias do Rio, e mais dez no Hospital Geral de Goiânia (INAMPS). As internações foram baseadas nos critérios de gravidade das radiodermites e na intensidade da contaminação interna e externa.

Mais 30 pessoas que habitavam perto dos focos principais ou que eram parentes das vítimas ficaram alojadas em uma "unidade primária de atendimento (FEBEM), sob supervisão médica constante, com o objetivo de serem descontaminadas", diz o relatório. Além disso, foram incluídos mais 50 pacientes num programa de acompanhamento ambulatorial. Essas pessoas haviam sido monitoradas no Estádio Olímpico, e eram, em sua maioria, conforme diz o relatório, provenientes da Divisão de Vigilância Sanitária, do Corpo de Bombeiros, da Polícia Militar e parentes das vítimas. O total era de 100 pessoas em tratamento.

Nos itens referentes à descontaminação de residências e de logradouros, o relatório da CNEN fornece e outros dados como, por exemplo, a de que "os moradores não aceitavam a permanência de qualquer parte estrutural da residência, móveis, utensílios ou vestimentas que apresentassem um nível de contaminação mensurável".

Outro exemplo: "O trânsito de pessoas é de carinhos de catadores de papel contaminados pelas ruas e calçadas da cidade, e a ressuspensão e dispersão de poeira contendo césio-137, pelo vento, bem como a disseminação pela chuva, permitiram que o material radioativo atingisse a muitos logradouros, embora com baixa intensidade".

Essa informação, mal explicada, gerou as notícias sensacionalistas sobre água contaminada em Goiânia devido à chuva, como se verá.

O relatório também dá uma descrição de como eram as residências das vítimas: "eram construções modestas de

Alvenaria, com vários cômodos pouco espaçosos e cobertura de telhas sem qualquer forração. Os pisos, com poucas exceções, eram de cimento com corante vermelho (óxido de ferro), popularmente conhecido como "vermelhão". O quintal das residências não apresentava, de modo geral, qualquer benfeitoria. A totalidade das residências era servida por eletricidade e apenas algumas possuíam redes de esgoto e água tratada".³

Sobre o depósito transitório de rejeitos, diz o relatório que foram construídas nove plataformas de concreto, com dimensões de 60m x 18m x 0,2m, para colocação de embalagens, e que foram considerados aspectos da garantia da qualidade da drenagem, proteção física, iluminação, infraestrutura, instalações sanitárias e acesso de veículos.

Diz ainda que "um modelo matemático foi desenvolvido em computador para fornecer dados de níveis de exposição, inventário do material recolhido e armazenado, e garantir que a taxa de exposição externa, na cerca da área de exclusão, não ultrapasse a taxa limite para o público de 300 mrem/ano. (...) Os tambores foram dispostos com lonas impermeáveis. Para que as atividades operacionais se processassem com segurança foram previstos corredores de circulação. (...) Usando o modelo matemático, foi possível distribuir as embalagens mais ativas no centro das bases e as menos ativas na periferia, resultando em uma minimização das taxas de exposição nas adjacências de cada plataforma".

A respeito desse depósito provisório de rejeitos radioativos, o físico Joaquim Francisco de Carvalho, da Companhia Energética de São Paulo -- CESP -- e presidente da Comissão Consultiva sobre Rejeitos Radioativos do Conselho Superior de Política Nuclear do governo Sarney, garantiu que

3 - Ver anexos.

foram construídos dentro da melhor técnica e, portanto, não irão permitir tão cedo o vazamento de seus conteúdos.

O mesmo físico havia escrito um artigo na revista Ciência Hoje, intitulado "Lixo Atômico, o que fazer?" (maio/junho de 1984, pág. 19) quando ainda não era presidente da Comissão Consultiva criada em setembro de 1988 pelo presidente Sarney. No artigo ele dizia:

"Qualquer análise comparativa dos riscos inerentes ao descarte em instalações superficiais e em formações geológicas leva-nos a ponderar que, se os resíduos forem colocados a grande profundidade -- pelo menos a algumas centenas de metros -- ficam bem mais protegidos de atos decorrentes da atividade humana que em instalações construídas na superfície, por mais bem guardadas que estas sejam. (...) O problema está aí, e não pode ser tratado indefinidamente de maneira provisória".

Quatro anos depois, aos jornalistas, o físico disse:

"Vamos estabelecer uma série de critérios de caráter técnico e social, para a escolha da área definitiva que receberá os rejeitos radioativos do País. Isso nós vamos fazer com a máxima urgência, para atender aos apelos do governador Henrique Santillo, que quer a retirada do lixo radioativo das proximidades de Goiânia no menor prazo possível" (Correio Braziliense, 28/09/88).

Até a presente data já se passaram mais de dois anos e o lixo provisório em Abadia continua lá.

A pastilha de césio que ocasionou o acidente nuclear de Goiânia tinha 3,6 cm de diâmetro e 3,0 cm de altura. No item "inventário da fonte", o relatório da CNEN não fornece dados exatos, apenas estimados, de quanto césio foi absorvido, e quanto foi recuperado.

Para fazer o cálculo, os técnicos da CNEN se basearam em hipóteses sobre as quais foi desenvolvido um programa de computador. Foram somados a atividade do material contido nas 1400 caixas, 3.800 tambores, 10 containers e 6 blindagens de concreto descartáveis dos rejeitos de Abadia até fevereiro de 1988, com o resultado do material dos

rejeitos do Hospital Naval Marcílio Dias. O resultado foi:

Valor mínimo mais provável: (1202 ± 261) Curies

Valor máximo mais provável (1266 ± 274) Curies

O relatório também fala no comportamento do césio no meio ambiente -- terra, ar e água --, e nas análises feitas pelo que foi chamado de Monitoramento Ambiental, que vamos ver a seguir.

I.2 Monitoramento Ambiental

O dossiê elaborado pela Superintendência Estadual do Meio Ambiente -- SEMAGO -- apresenta o resultado do trabalho realizado durante o primeiro ano pós-acidente radioativo, ou seja, de setembro de 1987, a setembro de 1988.

Além da SEMAGO, também participam desse Programa técnicos da CNEN e da Companhia de Tecnologia e Saneamento Ambiental de São Paulo -- CETESB. O trabalho consiste no acompanhamento e monitoramento dos níveis radiométricos em Goiânia, nas áreas diretamente afetadas, suas adjacências e no depósito transitório em Abadia de Goiás.

O dossiê informa que, no primeiro ano pós-acidente, foram coletadas mais de 2.800 amostras de água e sedimentos do fundo dos rios e córregos, resultando em aproximadamente 8.500 resultados de análises radiométricas. O monitoramento abrange os cursos d'água, e rede de esgotos, galerias de águas pluviais, ruas e avenidas, logradouros e vazadouros de lixo.

Também diz que, o Programa de Monitoramento avalia com exatidão as taxas de césio-137 lançado na atmosfera na época do acidente pelas condições meteorológicas, como velocidade e direção dos ventos dominantes, nível de precipitação pluviométrica e umidade relativa do ar. E já que, uma vez disperso no meio ambiente, o césio pode atingir os vegetais por via aérea através das folhas e caule, ou por absorção pelas raízes, são tomadas amostras de folhas, frutos e hortaliças para avaliar os níveis de contaminação.

Amostras de solo das áreas afetadas são coletadas e analisadas para verificar os traços de radiocontaminação. A equipe do Programa também recolhe rotineiramente várias espécies de peixes da Bacia do Rio Meia Ponte, no trecho que vai de Goiânia até a Usina Hidroelétrica do Rochedo, em

Piracanjuba. No mesmo trecho também são recolhidas as amostras de sedimentos.

Para assegurar a qualidade da água servida a Goiânia pelos sistemas do Rio Meia Ponte e do Ribeirão João Leite, foram coletadas e analisadas amostras nos pontos de captação, em três reservatórios e em uma estação de tratamento. Da mesma forma, a rede de esgoto que serve a região dos focos de contaminação, e a que recebia os despejos dos hospitais onde as vítimas foram e são tratadas vêm sendo sistematicamente rastreadas com sondas de alta sensibilidade, conforme o dossiê.

A SEMAGO diz que o monitoramento continuará sendo feito ao longo de vários anos, a nível de rotina, uma vez que "os níveis de radiação em Goiânia permanecem absolutamente normais, após a descontaminação das áreas atingidas e a remoção dos rejeitos para o depósito especialmente construído".

I.3 Os Empregados da CNEN

Em novembro de 87 a ASSEC -- Associação dos Empregados da CNEN -- divulgou um documento com a posição dos associados sobre o acidente de Goiânia. Partes desse documento foram publicadas no suplemento da Revista Ciência Hoje, "Autos de Goiânia". Nele os funcionários da CNEN consideram o acidente com o césio "um descaso das autoridades com relação à garantia da qualidade de vida da população e da preservação do meio ambiente".

A ASSEC revela uma inversão de prioridades nos programas tecnológicos da CNEN, em que a proteção e segurança à população ficam em plano secundário, graças ao programa nuclear paralelo.

Esse Programa Nuclear Autônomo, como também é chamado, centralizou as decisões e monopolizou as pesquisas, consagrando o Conselho de Segurança Nacional e Forças Armadas no papel de direcionamento das atividades da CNEN, ao mesmo tempo que impediu a participação dos técnicos da própria CNEN e de segmentos da sociedade nas decisões referentes ao desenvolvimento da energia nuclear no Brasil.

A ASSEC propõe no documento que, entre outras coisas, "a política nuclear brasileira seja amplamente discutida, com participação efetiva da comunidade científica e da sociedade, e que o programa nuclear brasileiro seja controlado e fiscalizado pelo Congresso Nacional".

I.4 Fundação Leide das Neves Ferreira

Com a preocupação de acompanhar de forma ampla todos que, direta ou indiretamente se envolveram com o acidente radioativo, o governo do Estado de Goiás criou na época mais crítica (outubro de 87) um Núcleo de Apoio Social. Esse núcleo era formado por uma equipe de diversos órgãos, como a Secretaria de Desenvolvimento Social, Legião Brasileira de Assistência, Secretaria de Saúde, Consórcio Rodoviário Intermunicipal e Fundação Municipal de Desenvolvimento Comunitário.

Esse núcleo cedeu lugar à Fundação Leide das Neves Ferreira em fevereiro de 88, congregando médicos, dentistas, psicólogos, assistentes sociais e especialistas em hematologia, nutrição e pesquisa. Ela é formada por um conselho superior, por uma diretoria e sete núcleos: o núcleo médico, o núcleo de laboratório e enfermagem, o núcleo de nutrição, o de odontologia, o de serviço social, o de psicologia e o núcleo de apoio administrativo, o maior de todos, e mais quatro motoristas.

A filosofia da entidade é norteadada por "critérios humanísticos e de interesse científico" (cf. Relatório da Fundação Leide das Neves, julho 88). "Sob o aspecto científico, a Fundação revela-se um centro de estudos único no mundo pelo ineditismo que cercou o Acidente de Goiânia, desde as condições de manipulação do material radioativo até a categoria sócio-econômica das vítimas mais diretamente atingidas" (*ibidem*).

Como resultado de todo um trabalho produzido inicialmente pelo Núcleo de Apoio Social, na época crítica do acidente, a Fundação Leide das Neves elaborou até o momento três relatórios -- um em novembro de 87, outro em julho de 88 e um último em setembro de 88, um ano depois.

Através desses relatórios têm-se uma idéia de todo o trabalho feito desde outubro de 87 até se completar um ano do acidente. São 357 famílias cadastradas que, de algum modo, foram envolvidas no acidente e que recebem assistência médica, psicológica e social.

A equipe de assistência social realizou um trabalho enorme e importantíssimo: o cadastramento das vítimas, com fichas individuais abordando o envolvimento no acidente: a orientação e acompanhamento de casos das vítimas, nas altas médicas, na volta às residências; apoio psiquiátrico; reposição de documentos pessoais; buscas e denúncias de áreas contaminadas e/ou com suspeita de contaminação; monitoração em domicílios com a equipe da CNEN, para evitar novo pânico; monitoração e orientação aos menores catadores de papéis que se escondiam da polícia e dos técnicos da CNEN; palestras para esclarecer o público; e, o arrolamento dos bens das vítimas que viraram lixo atômico.

A equipe de nutrição elaborou após estudo feito com as famílias vitimadas pelo césio, uma proposta de cesta básica para as mesmas, onde constam 16 itens de alimentos e a frequência da entrega às famílias. Desses 16 itens, as famílias estavam recebendo semanalmente em julho de 88, por ocasão da pesquisa de campo: uma cesta com apenas cinco itens de alimentação e dois itens de limpeza e higiene, ou seja, arroz, feijão, açúcar, óleo, bombril, leite em pó e sabão em barra.

Quando estive com as vítimas do césio por essa época, a carne, o leite e o pão estavam sendo dados em separado, e havia a promessa de que, logo, logo, haveria verduras.

O Relatório de julho de 88 da Fundação afirma que duas casas haviam sido adquiridas para duas vítimas, e mais sete estavam em andamento, com verba repassada à Fundação, para este fim específico pelo Governo do Estado de Goiás.

Por outro lado, tendo em vista a situação sócio-econômica e clínica das vítimas, 22 pessoas estavam recebendo até dois salários mínimos, sendo que algumas receberam também outros benefícios como pensões e auxílios doença.

I.5 Opiniões

No mesmo relatório de julho de 88, a Fundação Leide das Neves apresenta depoimentos de coordenadores, médicos, supervisores e secretários de Estado, que fazem um relato e uma avaliação do que foi o seu trabalho na época mais crítica do acidente.

Serão extraídos desses relatos apenas aqueles que, em algum ponto fazem referência ao trabalho relativo à informação, por estarem mais diretamente relacionados com os objetivos desta dissertação.

Inicialmente vejamos o que diz o Secretário Adjunto de Comunicação do Governo do Estado de Goiás, jornalista Edson José Ferrari, que também é membro do Conselho Superior da Fundação:

"De início não tínhamos uma noção muito clara do que era o acidente, suas conseqüências, seus danos e principalmente, os prejuízos que traria para toda população da cidade e do Estado. A Secretaria de Comunicação foi acionada no dia 29 para, junto com os jornalistas, levantar dados sobre o acidente. (...) A SECOM passou a prestar informações para jornais, revistas, rádios e televisões do mundo inteiro. O Governador Henrique Santillo determinou uma postura de transparência na informação. A população tinha o direito de saber o que estava acontecendo em nossa cidade. (...) Diariamente sempre às 16 horas, o Professor Rozenal, o Secretário de Saúde Antonio Faleiros e cientistas que estavam em Goiânia, prestavam todas informações solicitadas pelos jornalistas. (...) Alguns fatos curiosos aconteceram durante essas entrevistas. Todos eles perfeitamente compreensíveis, diante da desinformação sobre acidentes radioativos. (...) Fato que me deixou bastante intrigado foi a interpretação que alguns jornalistas deram à fala do professor Rozenal, que falou da possibilidade, embora remota, de contaminação do lençol freático de Goiânia. No outro dia, manchetes de primeira página de jornais de circulação nacional traziam, como se de fato acontecera, a contaminação dos rios que abastecem Goiânia.

Depois propusemos à emissoras de rádio de Goiânia que fizessem uma rede para abrir seus canais, e com a participação de técnicos da Secretaria da Saúde, CNEN e SEMA, a população perguntasse e fosse respondida em suas dúvidas. O programa durou aproximadamente duas horas e meia e foram esclarecidas mais de duzentas questões".

Halim Antonio Girade, então Presidente da Fundação Leide das Neves e Superintendente de Ações Básicas de Saúde de Estado:

" (...) Foram dias de angústia, e que somente melhoraram depois de pronunciamentos, tanto do Governador quanto do Secretário de Saúde, bastante sinceros, sobre o que estava acontecendo. Ao mesmo tempo, pouco depois, o Secretário Faleiros, juntamente com Carlos Eduardo Almeida da CNEN faziam um programa de rádio e televisão, em cadeia, onde tentavam tirar as dúvidas da população, além de informá-la. Paralelamente a isto, sentíamos a falta de experiência dos técnicos que aqui vieram, o que, diga-se de passagem, era natural, pois não tinham vivido algo semelhante até então. Os técnicos brigavam constantemente entre si. (...) O sofrimento e a angústia passados não podem ser esquecidos, os conhecimentos acumulados não poderão ser perdidos. Eles poderão ajudar para que outras pessoas não passem pelo sofrimento e angústia que passamos. Hoje Goiânia está livre deste pesadelo, e continua muito bonita. Não estamos ainda livres do Repositório Radioativo nem de uma política de energia nuclear confusa e muitas vezes absurda".

Harlem Inácio dos Santos, então Superintendente do Meio Ambiente do Estado de Goiás:

" (...) Ao longo do período mais crítico, durante o qual a cidade chegou a viver momentos de pânico, emitimos cerca de nove boletins, mostrando, através de análises comprobatórias, que não havia nada o que temer quanto ao risco de contaminação das nascentes hídricas que abastecem a cidade. Debates com a imprensa, em coletivas, reportagens etc., mostrando que não havia necessidade da cidade ser evacuada e tentando acalmar a população quanto aos riscos reais a que estavam expostos". (...) A SEMAGO também colaborou de maneira mais direta, quando do acidente, trazendo à Goiânia

técnicos da SETESB, de São Paulo, com o objetivo de ajudar a esclarecer a população. (...) Esclarecimentos com vistas aos mais variados problemas, desde a contaminação, até animais domésticos que morriam por causas naturais, e pensava-se serem vítimas da radiação. (...) A forma como o césio se espalhou, através das relações sociais existentes entre diferentes grupos, e os efeitos diferenciados deste por entre os atingidos, por certo são de uma importância extrema e deverão ser constantemente avaliados".

Antonio Faleiros, então Secretário de Saúde de Goiás:

" (...) Quero deixar bem claro que em nenhum momento soneguei alguma informação à imprensa. Nunca escondemos nada, muito pelo contrário. Desde o primeiro momento contamos tudo... Infelizmente houve um princípio de pânico coletivo. Mas usamos todo o poder dos veículos de comunicação, orientando, respondendo dúvidas, esclarecendo. Foi a opção que tomei e considero uma das mais acertadas da minha vida. (...) A questão do acidente chama à memória sobre a questão da energia nuclear no Brasil. Nós não podemos manter as questões nucleares fora da comunidade científica. A Comissão Nacional de Energia Nuclear foi sempre responsável pela fiscalização, mas é bom lembrar que esta comissão foi criada durante os anos de arbítrio, e que nem sempre foi aberta à comunidade científica. Ela tem que, obrigatoriamente ser aberta à sociedade. Quando do acidente, logo imediatamente, nós assinamos um convênio entre a CNEN, Ministério da Saúde e Ministério do Trabalho, isto para que fosse criado o Sistema de Controle de Fontes Radioativas. Eu posso garantir que o Estado de Goiás fez o cadastramento das fontes radioativas dentro do seu território, mas às nossas custas. Nem um dos outros ministérios participaram com a sua cota parte. Acredito que sejamos o único Estado que tenha feito o cadastramento proposto. Nem um outro o fez. A nossa preocupação é de que, passados alguns anos, tudo seja esquecido" (...).

Nos "Autos de Goiânia" o suplemento da Revista Ciência Hoje, de março de 88, também pode-se recolher algumas opiniões, como a do Diretor da coordenação dos Programas de

Pós-graduação em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Luiz Pinguelli Rosa, que é também integrante da Comissão de Acompanhamento da Questão Nuclear da Sociedade Brasileira de Física. Ao ser perguntado sobre a lição que pode ser tirada do acidente de Goiânia, respondeu:

"Não ficou nada. Nada vai mudar. Passado o impacto tudo permanece como antes. Faz parte da tradição da República brasileira. As pessoas vão morrer de câncer e ninguém avalia a dimensão disso. Depois do acidente de Chernobyl, houve uma discussão sobre segurança nuclear, da qual participei, que incluiu o Ministro das Minas e Energia, os presidentes da CNEN e da Nuclebrás. Elaboramos um relatório que previa mudanças e elas nunca foram implementadas. Segundo consta, foram vetadas pelo Serviço Nacional de Informações (SNI)".

I.6 Programas Nucleares Brasileiros

Em seu Boletim Informativo de março de 88, a Sociedade Brasileira de Física publicou um manifesto sobre o acidente de Goiânia. Os físicos do país colocavam três questões básicas:

1º) perguntavam que ações estavam sendo consideradas para apurar as responsabilidades dentro da esfera executiva do governo, e que mudanças estruturais estavam sendo adotadas para garantir a prevenção de acidentes como o de Goiânia;

2º) criticavam o fato de não terem sido ouvidas as recomendações de entidades científicas e comissões oficiais para a criação de um órgão independente com o objetivo de fiscalizar as atividades nucleares no País.

3º) questionavam se existem recursos humanos e materiais adequados para uma efetiva proteção radiológica da população brasileira.

Convém lembrar que, em agosto do ano de 88 o presidente José Sarney criou o Conselho Superior de Política Nuclear (CSPN), formado por todos os ministros de Estado, mais a CNEN e três cidadãos brasileiros, com a finalidade de assessorá-lo na formulação da política nuclear. Este Conselho tem diversas comissões consultivas, uma das quais -- a de Rejeitos Radioativos -- iniciou o seu trabalho em setembro de 88 em Goiânia. A questão é que entre criar um Conselho Superior para assessorar nas questões nucleares, e manter um programa atômico regido sob a tutela militar, existe muita distância.

Essa distância é explorada mas não justificada, pelo engenheiro nuclear David Simon, em artigo publicado nas Revista Ciência Hoje, de setembro/outubro de 1983. Segundo e le tudo começou quando em 1967 "o então presidente Costa e

Silva lançou as bases de um programa de utilização da energia nuclear do País, baseado na construção de um projeto pioneiro, o qual poderia criar condições para o desenvolvimento de uma tecnologia de ponta no Brasil".

Em 1969 foi feito um planejamento pelo qual Angra I seria iniciada em 1972 e construída em cinco anos. O custo total seria de 500 milhões de dólares. Só que em 1975 o então presidente Ernesto Geisel assinou com a Alemanha Federal o chamado Acordo Nuclear Brasil-Alemanha, que pôs por terra os objetivos anteriores de propiciar a formação de quadros técnicos e gerenciais para um futuro programa nacional de centrais nucleares.

Fruto de medidas casuísticas e impensadas, este acordo sugou do cidadão brasileiro entre 1975 e 1988 cerca de 6 bilhões de dólares (Revista Isto É, 13 de abril de 1988), e só deu como fruto um dos oito reatores previstos inicialmente para fornecerem energia elétrica à região sudeste. Mesmo assim, Angra I passa mais tempo em reparos do que trabalhando.

Mas o governo se arrependeu porque sentiu que os países avançados em tecnologia nuclear não iriam passar sua tecnologia. E isso implicava no Brasil ficar dependente da boa vontade desses países em vender o combustível para as usinas nucleares, ou seja, o urânio enriquecido. Sendo assim, o Conselho de Segurança Nacional passou a comandar sigilosamente, o "Projeto Ciclone", nome de código do projeto paralelo de energia nuclear que viria a ser tornado público na primeira semana de abril de 1988, com a inauguração do Centro Experimental de Aramar, em Iperó, estado de São Paulo, cujos investimentos atingiram a casa dos 81 milhões de dólares (Isto É, ibidem).

O Brasil havia dominado a tecnologia do ciclo do combustível, que parte do urânio encontrado na natureza até chegar às pastilhas de urânio enriquecido. Só que os

objetivos desse domínio do ciclo atômico não se restringiam às centrais nucleares. Os militares, mais precisamente a Marinha, querem construir com essas pastilhas de urânio enriquecido o seu grande sonho -- um submarino atômico.

O programa paralelo foi desenvolvido ao longo de sete anos capitaneado por um trio: o Almirante Othon Luiz Pⁱnheiro da Silva; o presidente da CNEN, Rex Nazareth, e o físico paulista Cláudio Rodrigues, superintendente do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN), que tem sede no campus da Universidade de São Paulo.

Eis porque a preocupação da Sociedade Brasileira de Física, dos próprios funcionários da CNEN ou do Secretário de Saúde do Governo de Goiás. Todas essas decisões quanto a projetos atômicos foram sempre tomadas à revelia da sociedade e de suas associações científicas. Inclusive à revelia da própria Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA). Mas Goiânia mostrou que toda essa independência não passa de mera aparência e pretensão dos militares e governantes brasileiros.

A questão colocada pela Sociedade Brasileira de Física sobre a existência ou não de recursos humanos e materiais adequados para uma efetiva proteção radiológica à população brasileira já foi respondida no acidente com o césio -- a resposta é NÃO.

MOMENTO II

CONTAMINAÇÃO

"Quase tudo o que sucede é inexprimível e decorre
em um espaço que a palavra jamais alcançará".

Rilke

II.1 Primeiro Contato

Meu primeiro contato com o césio-137 deu-se pelas notícias de jornais da chamada "grande imprensa" do Brasil, no dia 19 de outubro de 87. Timidamente, a princípio, elas surgiram primeiro no Correio Braziliense e na Folha de São Paulo, alastrando-se para os demais jornais, até tomar as primeiras páginas de todos.

Estarrecimento é a única palavra que me vem à mente quando lembro daquelas tardes na sala de imprensa no então Ministério das Minas e Energia, onde era setorista para a ex-Empresa Brasileira de Notícias. Lembro também do medo de vir a ser contaminada de alguma forma, eu e o meu filho de dois anos, seja por contato com algum amigo que viesse de lá, ou mesmo por dinheiro.

Ninguém sabia dizer ao certo quanto tempo havia se passado desde que Wagner Motta e Roberto Santos Alves haviam aberto o cilindro de metal, a marretadas, expondo o material radioativo. Os jornais contavam que pessoas ligadas ao ferro-velho de Devair Alves Ferreira, para quem a peça fora vendida, haviam andado de ônibus com os pedaços da pastilha de césio-137 no bolso. Haviam, pois, trocado dinheiro e esse dinheiro podia ter vindo parar em Brasília.

Os jornais aguçavam o pavor nuclear, como por exemplo:

A Tribuna da Imprensa, do dia 19 de outubro, que noticiava: "Dinheiro pode propagar contaminação". "CNEN não sabe quanto dinheiro contaminado existe circulando". "Nazareth crê em dinheiro contaminado" (pág. 3).

O Correio do Brasil de 6 de novembro de 87 dizia na pág. 8: "Exportações Goianas caem 20 por cento". "Goiás está impedido de exportar carne, cereais e até leite". Os jornais falavam que os alimentos poderiam estar

contaminados. Deixei de comprar leite de Goiânia e olhava com atenção a procedência de qualquer produto no supermercado, principalmente papel higiênico. Haviam encontrado uma partida de papel em São Paulo, comprado da COPEL (Comércio de Aparas de Papel Ltda) de Goiânia, com alto índice de radioatividade, e O Globo noticiava no dia 13 de outubro: "São Paulo recebe papel contaminado" (pág. 13).

Todas essas notícias que lia diariamente nos jornais da grande imprensa formavam em minha mente uma série de imagens que nunca pensei viessem a se transformar depois em estímulo para a elaboração de uma dissertação de mestrado. Era a irradiação do césio que chegava até a mim, contaminando-me profundamente, sem que, no entanto, tivesse ainda despertado para o tema.

Naquela época não imaginava que sete meses depois iria me contaminar de novo, não pelo pavor nuclear alimentado pelas notícias de jornal, mas pela constatação de que um assunto tão perto e tão importante não poderia passar em brancas nuvens para nós brasileiros, já que cientistas do mundo inteiro estavam interessados.

II.2 Segundo Contato

Era uma tarde bonita de 12 de abril, como costuma ser na Capital da República na época em que se finda o período de chuvas e se antecede o da seca. Eu estava nos corredores do "minhocão", obra do arquiteto Oscar Niemayer, onde funcionava o Departamento de Comunicação, agora Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, e onde cursava as últimas disciplinas do Programa de Mestrado.

Procurava alguma coisa que não sabia exatamente o que era, nem se estava lá, naquela tarde em que assistia a mais uma aula escapando da rotina do trabalho para estudar. De repente, movida por uma força interior, pego o carro e vou para o Ministério das Minas e Energia, onde encontro na sala do Assessor de Imprensa um cientista social norte americano que procurava notícias arquivadas sobre o acidente radioativo em Goiânia. E foi conversando com ele que descobri a importância que o assunto tinha para a comunidade científica internacional. Importância que ainda não havia sentido no Brasil, a não ser para vender mais jornal, por parte da grande imprensa.

Como resultado dessa segunda contaminação simbólica passei a vivenciar um processo de indagação intelectual que passou por vários MOMENTOS, cada qual me levando sempre adiante, atrás de um objeto que escapava de mim, até finalmente poder agarrá-lo.

Agora não era o pavor nuclear, mas o "brilho azul do césio" que chegava até a mim através daquele estrangeiro, sem que ele soubesse, descortinando a possibilidade de transformar minha tese de mestrado na contribuição de uma brasileira para os estudos científicos sobre o acidente radioativo.

Estava irremediavelmente contaminada, e nem mesmo o "azul da prússia" -- o também chamado radiogardase --, poderia me descontaminar, penetrando em minhas vísceras para absorver o cézio-137 e ajudar a eliminá-lo.

II.3 Simbolismo da Sorte

Com o manuseio das notícias dos jornais a conclusão era óbvia: o centro da cobertura jornalística em Goiânia havia sido nas providências para salvar as pessoas contaminadas, no isolamento e descontaminação dos focos, nas responsabilidades criminal do fato e na estigmatização de Goiás e dos goianos. Não havia preocupação em sublinhar as forças culturais, sociais e econômicas que propiciaram o ocorrido.

Isso me interessava -- as forças culturais -- pois vinha ao encontro da minha nova paixão -- a antropologia. E, coincidência ou não, estava lendo Steven Feld para apresentar um seminário na disciplina de Métodos e Técnicas em Pesquisa Antropológica, que cursava no Departamento de Antropologia da UnB, como disciplina optativa. E foi com "Sound and Sentiment" (Steven Feld, 1982) que "a luz brilhou no fim do túnel, embora não permitindo ainda uma visão muito clara, pois ainda continuava dentro da caverna, e o brilho da luz, mesmo ajudando a distinguir a sombra ofuscava os olhos acostumados à escuridão".⁴ A luz vinha logo no primeiro parágrafo da introdução de Feld:

"This is an ethnographic study of sound as a cultural system of symbols, among the kaluli people of Papua New Guiana. My intention is to show how an analysis of modes and codes of sound communication leads to an understanding of the ethos and quality of life in Kaluli Society" (pág. 3).

Nesse trabalho Feld tinha por tese que as modalidades de expressão Kaluli em lamentos, poesia e canções, em

4 - A Alegoria da Caverna. Platão. Diálogos III. A República.

sua estrutura musical e textual, são representações do círculo simbólico construído pelo mito "the boy who become a muni bird". Minha questão passou a ser: como mostrar o "caráter e a qualidade de vida" das vítimas do césio-137 em Goiânia, através de um único símbolo?

No imaginário construído em minha mente pela leitura das notícias de jornal e dos livros de Fernando Pinto⁵ e Fernando Gabeira,⁶ aquelas pessoas eram humildes, miseráveis e ignorantes catadores de papel e sucata, que moravam em "barracões" todos amontoados como nas favelas. Pessoas que tinham sonhos de vida -- uma vida melhor, que só poderia chegar pela sorte. A sorte vinda pelo pequeno pedaço de estrela brilhante, que até parecia uma esmeralda, como chegou a acreditar Devair, o dono do ferro-velho. A sorte que iria mudar a vida dos catadores de papel e sucata, só que de outra forma -- roubando-lhes os sonhos de uma vida feliz.

Havia encontrado meu objeto tão perseguido: o césio como representação simbólica da sorte seria a minha cápsula, tal qual o mito do menino que se transformou num passarinho muni o foi para Steven Feld. Mas sabia que não poderia mostrar o caráter e a qualidade de vida dos contaminados recolhendo dados de forma jornalística, como repórter que sou, de forma sintética, sem muito tempo disponível. A não ser que fizesse um trabalho de campo na linha antropológica, o que levaria muito mais tempo do que uma semana ou duas, no máximo. E tempo era o que não tinha, nem dinheiro para financiar tal projeto a longo prazo (faltava até mesmo para comprar papel e fita cassete).

O que faria? como ligar símbolo da sorte com notícia? jornalismo com antropologia? pouco dinheiro e nenhuma disponibilidade de me ausentar de Brasília por longo

5 - Fernando Pinto -- A Menina que comeu césio

6 - Fernando Gabeira -- Goiânia, Rua 57. O Nuclear na Terra do Sol.

período? Muni Bird com césio-137? enfim, eu mesma e os contaminados?

A solução veio não como num passe de mágica, mas fruto da própria busca, através da reflexão, da leitura e da conversa com professores. Além disso, havia aquela atração irresistível pelo brilho azul celeste, levando-me a descortinar novas possibilidades, como num jogo de espelhos, cada um refletindo a luz de forma diferente, mas completando um lindo e colorido caleidoscópio.

MOMENTO III

ESPELHOS

"O espelho é um fenômeno-limiar, que demarca as fronteiras entre o imaginário e o simbólico. Entre os seis e oito meses, a criança se defronta com a própria imagem refletida no espelho. Numa primeira fase confunde a imagem com a realidade, numa segunda fase percebe tatar-se de uma imagem, numa terceira compreende que a imagem refletida é a sua".

Humberto Eco

ROBBED OF THEIR DREAMS -- An interpretation of the newspaper coverage of the accident with Cesium-137 in Goiânia.

ABSTRACT -- The aim of this dissertation is to show a cultural interpretation of the newspaper coverage of the nuclear accident which occurred in September 1987 in Goiânia, the capital of the state of Goiás, two hundred kilometers from Brasília, in the mid-west region of Brazil.

It is based on information from official reports, from newspapers, from interviews with the main victims of the accident, and in personal experience of the author when she relates the history of an idea.

The work comprises four moments: in the 1st MOMENT -- IMAGES, the accident is presented from the point of view of the official government organs and institutions linked to the nuclear area in Brazil. In the 2nd MOMENT -- CONTAMINATION, the author relates how she was attracted by the symbols constructed by the news in the newspapers, which formed a set of images in her mind. Next, in the 3rd MOMENT -- MIRRORS, there is a search for reflexions for theoretical foundations and ideas are found in the writings of James Carey, of the interpretative cultural line of communication, and in the writings of Steven Feld, of the reflexive line of anthropology.

Images, Contamination and Mirrors lead to the contaminated themselves in the 4th MOMENT - ROBBED OF THEIR DREAMS. The victims see themselves reflected in the newspaper reports. The event how it happened, the press coverage, the nuclear question, the stolen dreams; death, fate, their sentiments and expectations are described broadly and objectively. Thus, the author reaches the concepts of the journalistic moment, news and communication.

ROUBADOS EM SEUS SONHOS -- Uma interpretação da cobertura jornalística sobre o acidente com o Césio-137 em Goiânia.

RESUMO -- Em estilo de crônica narrativa o trabalho tem por objetivo mostrar uma interpretação da cobertura jornalística sobre o acidente com o césio-137 ocorrido em setembro de 1987 em Goiânia, capital do estado de Goiás, a 200 km de Brasília.

Ele está baseado em informações de relatórios oficiais, na cobertura da imprensa, no depoimento das vítimas do acidente e na vivência pessoal da autora ao fazer o relato da história de uma idéia.

O trabalho é composto de quatro momentos: no MOMENTO I -- IMAGENS, o acidente é apresentado sob o ponto de vista de relatórios oficiais de órgãos do governo e entidades ligadas à área nuclear no Brasil. No MOMENTO II -- CONTAMINAÇÃO, a autora relata como foi atraída pelo simbólico construído pelas notícias de jornais que formaram em sua mente um imaginário. Depois, no MOMENTO III - ESPELHOS, são buscados reflexos para a fundamentação teórica e encontrados em James Carey, da linha cultural interpretativa da Comunicação, e em Steven Feld, da linha reflexiva da Antropologia.

Imagens, Contaminação e Espelhos levam aos próprios contaminados no MOMENTO IV - ROUBADOS EM SEUS SONHOS, que se vêem refletidos nas notícias de jornais. O fato como aconteceu, a cobertura da imprensa, a questão nuclear, os sonhos roubados, a morte, o destino, seus sentimentos e expectativas, são descritos ampla e objetivamente. A autora chega, então, aos conceitos de momento jornalístico, notícia e comunicação.

Desde o mito de Narciso que se vê nas águas do lago, até nossos dias, a metáfora do espelho tem estado sempre presente. Aqui neste trabalho, essa metáfora é tomada de empréstimo a Clyde Kluckhohn em seu livro "Mirror for Man" (1949), onde a antropologia é colocada como um objeto especular que nos permite entendermos melhor a nós mesmos, através do estudo dos outros.

Ele acontece aqui ao longo de todo o processo de produção, seja do texto como uma totalidade, seja no que foi produzido pelas vítimas do césio. Em determinado momento ele se emoldura nas notícias de jornal. Depois se personifica nos reflexos teóricos até que o texto todo se transforma num grande espelho para o leitor.

III.1 Reflexos em Carey

Com que atitude eu me refletia no espelho dos contaminados com o césio-137 em Goiânia? Afinal, eles nem mesmo sabiam da minha existência. Que expectativa carregava comigo? que sonhos escondia para que não fossem roubados? e se fossem, o que iria eu fazer diante do espelho?

Minha atitude era a da jornalista que tinha uma tese a fazer para um curso de mestrado, que havia sido uma opção pessoal, na dura vida de lidar com a mentira do poder e tentar transformá-la em verdade engolível pela opinião pública. Mas tinha também uma atitude interpretativa, hermenêutica, reflexiva da antropóloga. Não poderia, pois, sequer me imaginar frente aos contaminados, carregando questionários (ou uma pauta) prontos, com perguntas fechadas e abertas, que iriam me confirmar ou não certas hipóteses para uma tese positivista.

Intuitivamente sabia que, da minha atitude frente a eles -- o espelho que para mim representavam em minha busca da verdade --, dependeria também os reflexos deles em mim, e vice-versa. E, para tanto, necessário se fazia um instrumento, um texto que nos unisse, nos colocasse frente a frente e nos refletisse. E esse texto era, novamente, a cobertura jornalística feita pela grande imprensa.

Sabia também, com Paul Ricoeur,⁷ que "o texto é a mediação pela qual nos compreendemos a nós mesmos", e que portanto, o texto das notícias de jornal sobre o acidente radioativo faria entrar em cena a subjetividade do leitor, no caso, os contaminados. E era essa subjetividade que me interessava, pois somente através dela poderia penetrar na imaginação e nos sentimentos, os quais deram significância

7 - Paul Ricoeur, *Interpretação e Ideologias*: org. trad. port. Hilton Japiassu,

ao momento de produção simbólica, que havia transformado a pedra de céσιο-137 em pedra da sorte.

Essa subjetividade me abriria ainda as portas para penetrar nas atitudes, emoções, sentimentos, motivos e expectativas daqueles que haviam sido a própria notícia dos jornais, num processo também reflexivo. E estaria recuperando, assim, "the cultural history of journalism" (James Carey, 1974).

Nesse artigo denominado "The Problem of Journalism History", o estudo da história do jornalismo é colocado, inicialmente, por James Carey, sob a forma de questão: "pode ser justificado como uma forma de conhecimento uma entrada no curriculum, uma atividade à qual alguém poderia dedicar sua vida?" A resposta que o autor dá é que "pelo nosso condicionamento respondemos à questão afirmativa e ainda uma dúvida permanece. Cada geração de historiadores jornalistas têm estado insatisfeita com a natureza de nosso conhecimento e com as formas de nossa apresentação".

De acordo com Carey, por volta de 1950, a questão já havia sido colocada por Theodore Peterson, o qual concluiu que o problema não estava intrínseco ao tópico em estudo, mas na forma como os historiadores jornalistas trataram seus materiais. Peterson teria argumentado que era preciso um estudo interpretativo, combatendo Frank Luther Mott e seus predecessores que haviam fundado o campo de estudos solidamente baseado em fatos.

Depois, Carey explica em seu artigo que o campo do "journalism history" tem sido dominado por um implícito paradigma de interpretação a que ele chama, seguindo definição de Herbert Butterfield, "a whig interpretation of journalism history", ou seja, a visão da história do jornalismo como a lenta e firme expansão da liberdade e conhecimento, da imprensa política para a imprensa comercial, fruto do

casamento da "doutrina do progresso", com a idéia de história.

Carey considera esse tipo de interpretação exaustiva, embora não veja nada de errado com ela, a não ser o fato de que, sendo moribunda e já tendo dominado o campo de estudos da história do jornalismo, precisa ser ventilada e substituída por novas perspectivas. Essa ventilação, segundo ele, poderia ocorrer com o desenvolvimento do que chama "the cultural history of journalism".

Para Carey, a história cultural do jornalismo pode ser vista numa dimensão nova do passado, relacionada com o registro de fatos, eventos, ações, instituições e organizações do passado, mas não simplesmente derivada daí. Essa nova dimensão a que chama "cultural" ele ilustra com um exemplo descrito por John William Ward em Red, White and Blue⁸:

"O registro documental da história militar determina como, quando e sob que circunstâncias César atravessou o Rubicon. Mas esta não é a única dimensão daquele evento, e, para muitos propósitos, não é também a dimensão mais importante. A história cultural do evento é uma tentativa de reconstruir o que César sentiu atravessando o Rubicon: a particular constelação de atitudes, emoções, motivos e expectativas que foram experimentados naquele ato. Apenas verificar (o fato) que César atravessou o Rubicon não é dizer nada do significado do evento, uma significância que deriva do desafio de César à convenção dada pela autoridade da lei Republicana sobre os soldados do Estado".

Da mesma forma, registrar apenas o fato, sob as regras do "lead", do acidente radioativo em Goiânia, como o fez a grande imprensa, é não dizer nada do significado do evento. Significância que, por sua vez, só pode ser verificada com a reconstrução do que as vítimas do acidente

8 - New York, Oxford Univ. Press, pp 4-5, trad. grifos parênteses da autora.

sentiram ao tocar naquela pedrinha esbranquiçada, que iluminava suas casas à noite, como uma estrela azul; e qual a particular constelação de atitudes, emoções, motivos e expectativas foram experimentadas por eles naquele ato.

James Carey afirma em seu artigo que, "para entendermos os eventos da nossa vida, como fazer amor e guerra, ter filhos e morrer, ser educado e trabalhar, constrangido por limitações físicas ou biológicas, natureza e tecnologia, nós precisamos penetrar além da mera aparência, na estrutura da imaginação que dá a esses fatos a sua significância e na sua 'estrutura de sentimentos'".

Seguindo essa visão, Carey propõe que a história cultural do jornalismo seja feita através da história da reportagem. Ele afirma que existem histórias da imprensa tais como a história legal, a institucional, a tecnológica e até mesmo alguma história econômica da imprensa, mas que a história da reportagem parece não só não estar escrita mas amplamente inconcebida. Carey não analisa o chamado "new journalism", também chamado de "jornalismo na primeira pessoa",⁹ que introduz os sentimentos do repórter, sendo uma "acurada não-ficção, com técnicas usualmente associadas ao romance e ao conto".¹⁰

9 - Gaye Tuchman - Making News, A Study in the Construction of Reality.

10 - Tom Wolfe e E.W. Johnson -- Introdução em "The New Journalism" referido por Jay Ruby e Barbara Mayerhoff em "A Crack in the Mirror". De acordo com estes autores o "new journalism" de Tom Wolfe pode ser visto como uma manifestação popular das idéias de Erving Goffman em "The Presentation of Self in Everyday Life" (1959), dos etnometodologistas e fenomenologistas. Essas idéias se relacionariam a uma realista e acurada descrição do dia a dia de pessoas comuns.

Para Carey, a idéia central e ainda não escrita da história do jornalismo é a história da idéia do relato, da reportagem. A isto ele chama "culture history", onde cultura significa "a organização da experiência social na consciência do homem, manifestada em ações simbólicas".

Este trabalho não é "new journalism". Ele é a história da idéia de um relato, uma reportagem. A reportagem sobre a idéia de fazer um relato de uma idéia, manifestada na ação simbólica de escrever uma dissertação de mestrado. Ação simbólica que tem embasamento em outras ações simbólicas, como: a cobertura jornalística do acidente com o cé-sio-137 em Goiânia; a reação das vítimas frente a esse espelho simbólico que se constitui das notícias escolhidas para o trabalho; os outros textos sobre a questão nuclear e sobre este e outros acidentes nucleares, que também representam outras ações simbólicas; e os escritos dos autores citados, que servem de embasamento teórico.

Segundo Carey, essa nova perspectiva da história do jornalismo pode ser vista como um ato literário, paralelo ao romance, ao ensaio e ao relato científico. Talvez não seja este um representante exato do que Carey propõe, mas ele mesmo acentua que o "jornalismo é um trabalho criativo e imaginativo, algo não fixo e imutável, pois na transcrição das comunicações nós deveríamos ir além das bases, para reconhecer que não há uma destinação final para nossos estudos, não há verdade fixa e imutável a ser descoberta em nossa pesquisa, não há final, abençoadamente, para o argumento. Porque a vida não é como história ou teoria ou tecnologia. Ela é mais como uma conversação" (James Carey, 1983).

Seguindo as pegadas de Carey em "The Problem of Journalism History" este relato de uma idéia pretende ser considerado como uma forma de jornalismo cultural. Ele foge às regras da técnica jornalística repudiadas por Carey, ou seja: as que definem o que é considerado real, o que pode

ser escrito e como pode ser entendido; regras que determinam que "se alguma coisa acontece de tal sorte que não pode ser empacotada pela fórmula industrial, então, num senso fundamental, não aconteceu; não pode ser trazida à atenção da audiência ou pode ser apresentada apenas em uma forma distorcida".

A recuperação oral do relato das vítimas sobre o acidente com o césio, aqui transcrita, pretende não ser empacotada por essa fórmula industrial descrita por Carey e que domina a grande imprensa. A fórmula é outra -- a da interpretação, a do reflexo no espelho, a dos motivos, emoções, sentimentos, atitudes e expectativas que fazem a história cultural do jornalismo.

No final de seu artigo "The Problem of Journalism", James Carey apresenta ainda um outro lado do problema, "melhor explorado", segundo ele, da história cultural da imprensa: a imprensa como expressão da consciência humana, a expressão de um certo ethos, t \hat{e} mpera ou imaginaç \tilde{a} o de uma cultura; a imprensa como incorporadora da estrutura de sentimento derivada do passado, e que se altera com a mudanç \tilde{a} a dessa estrutura, num processo reflexivo.

Embora concordando que a imprensa é um reflexo das mudanç \tilde{a} as na "estrutura de sentimento" das sociedades, e que pode ser apreendida nesse processo, desenvolvendo assim um lado da sua história cultural, não é intenç \tilde{a} o deste trabalho analisar a cobertura jornalística do acidente com o césio sob este ângulo. Tanto os contaminados e a sua subjetividade, quanto o texto das notícias sobre o acidente que os envolveu, se interrelacionam de forma reflexiva, e é essa a história que este trabalho pretende contar, desvelando a express \tilde{a} o de sentimentos e imaginaç \tilde{a} o de quem foi notícia, de quem foi protagonista do fato, e não de quem fez esse fato virar notícia.

De outro lado há também a minha equaç \tilde{a} o pessoal

interferindo no trabalho como um todo, desde a decisão sobre o tema para dissertação, passando pela escolha das notícias que seriam mostradas às vítimas, até a interpretação do depoimento dado por elas, num processo também reflexivo.

E foi assim que parti para Goiânia. Temia que ao me deparar com o espelho os meus sonhos fossem roubados, e este trabalho não pudesse ser este, mas outro que não me envolveria com a mesma paixão, pois não haveria, certamente, um brilho azul celeste a me atrair.

Levava comigo o sonho de estar contribuindo para os estudos culturais da comunicação, com uma abordagem ainda inédita sobre a cobertura jornalística do acidente com o césio-137. Contribuição que não poderia ser inserida nas perspectivas "institucional" ou de "economia política da Escola de Frankfurt", nem nos modelos "comportamental", de cunho positivista, ou "formal", na semiologia e teoria matemática da comunicação.¹¹

Havia também a vontade de contribuir, de alguma forma, para o debate contra a contaminação radioativa, por entender que pouco ou quase nada foi feito para minimizar os efeitos de um possível novo acidente nuclear no Brasil.

11 - Venício A. de Lima -- Repensando as teorias de Comunicação - 1983.

III.2 Reflexos em Feld

Em seu trabalho "Sound and Sentiment", Steven Feld tem por tese que as modalidades de expressão Kaluli¹² em lamentos, poética e canções, em sua estrutura musical e textual, são espelhos representativos do círculo simbólico construído pelo mito do menino que se transformou num passarinho "muni".¹³

Feld argumenta que o mito do menino que se transforma em passarinho é a cristalização das relações entre a sentimentalidade Kaluli e suas expressões em lamentos, poesias e canções. Mais ainda, "o tema mítico central de transformar-se em passarinho aparece como uma base metafórica para a estética Kaluli. Mas sua interpretação é apenas parcialmente mitológica e folclórica, como o próprio autor diz. Seu objetivo é construir uma interpretação simbólica que mostre como "as modalidades de expressão são culturalmente construídas por códigos de atuação, que comunicam em conjunto profundos sentimentos e reconfirmam princípios míticos".

O mito conta que o menino foi pescar com sua irmã mais velha. Ela pegou o primeiro peixe e ele não. Então o menino pediu à irmã que ela lhe desse o peixe. Ela respondeu que este é para o pai. A cena se repete e ele pede de novo o peixe pescado pela irmã. Ela diz que agora este é da mãe. A menina pesca um terceiro peixe sem que o irmão pesque nenhum. Ele começa então a chorar como um passarinho "muni", um lamento de abandono, e se transforma no passarinho, sob os olhos arrependidos da irmã, que lhe pede

12 - 13 - Kaluli é um povo que vive no grande platô Papua na Nova Guiné, e é chamado "kalu bosavi", ou povo de Bosavi, sendo em número de 1.200, conforme Steven Feld. "Muni" é o nome de uma espécie de passarinho comum naquela região.

perdão.

Assim como para Feld as modalidades de expressão Kaluli são espelhos do mito acima, da mesma forma as modalidades de expressão das vítimas do césio-137, em sentimentos, imaginação e expectativas são para mim espelhos do círculo simbólico construído pelas notícias de jornais sobre o acidente radioativo em Goiânia.

A relevância, pois, do mito "the boy who became a muni bird" para este trabalho, não está no mito em si, mas no fato de Feld ter dele se apropriado, transformando-o numa cápsula que irradia várias modalidades de expressão em lamentos, poética e canções. As notícias de jornal sobre o acidente com o césio são a cápsula que, para fins deste trabalho, irradia os sentimentos, expectativas e imaginação dos contaminados.

Feld decompôs o mito do ponto de vista de seus componentes etnográficos e fez uma análise estruturalista do mesmo, baseando-se na descrição densa e etnografia interpretativa de Clifford Geertz,¹⁴ no estruturalismo de Lévi-Strauss¹⁵ e na "etnografia da comunicação de Dell Hymes.¹⁶ Embora reconhecendo que para muitos as posições estruturalista e hermenêutica são consideradas como claramente opostas (decodificador e tradutor X experimentador e intérprete), Feld acha necessário integrar os estudos de como os símbolos são logicamente conectados, com os estudos de como eles são formulados e efetuados na experiência cultural.

Para que essa integração se torne possível, Feld reporta-se à etnografia da comunicação desenvolvida por Dell

14 - The Interpretation of Cultures (1973)

15 - The Savage Mind (1966)

16 - Foundations in Sociolinguistics: An ethnographic approach (1974)

Hymes, que, segundo Feld, aproxima as finalidades sociais aos significados comunicativos, e por isso, oferece muito como um "meeting ground" dos métodos formal e interpretativo.

Por esse encontro dos dois métodos em seu trabalho, Steven Feld se considera "deliberadamente eclético", o que talvez também se possa dizer deste trabalho, uma vez que apresenta, em um de seus momentos, a análise de conteúdo das notícias de jornal da grande imprensa brasileira, comparando os dados com a análise feita por David M. Rubin, sobre a cobertura jornalística de "Three Mile Island" e Chernobyl.

A equação pessoal de Steven Feld é claramente exposta pelo autor ao apresentar o cenário do trabalho de campo. Ele conta que seu trabalho foi influenciado pelas inúmeras conversas e apresentações de filmes e slides proporcionados por Edward Schieffelin, que já havia estado entre o povo Bosavi. Feld reconhece que foi seu entusiasmo pela música Kaluli, que escutou nas fitas de seu amigo Edward, o responsável pela sua idéia de trabalhar em Bosavi. Sendo músico, o antropólogo queria aprender como fazer aquela música "terrible moving" e como entendê-la. Ele confessa que não tinha teoria ou hipóteses a testar, apenas a intuição de que, vivendo numa floresta tropical chuvosa, os Kaluli necessariamente usavam o som em vantagem sobre outro sistema sensorial. Ele suspeitava, apenas, que a variedade de expressões sonoras era grande, e que, particularmente, fortes relações pessoais deveriam existir entre a ecologia, os sons da natureza e os sons da expressão cultural.

Foi quando voltou de seu trabalho de campo que Feld passou a procurar um modelo interpretativo que conectasse mito, pássaros, lamentos, luta, poesia e som, tristeza, morte, dança, quedas d'água, tabus, feminilidade, masculinidade, crianças, comida, obrigações etc.

Da mesma forma, minha equação pessoal, ou seja, minha mundivivência, é claramente exposta no relato deste trabalho. Os motivos que me levaram à Goiânia, numa pesquisa entre as principais vítimas do acidente com o césio-137, são apresentados como contaminação, numa metáfora alusiva aos efeitos das irradiações simbólicas do césio-137 através da cápsula de chumbo em que se encontravam as notícias de jornal.

Assim como Feld, também parti para o trabalho de campo sem teoria ou hipóteses a testar, apenas com a intuição de que o césio poderia ser a representação simbólica da sorte para os contaminados, e que isto poderia levar-me à abertura da cápsula das notícias, de onde se irradiariam outras questões, como a questão nuclear no Brasil e a cobertura da imprensa sobre "o acidente radioativo mais sério do ocidente".

Para finalizar o espelho em Feld, é importante assinalar mais um reflexo desse espelho. O autor de "Sound and Sentiment" afirma que as teorias de cultura são algumas vezes feitas para serem paradigmas competitivos na pesquisa e análise etnográfica, tais como os termos "materialista", "estruturalista" e "simbolista", que são "tossidos como insultos na literatura teórica contemporânea e são talvez a mais vulgar representação dessa sorte de competição".

Apesar disso, Feld concorda que todos os etnógrafos têm alguma obrigação de explicar os caminhos nos quais suas descrições e interpretações cabem dentro das considerações teóricas gerais do campo de estudo.

Da mesma forma, refletindo-me nesse espelho, procuro explicar os caminhos nos quais minhas interpretações cabem, dentro das considerações teóricas gerais do campo de estudos culturais não marxistas da comunicação. E ao fazer uso de autores de outro campo de estudos, como a antropologia,

o faço de forma "deliberadamente eclética", por entender que a interpretação é um instrumento de uso universal, e porque dela também fazem uso os autores escolhidos.

Além disso, há alguns pontos em comum entre a antropologia e a comunicação, que serão abordados especialmente no que diz respeito aos seguintes conceitos: de notícia como produto cultural, de comunicação e negociação da realidade, e de momento etnográfico e momento jornalístico.

MOMENTO IV

ROUBADOS EM SEUS SONHOS

"Agora Joãozinho Trinta aparece carregando um espelho na avenida. É uma grande novidade. O espelho reflete, emblematicamente, miséria material e moral, que de poético não tem nada, ainda que seja apresentada com requintes da Broadway e cruzeiras de Berliner Ensemble. Mas se a gente não se enxergar, vai continuar dançando ao ritmo da Imperatriz".

Editorial da Isto É Senhor de 15 de fevereiro de 1989

Ao me encontrar com as vítimas do césio em Goiânia, aquelas imagens iniciais do PRIMEIRO CONTATO, ou seja, o das notícias de jornal, foram substituídas por outras, gradativamente, à medida em que ia conversando com cada um deles -- os que chamo de os principais contaminados pelo césio.

Os sujos, ignorantes, maltrapilhos, esfomeados, favelados e marginalizados catadores de papel e sucata que criei na minha imaginação com o que havia lido nos jornais, foram substituídos por gente simples, humilde e até mesmo instruída, que comia e se vestia relativamente bem, tinha uma vida de trabalho decente e muitos sonhos de um futuro melhor antes de tudo acontecer. Pessoas com opinião formada, lúcidas, esclarecidas e conscientes da realidade, de seu País e do mundo, capazes de discernir entre o que devia ser e o que é, entre o que aconteceu e o que poderia ter acontecido.

Gente igual a todos nós, carentes de afeto e de carinho porque seres humanos, e que, apesar da discriminação sofrida, ainda são capazes de retribuir a mão que lhes é estendida, passando por cima de suas dores para responder perguntas que machucam e ler notícias que chocam.

Tendo desenvolvido grande resistência aos jornalistas -- resistência cujas causas serão vistas mais adiante --, as vítimas do césio se mostraram receptivas mesmo sabendo que sou uma jornalista. A explicação para tal receptividade está no fato de eu ter deixado bem claro que não estava lá como jornalista e sim, como uma pesquisadora, aluna de um curso de pós-graduação, que desejava documentar os depoimentos deles não para jornais, mas para um trabalho que não iria dar às informações por eles fornecidas o mesmo tratamento que haviam tido de jornalistas.

Por isso, posso dizer que abordar as vítimas do césio não foi tarefa difícil, mas devo admitir que teria sido

mais fácil para mim se os tivesse procurado como mais uma jornalista, apenas com a objetividade em mira, sem nenhum tipo de envolvimento com os objetos de minha reportagem. A relação com eles teria sido fria e impessoal. Eu os trataria como simples fornecedores de informações, e eles me veriam como mais uma jornalista que não se importaria em usá-las até mesmo de forma distorcida, apenas para conseguir mais uma manchete de primeira página.

Teria voltado de Goiânia sem ter aprendido nada com eles, e sem nem ao menos me importar com o que pudessem ter pensado de mim. Mas não foi isso o que aconteceu, principalmente pela influência da antropologia reflexiva, segundo a qual "a concepção de uma produção de expressão comunicativa ocorre como uma interconexão entre os três componentes do sistema de comunicação, conforme diz Fabian: o produtor da mensagem, o processo ou métodos ou canais, e o produto que é o texto".¹⁷

A técnica de usar as notícias de jornal como um espelho para que as vítimas dele se refletissem poderia não dar certo. Eu teria que estar preparada para reconhecer como é que meus informantes e eu iríamos "negociar a realidade", numa relação complexa e mutável de porque e onde o pesquisador age e sofre ações (Dorinne Kondo, 1986).

Mas deu certo, e o depoimento das vítimas ao se verem frente ao espelho foi o mais sincero possível, permeado de emoções e sentimentos, cuja expressão não poderia deixar de afetar também a mim como pesquisadora, que mesmo tendo como profissão o jornalismo vi-me concordando com as críticas feitas à cobertura feita pela imprensa.

Por isso, a intenção inicial de relatar neste trabalho, de forma integral, exatamente como ocorreram as

17 - Johannes Fabian: apud Jay Ruby e Barbara Myerhoff, "A Crack in the Mirror".

entrevistas, foi reforçada pela queixa das vítimas de que os jornalistas nunca haviam publicado na totalidade, e sem distorções, aquilo que lhes haviam falado.

Mas um trabalho final de mestrado é fruto também de uma negociação com o professor ou professora que orienta o mestrando. Por isso, da mesma forma que ocorre com o repórter que se vê obrigado a trazer para uma notícia apenas os dados objetivos da reportagem feita, assim também me vi na contingência de ter que trazer para este capítulo apenas uma carta e três entrevistas, deixando para o apêndice as restantes.

Que me perdoem as vítimas do césio. A promessa de deixar documentado na íntegra tudo o que me disseram não foi desrespeitada. Apenas não o foi da forma como eu havia imaginado: deixando que seus discursos falassem por si mesmo em forma de uma grande reportagem.

Nunca, quando se tira uma fotografia de um grupo, se consegue dar a todos o mesmo destaque. Alguns ficam mais à frente, outros mais atrás, alguns para a direita, outros para a esquerda. E se quisermos ver mais nitidamente um dos fotografados teremos que ampliar apenas aquele pedaço, ou dirigir nossa visão para aquele colocando-o mais perto dos olhos.

Sendo assim, foram escolhidos:

Devair Alves Ferreira porque foi graças à atração que sentiu pela pedra luminosa do césio-137 que a tragédia não tomou proporções maiores, indo de ferro-velho em ferro-velho até que se descobrisse a origem do mal desconhecido. E foi também por causa dessa atração que seus parentes e vizinhos foram contaminados. Luisa Odete porque foi na entrevista com ela que me deparei com o mesmo choque que teve a antropóloga Dorinne Kondo, ao ver na vitrina da peixaria o seu próprio reflexo à imagem de uma dona de casa japonesa, como se fosse uma outra pessoa. Esse choque que me levou à comparação do momento etnográfico com o momento

jornalístico, e que poderá ser visto ao longo deste relato. Wagner motta porque além de ter sido o vetor inicial de toda a tragédia, mostrou claramente as razões que o levaram a retirar, juntamente com Betão, a cápsula do prédio em ruínas do IGR. Wagner desfez em sua entrevista as imagens construídas pela imprensa do maltrapilho catador de papel e sucata, sujo e ignorante, mais para ladrão do que para vítima. E a carta de Terezinha Nunes Fabiano pela força de seu depoimento, mostrando claramente como se sentiram as vítimas ao se verem, de repente, roubadas em seus sonhos.

E vamos ao relato.

Quando cheguei a Goiânia ao meio-dia e trinta duma segunda, dia 4 de julho, fui direto para a casa de Lisa França, uma jornalista, onde ficaria hospedada. Não conseguia imaginar como seria o meu encontro com as vítimas do césio, mas trazia a certeza interior de que tudo iria dar certo, conforme havia me proposto. Não conseguia pensar em "estratégias de contingência" para o caso de os contaminados não quererem falar, conforme havia me alertado a professora Alcida Ramos.

Por volta das 16 horas já me encontrava na 26A, Edifício Célia Maria, apartamento 601, onde moram Ernesto Fabiano e a família. Fui atendida pela filha Adriana, que, com um olhar muito triste, mostrou-me da janela o lugar em frente onde tinha sido o ferro-velho de seu tio Devair. Estava todo coberto de concreto. Um pouco mais para a direita, podia-se ver a casa de Edson e Santana Fabiano, numa rua transversal à 26A. Decidi não esperar pelos pais de Adriana e desci até à casa de alvenaria, típica construção de classe média do Brasil, na rua 15A.

Quem veio me atender à porta foi justamente Edson Fabiano, gordo, baixo, moreno de olhar sorridente. Me apresentei e apertei-lhe a mão, o que deve ter influído para que me convidasse a entrar e passar direto para a cozinha -- o lugar onde só entram os de casa e onde sua mulher, Santana, preparava bolinhos fritos de polvilho para a hora do lanche.

A cozinha estava cheia de crianças e adultos. Além de Santana, muito magra, estatura baixa, cabelos longos e olhos salientes, também estava Terezinha Nunes Fabiano, sua irmã, com quem se parece muito, e a mãe Juanita Santana Silva, que chegou em seguida. Por isso, a conversa foi repleta de ruídos e interrupções, como costuma acontecer em conversas de família numerosa. A qualidade da gravação em cassete não foi das melhores, mas a qualidade da relação

humana que se estabeleceu entre mim e eles foi inigualável. Podia ser sentida na forma como me olhavam, no carinho das crianças que se chegavam bem perto, no respeito que demonstraram pelo meu trabalho de pesquisa, recordando todos aqueles momentos que haviam sido tão dolorosos para eles todos. E ainda era.

Foram três horas de bate-papo, regado a cafezinho e bolinhos fritos que estavam deliciosos. Na saída, não me contive e dei um abraço em Santana, dizendo-lhe que ela precisava voltar à profissão de costureira, enquanto admirava os bonitos móveis da sala de visitas que fizeram questão de me mostrar. Edson resolveu me apresentar ao irmão Ernesto, e voltei ao Célia Maria, onde combinei com ele e a esposa para voltar no outro dia, às 17 horas.

O desvelo dos Fabiano por mim foi tão grande que Edson fez questão de me acompanhar ao ponto de ônibus para voltar à casa de Lisa. Passamos pela Rua 57, onde no concreto do que fora a casa de Roberto Santos Alves ainda se podia ver os restos de uma festa junina. E para ter certeza de que voltaria no outro dia Edson repetiu várias vezes as referências das ruas e do ponto de ônibus onde descer.

Na terça, 05 de julho, de manhã bem cedo, eu já estava na Fundação Leide das Neves, onde tentaria encontrar Ivo Alves Ferreira. Devair eu não tinha esperança, pois Edson havia dito que ele não tinha paradeiro certo e pouco aparecia na Fundação. Após alguma espera, um pouco angustiante, encontrei Ivo no cafezinho. Um pouco sem jeito, apresentei-me e saímos para conversar lá fora. Ele também me deu um quadro bastante ruim de Devair -- que era difícil encontrá-lo, que não tinha paradeiro certo, que tinha ganho um milhão de cruzados de indenização e já tinha gasto tudo.

A conversa com Ivo aconteceu mesmo na casa dele, no setor Maísa, para onde fomos levados pelo motorista da Fundação. O bairro ficava muito longe. O asfalto não chegava

até lá. A casa de Ivo era muito simples. Via-se pobreza, embora não se visse miséria absoluta. Ele, de altura média, moreno, de bigode, magro, mas não muito. Lurdes, que estava de saída para uma consulta na Fundação, era mais clara, cabelos lisos e pretos, baixinha e até gordinha, muito afável e simpática.

Ivo manuseou as notícias pausadamente, uma a uma. A emoção era visível em seus olhos, quando falava da filha Leide e da cunhada Maria Gabriela (ver anexo 6, entrevista 2 pág. 219). Depois que terminamos, pedi água, e ele fez questão de me mostrar a geladeira -- só tinha água. Era hora do almoço, mas ele não almoçava. "Quase não como", disse, convidando-me para o arroz, feijão e "uma carne ruim", que Lurdes havia deixado no fogão. Mas eu também não tinha fome, e fomos até a casa de Geraldo Guilherme da Silva, que morava num lote um pouco mais abaixo.

Geraldo não estava, apenas a mulher, Odete Alves Souza Feijó, e os filhos pequenos, que só passaram a vivenciar a tragédia do césio quando voltaram a viver com o pai, depois que Geraldo já havia voltado do hospital. Geraldo estava separado da mulher quando tudo aconteceu. O drama da família começou depois, já que, além de uma lesão que se aprofunda no ombro, Geraldo está com problemas mentais e vive ameaçando de matar a mulher, na frente das crianças, além de quebrar os poucos e miseráveis móveis que há em casa.

Por volta das 13:30 hs já estava de volta à Fundação, onde encontrei Devair. Sorte? Acaso? Por via das dúvidas, resolvi não deixar escapar a oportunidade e o convidei para uma cervejinha no Chernobar, em frente à Fundação. Lurdes foi com a gente e pediu um guaraná. Devair, muito bem vestido e até mesmo atraente, pediu uma cerveja sem ser gelada, o que achei estranho para quem se dizia um bom apreciador de cerveja, que costumava beber o dia inteiro. Mas

depois fiquei sabendo o porquê. O dono do bar nos atendia de cara feia e deu uma cerveja gelada, que Devair precisou esperar para beber enquanto conversávamos, porque qualquer coisa gelada lhe fazia mal.

DEVAIR ALVES FERREIRA

PERGUNTA -- Esse acidente começou em 1983? Como é que é?

DEVAIR -- Todo mundo pensa que foi em 87. Não. Pra mim foi em 83. Porque na época houve que o Iris Rezende (PMDB) entrou numa briga pelo terreno da Santa Casa. Naquela época, em 83, levaram no meu depósito o busto da dona Jecina. Foi quando ele desligou do Mauro Borges (PDC). Isso tudo é ligação política. Se eu te falar que esse acidente envolveu a Norte-Sul, você duvida. Isso é um caso mais sério do que todo mundo pensa. Não foi descaso simplesmente dos médicos não. Foi mais político, porque desmontaram, derrubaram, depois colocaram aquela peça num caminhão. O juiz embargou, e devolveram ela. Quer dizer que os médicos iam tirar a peça. Só que deixaram ela lá a Deus dar, jogada. Isso foi muita briga de PDC (Partido Democrata Cristão) com o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), de onde se separaram o Mauro Borges e o Iris Rezende. Ficou aquela briga, e o Iris Rezende querendo querendo aquele terreno para construir um shopping, não sei o quê. Demoliu aquele troço. O busto de dona Jecina, que é mãe do Mauro Borges, foi tirado lá de dentro com autorização de funcionário do Estado. Eles destruíram porque era de bronze. E o bronze tem um certo valor também. Inclusive esse busto da dona Jecina, depois que quebraram ele pra vender, teve até no depósito do meu irmão. Eu não comprei esse bronze, porque o pessoal que me ligou não tinha idoneidade pra isso. Eles eram garotos. Eles não tinham documento do busto. E eu não ia comprar sabendo que era roubado. Agora, o césio não. O césio eu comprei com documento do Wagner, com testemunha e assinado. Infelizmente jogaram tudo fora, mas eu tenho hoje testemunha viva e tenho tudo gravado também

que foi ele.

PERGUNTA -- Você tem medo de ser considerado receptador?

DEVAIR -- O secretário do governo falou pra mim: "Você vai ser processado e vai ser preso como receptador". Ele é muito baixinho, pequenininho. O nome dele é Eduardo de Almeida. Eu falei: Eduardo, o dia que você tiver que me pôr na cadeia, você vai vestir essa camisa e ela vai ficar meia larga em você. Você vai ficar conhecido no mundo inteiro. Eu nunca fui identificado nem por guarda de trânsito na minha vida. Nunca fui. Eu comprei, porque eu tinha segurança do que eu estava comprando.

PERGUNTA -- Lendo os livros que eu li do Fernando Pinto e do Gabeira e essas notícias de jornal, eu fiquei com a impressão que você sentiu uma atração pela pedrinha, pelo brilho dela. Eu queria saber se isso é verdade.

DEVAIR -- A cápsula era um queijo, daquele tamanho. Só que naquela altura do queijo tinha um buraquinho. Eu comprei essa porcaria numa sexta-feira, dia 18 de setembro. Era mais ou menos cinco e meia da tarde. Eu comprei por quilo, 15 cruzados o quilo. A cápsula eu não comprei porque ela é revestida de inox, e inox não tem valor pra nós. Eu comprei o chumbo que é separado. Eu comprei separado. Todo mundo fala que foi aberto no meu negócio. Não foi. Eu comprei ela separada. E essa peça, essa cápsula ficou desprezada no depósito. Ficou lá jogada. Como eu toda vida adorei uma cerveja, adoro, era mais ou menos umas sete e meia, oito horas, e eu fui pro boteco tomar uma cerveja. Cheguei em casa era mais ou menos dez e meia 11 horas. Aí eu vi aquele clarão. Um clarão azul. Saí procurando aquele troço. Desliguei as luzes do depósito e, procurando, achei a

cápsula. Aí peguei e pus perto do meu olho assim, coisa linda, fiquei apaixonado por aquela peça. Peguei e levei pra dentro de casa. Mas eu nem pensava em valor monetário daquilo não. Fiquei intrigado. Que diabo é isso? Porque, minha irmã, eu leio muito. Eu adoro ler. Eu sei a história de Chernobyl. Eu sei de outros acidentes nucleares, eu sei. Mas ali não tinha nada escrito, nada que pudesse me fazer imaginar que podia ser um troço assim. Então, no sábado, peguei a peça e levei pro depósito. Fiquei olhando por aquele buraquinho e imaginando como é que pode ser e por que é isso? Aí eu colocava a mão assim bem pertinho pra fazer ficar escuro pra eu ver. E então era aquele azul assim. À noite, eu comecei a passar mal já no sábado. Mas, à noite, eu peguei uma chave de fenda, que nem tinha pó não. O pessoal fala que tinha pó, é mentira, não existe isso. Nem pedra. Era tipo um cimentozinho assim, sabe como é que é? Então eu enfiava naquele buraquinho, tirava aquele pó. E à noite eu desligava a luz, jogava assim e virava uma cidade, brilhava como Goiânia e Brasília à noite.

Então, mas eu perdi todo couro da mão. Todas as unhas. Ainda tenho ferimentos. Mas isso aqui saiu tudo. Perdi todo o couro da boca, todo o pelo do meu corpo. Então eu jogava assim e parecia uma cidade, você via assim colorida. Então eu me encantei com aquilo. Numa terça ou quarta-feira, o Ivo teve lá em casa uma tardezinha e eu mostrei pra ele. Isso aqui é lindo. E ele levou coisa mínima pra casa dele. E assim eu fiz também com o Edson Fabiano, que era meu vizinho. Só que eles não encantaram muito não. O Edson passou na barriga. Eu botava copo de cerveja em cima daquele trem, que eu tomava cerveja dia e noite. Punha cigarro em cima. Então eu convivi com aquilo oito dias. Minha mulher cismou com aquele troço. Ela dizia: "É esse trem que está fazendo mal pra nós". Aí os meus dentes bambearam todos. Eu não tinha sabor de nada. Sal e açúcar

eram uma coisa só. Fui inchando, não aguentava mais andar. E o meu pelo pegou a cair. E ela, falando que era aquilo, mas eu não acreditava não que era aquilo. Eu adorava.

PERGUNTA -- Por que você não acreditava?

DEVAIR -- Porque eu adorava aquela peça. Era o amor da minha vida aquele troço. Eles falam que eu passei aquilo na minha mulher. Mentira. Minha mulher nunca pegou naquele troço. Nem a casa ela não limpava de medo daquela peça. Inclusive a mãe dela, que ela chamou, foi pro hospital, pro Marcílio Dias. Quase morre também. Mas a minha mulher não mexeu com aquilo. Falaram que eu levava pro banheiro comigo. Eu nunca levei. Eu adorava aquele troço. Eu pensava... eu mandei o Israel, aquele rapaz que morreu, ele trabalhava comigo, que cortasse aquele troço porque eu queria ver se fazia um enfeite pro meu carro. Sabe como é que é? Já pensou: à noite, com o meu carro todo enfeitado assim todo cheio de cores? Eu pra mim mesmo não. Eu ainda agarrei nela uns dez minutos cortando. Mas não conseguia. Aí eu fui ver e estava desperdiçando aqueles fragmentos, aqueles pedacinhos, aí eu mandei parar. Aí numa quarta-feira a minha mulher trouxe ela aqui, onde era a Vigilância Sanitária e hoje é a Fundação. Mas era uma semana da corrida de motocross. Não se achava médico em Goiânia. No domingo minha mulher foi no médico três vezes. E médico pago ainda. Ele aplicava uma injeçãozinha, e ia embora pra casa. Eu digo: ah! eu não vou. Porque eu detesto médico. Tenho nojo de médico. E também nunca tinha recurso pra isso. Então, minha irmã, foi passando passando. Essa peça vinha aqui na Vigilância Sanitária, mas como não tinha médico pra olhar, ela voltava pra casa. E eu embalava ela muito bem embalada de medo de perder a coisa. Quem trazia era o Geraldo. Minha mulher vinha junto no táxi. Eu não dava conta de dirigir. Ela ficou comigo oito dias. Eu comprei ela

numa sexta-feira, quando foi na outra eu vendi, porque tinha preço para aquilo. A peça da pedra não vendi. Pra inteirar os 11 dias foi quando aí terminou a corrida -- né? -- houve médico e eles descobriram que era césio. Acho que foi no dia 28, porque no dia 29 eu fui pro hospital. De tudo isso... Nós vivemos num País de corrupção, ninguém se interessa por nada, só quer viver acabando com a vida dos conhecidos, desconhecidos. Eu pagava 11 tipos de impostos diferentes. Eu tinha umas 50 famílias que dependiam de mim nessa época. Eu era um marajá do ferro-velho. Eu era um marajá! Por quê? Porque eu pagava o meu pessoal muito bem, eu tinha os meus carros, eu tinha uma senhora mulher. Eu fui casado 16 anos. Nós não criamos filhos, mas a nossa vida era cheia de menino direto. A nossa casa era uma creche. Eu adoro criança! Aí o que que acontece. Veio essa desgraça. O governo estadual fez até mais do que podia. Mas só que eu acho que essa é uma obrigação do governo federal, acho mesmo. A União, que tem que pagar a coisa, não o estadual. Porque a CNEN é um órgão federal, e não estadual. E isso é um acidente nuclear! Isso não é um acidente de carro, que o estado é obrigado, ou o município é obrigado.

Pausa para pedir um pão de queijo no Chernobar. Era horário de almoço, e eu não tinha almoçado. Ofereci um pra Devair. Ele recusou.

DEVAIR -- Eu tenho dez anos que eu não almoço. Eu só faço jantar. Não almoço de jeito nenhum.

PERGUNTA -- Mas o senhor janta bem ou come pouco?

DEVAIR -- Muito pouco.

PERGUNTA -- Mas, quando a sua mulher vivia você comia bem?

DEVAIR -- Ah, lógico. Aí tinha até camarão.

PERGUNTA -- Fala mais dessa atração pela pedra. Você achava que ia mudar a sua vida, que era uma sorte?

DEVAIR -- Não, não, não. Nada disso.

PERGUNTA -- Você é supersticioso, místico, acredita em Deus?

DEVAIR -- Sim. Eu fui quem celebrou a missa de sétimo dia da minha mulher. Eu estudei no Colégio São Francisco em Anápolis. Eu era pra ser um padre hoje. Aí eu bebi uns vinho, lá na sacristia, escondido, e o frei Vicente veio puxar a minha orelha, e eu xingando ele, até que ele me expulsou do colégio. Eu sou meio levadinho, mas eu acredito em Deus, sim. Voltando: eu não pensava em valor monetário de nada daquilo não. Eu pensava em tirar e desmanchar pra fazer um enfeite pro meu carro. Se você visse, você ia fazer um anel pra você, do jeito que mulher é vaidosa!... Era lindo, lindo! Bom, pra uns, né? Acho que pra outros nem tanto. Se você a visse dois segundos e estivesse de longe, você tinha que ir lá e pegar. Sabe como é que é? Parecia que era um imã. Linda, linda, linda! Eu adorava, e a minha mulher tinha pavor.

PERGUNTA -- Intuição, né? Normalmente os homens não acreditam na intuição. Todas as mulheres que eu tenho conversado, da turma toda, elas já tinham a intuição que aquilo não ia dar coisa boa.

DEVAIR -- Pois é. Todas. A Santana principalmente. (ver

Anexo 6, entrevista 1 pág. 203). Mas eu adorava. Achava lindo. eu sei lá. Se eu soubesse onde ela estivesse enterrada, eu ia lá tirar. Eu ia tentar tirar.

PERGUNTA -- Pra quê? Pra morrer?

DEVAIR -- É. Quem sabe. Eu acho que a morte é a continuação da vida. Eu nunca tive medo da morte. Eu acho que está passando da hora de eu morrer também, sabia? Esse troço me trouxe muita... sei lá. Eu sou um cara muito revoltado eu toda a vida fui um cara muito alegre, muito badalado. E eu acho que hoje eu sou menos conhecido em Goiânia do que eu era antigamente. Nunca tive esse tipo de discriminação, do pessoal ficar com medo de mim. Mas hoje eu não sinto mais alegria de viver não. Eu perdi tudo, tudo. O governo me indenizou móveis. Você sabe que hoje eu vivo dentro do carro? Eu não tenho casa. O Halim, esse presidente que chegou aí agora, faz promessa, mas... Ele me mandou pra uma pensão. Eu dei um cheque sem fundo, e eu estou esperando ele pra ele cobrir esse cheque senão eu estou lascado. Eu já pensei em pôr fogo nessa Fundação. Eu pus fogo no quarto onde eu estava aqui no INPS, por que não ponho nessa Fundação?

PERGUNTA -- Você ficou quanto tempo aqui?

DEVAIR -- Aqui eu fiquei quatro meses. No Rio um mês e quatro dias, e aqui quatro meses, incluindo com a Febem, né?

PERGUNTA -- E nos hospitais você tinha acesso a noticiário?

DEVAIR -- Olha, eu tenho um troço comigo que é horrível. Eu tenho uma facilidade incrível de corromper as pessoas, sem querer. É uma coisa sem querer. No Marcílio Dias, não entrava rádio, não entrava jornal, só podia ler a Bíblia. E

eu folheava aquele troço pra ver se não tinha uma notícia escondida. Eu sei que eu consegui botar o jornal O Globo dentro do Marcílio Dias. Eu queria ver notícias. Eu queria saber notícias daqui. Minha mulher já tinha morrido. O pessoal já tinha morrido. Eu fiquei em coma muito tempo, mas já tinha saído daquela situação. Eu bati um papo com o enfermeiro, e ele me leva o jornal O Globo. Hah! Eu estou folheando e quase que eu voltei a ficar de coma novamente. Porque eu não sabia daquilo. Estava no Globo, na terceira ou quarta página, um pedacinho de notícia pequena, que no outro dia eles haviam enterrado a minha mulher. Haviam apedrejado o caixão da minha mulher e da minha sobrinha também, a Leide. Então eu vi aquilo, me deu uma revolta tão grande. Sabe por que? Porque a pessoa que incentivou a isso é um vereador. A esse vereador eu emprestei carro pra ele em 1980. Eu emprestei dinheiro. E ele foi como suplente. Mas eu ajudei aquele cara a ser hoje um vereador, porque o outro virou deputado e ele ficou vereador. Eu ajudei aquele cara, e ele, no fim, incentiva o pessoal a apedrejar a minha mulher. Uma mulher que salvou Goiânia. Porque, se é por mim, Goiânia inteira tinha morrido. Eu não vinha voltar para Goiânia, mas eu voltei só por essa notícia. A coisa que tinha na minha cabeça era o seguinte: eu vou e faço ele, aí me entrego ou então me dou um tiro na cabeça. Eu tenho esse revólver até hoje e tem uma bala. Ou ela vai ser pra mim ou pra ele. Só que essa gente não se vê nunca. E eu não vou procurar ele na casa dele, não vou na Câmara, não vou mexer com ele assim. Mas, se eu encontrar com ele, vai ter as cara comigo.

PERGUNTA -- Como é o nome dele?

DEVAIR -- José Nelto. Esse cara... eu não posso nem falar no nome dele que eu perco o controle, sabe. Ele não podia

ter feito isso, porque a minha mulher salvou a vida dele, da mãe dele, dos filhos dele. Isso é uma covardia enorme. Que culpa teve ela daquele troço? Apedrejaram, deitavam na fossa, não deixavam passar. Eu não estava aqui, mas eu vi no jornal O Globo, no Rio de Janeiro. Na televisão, eu não vi isso. A minha mulher quando chegou lá, chegou ótima. Ela tinha um cabelo longo muito bonito. Então ela fez pressão no doutor Alexandre pra ir pro Rio. E chegou lá ótima. Eu lembro dela assim bem pequenininha. Eu estava muito ruim. Ou sei lá se eu estava ruim. Eu sei que... eles levaram ela pra me ver lá no quarto, e não podia ficar muito tempo perto de mim. Então ela olhava pra mim e dizia: não vamos voltar pra Goiânia mais não. Nós não temos filhos. Nós temos nossa vida feita já. Vamos ficar aqui no Rio. Você adora a Beth Faria. Você vai conhecer a Beth Faria pessoalmente. Porque as enfermeiras e os médicos ouvindo aquilo, na missa de sétimo dia dela, quando terminou a missa me entregaram um envelope branco. Era a foto da Beth Faria autografada por ela. E eu peguei e mostrei, no aeroporto, né? Foi uma satisfação. O último presente que a minha mulher me deu. Ela morreu, mas deixou esse presente. Porque eu adoro a Beth Faria. É o trabalho dela. Ela tem uma fibra incrível, né?

PERGUNTA -- Quer dizer que contato com notícias, de certa forma não teve, não é?

DEVAIR -- Não. Só essa vez. Mais tarde a gente escrevia... lá não tinha telefone, não tinha nada. Ora poxa. Eu fiquei esse tempo todo sem ver sol. Lá só tinha um vitrozinho bem alto lá em cima. Depois eu não agüentava levantar, não podia fazer nada. Minha vida virou um corredor. Era quente e era frio. Às vezes eu criava caso, dizia que não gostava da comida. Mandeï proibir o povo de tomar

remédio, de comer. Pra fazer pressão, senão... Mas se tem um pessoal que eu adoro... Eu faço de tudo pra voltar pro Rio de Janeiro. Lá eu deixei uma família. Pessoal ótimo, ótimo. Aqui em Goiás é essa bomba. Ninguém dá valor a ninguém.

PERGUNTA -- E na volta aqui no INAMPS tinha contato com notícia de rádio, televisão, jornal?

DEVAIR -- Tinha. De quando eu cheguei, já tinha até televisão pra gente. Tinha de tudo. Jornal... não tinha mais problema não.

PERGUNTA -- Quer dizer que essas notícias daí não são novidade, né?

DEVAIR -- Não. Tem muita mentira, né? Olha: "Há focos na Vila Morais". Isso é mentira. O que esse pessoal levou de dinheiro do governo, com mentira, não tá escrito. Você sabe por quê? Eu sou o único que pode provar onde essa peça andou. Se disser que eu posso contaminar aqui nesse bar, com a minha presença, tudo bem, eu aceito. Mas... você acredita que o governo chegou a pagar a um detetive, tentaram subornar os meus irmãos pra dizer onde é que estava a outra peça, que eu tinha outra peça do césio. Aí eu convoquei a imprensa, televisão.

PERGUNTA -- Nesse internamento, vocês estavam isolados e não podiam falar com jornalistas, não é?

DEVAIR -- Bom, eu falava.

PERGUNTA -- Foi logo que descobriram, não foi?

DEVAIR -- Bom, logo que descobriram sim. Mas no Rio eu não falei porque lá não tinha jeito de entrar. Mas, quando eu cheguei aqui no INAMPS, eu fui o único, porque sabe como é que eu falava? Porque eu tenho uma amiga jornalista, então ela mandava o gravador pra mim. Era bem pequenininho. Aí eu falava o que estava acontecendo, como é que foi, como aconteceu. Eles quiseram calar a minha boca. Mas eu não admito isso.

Devair lê notícia: "Presença de vítimas altera vida no Marcílio Dias".

DEVAIR -- Isso aqui, eu lembro desse troço. O pessoal falando na hora que eles estavam querendo invadir o hospital. Era um tiroteio à noite toda. Eu não dormia. De vez em quando eu perguntava, quando eu estava lúcido, pro enfermeiro ou médico: escuta, o Vietnã está invadindo o Brasil? Parecia uma guerra mesmo.

PERGUNTA -- Vocês sabiam lá que tinha caixão pra vocês?

DEVAIR -- Pra mim eu sabia. Eu sabia no dia que eu cheguei no Marcílio Dias. Cochicho, né? Eu vejo mais na frente.

PERGUNTA -- Você acredita que vá aparecer algum culpado?

DEVAIR -- É como eu te disse no início. Eu não vou dizer que eles têm culpa, porque o juiz embargou eles de tirar a peça. Ela estava já dentro de um caminhão pra eles levarem. Isso não é um serviço deles (dos médicos). Isso é um serviço da CNEN, que é um órgão com a responsabilidade pra mexer com isso.

PERGUNTA -- E você acredita que vá aparecer a CNEN como culpada?

DEVAIR -- Ah, ah, ah. Nesse País ninguém é culpado. É todo mundo e ninguém. Isso eles não vão fazer nada. Não vai acontecer nada, nem com eles, nem com CNEN, nem com governo federal, nem governo estadual, nem comigo, nem com ninguém. O pior aconteceu com a gente. Que futuro tenho eu? Que futuro têm meus irmãos? E que futuro têm essas crianças que você vê aí dentro (da Fundação). Não existe. Esses é que são os culpados!

Procuro alguma notícia para estimulá-lo a falar e me detenho na reportagem da Isto É, que tem o Rex Nazareth falando sobre o Programa Nuclear Brasileiro.

DEVAIR -- Esse é outro cafajeste. Esse, eu vou te falar, é o pior figura que existe pra mim. Se juntar esse e aquele presidente da República, que não é o José Sarney, você sabe disso...

PERGUNTA -- Quem?

DEVAIR -- O Ulysses Guimarães! Se juntar esses dois...

PERGUNTA -- Por que o Ulysses, e não o Sarney?

DEVAIR -- Porque é o Ulysses que manda no Sarney. O Sarney é o secretário dele. Pode ter certeza.

Devair lê outra notícia: "Leide ingeriu césio com pedaço de pão".

DEVAIR -- Não foi de pão, foi de ovo. Ela estava comendo ovo cozido.

Detém-se em outra notícia: "Goianobyl é uma lição". E pede uma cópia da notícia para guardar.

DEVAIR -- Eu acho, isso é uma opinião minha, que foi um mal necessário. Principalmente porque, na América do Sul, país nenhum tem condições de sustentar outro tipo de acidente desses. Porque, se você perguntar a mim, talvez eu saiba, mas, se você perguntar ao Sarney, ele não sabe o que é energia nuclear. Ele não sabe mesmo. Se você perguntasse ao Rex Nazareth, ele não sabia também. Pergunta ao doutor Alexandre, doutor Valverde... aqui esses médicos mesmo, eu sei mais do que eles. Mas eles não sabiam nada, nem sabem disso até hoje. Eu sei porque nós fomos cobaias até hoje. E vamos continuar sendo pro resto da vida. Eles entraram com um papo de fazer exame de medula em todo mundo. E eu sempre ponho na cabeça do pessoal: vocês não deixam, não. Chega de ser cobaia, gente! Não é possível! Eu escutei outro dia que eles vão amputar o pé do Wagner. Daqui a pouco eles vão amputar esse dedo meu, você vai ver. Só que eu não aceito. Eu aqui não pego nem remédio. Aqui não tem nada. Não existe. nem sei proque isso aqui existe (a Fundação). Eu não sei o que esse povo está pensando não. Esse presidente novo que está aí só promete, promete... é político. Ele é político. Eu tenho três ou quatro audiência, agora pro início de agosto, e fim de agosto também... Eu quero colocar em juízo esse troço, porque tem muita coisa suja nisso daí. Muita politicagem. Todas as desgraças que acontecem no mundo são por causa da política. Nós vivemos num mundo que não compensa mais. Isso tinha que explodir logo tudo, acabar.

EU -- É, mas tem tanta gente inocente!

DEVAIR -- Mas esses inocentes é que têm que pagar pelos pecadores, não é não? É a lei da vida.

PERGUNTA -- Você recebeu uma indenização. Quanto foi?

DEVAIR -- De móveis. Deu 600 mil cruzados. Agora eu pergunto: o que é que vale 600 mil cruzados hoje? E eu não digo tanto pelo dinheiro. Você sabe que a inflação corrói tudo. Eu comprei o quê? Dois carros. Agora tive que vender um pra me manter. Porque eu não tenho condições. Estou na rua. Estou esperando ele aqui pra me cobrir um cheque da pensão. Eu nunca peguei uma cueca que eles me devolveram. E depois... eu acho que não é por aí que vai resolver o problema de todo mundo -- dando ou não dando indenização. O governo, simplesmente, tinha que devolver a mim, a eles o direito de trabalho, porque o homem que não trabalha pra mim não tem sentido de vida. Eu estou com oito meses que eu não trabalho, não faço nada. Eu estou louco. A minha vida é de bar em bar. E aí? Isso é vida pra um homem? E aí você me pergunta: por que não volta a trabalhar? Eu quero voltar a trabalhar! Só que eu nunca fui empregado de ninguém. Eu fiz uma proposta pro governo, das mais honestas possíveis. Eu disse: olha, não quero casa, nem aluguel, nem mensalidade de três salários mínimos. Eles me prometeram isso tudo. Eu não quero nada disso. Eu quero o que eu ganho do meu bolso. Façam o seguinte: financiem um táxi pra mim, e eu vou pagar o táxi com o dinheiro que eu ganhar às minhas custas. Eu detesto coisa que é do governo. Pra mim, a pior coisa do mundo é eu ficar te pedindo dinheiro. É horrível. E não é só eu não. Os outros todos querem trabalhar. Senão, a gente fica aí só pedindo, pedindo, parece cigano. Esse é um País de cigano. Eu vivo desse jeito. Mas não. Eles não fazem nada. Sabe o que eu fiz? Mudei pra Fundação. Peguei minhas roupas, uns trapo de muda, coloquei na sala da presidência e levei cerveja pra lá. Eu falei: agora eu vou morar é aqui. Eles me mandaram pra uma pensão, mas não deram dinheiro pra pagar. Dei um cheque sem fundo. É da minha namorada! O pior é que é dos outros. Eles vão ter que cobrir.

Devair comenta a notícia que dizia: "Médicos dizem que os sobreviventes do césio ficarão incapacitados".

DEVAIR -- Eu não acredito. Pode ser um caso, como o do Roberto, que amputaram o braço dele. Pode ser o caso do Ivo. Pode ser o caso do Ernesto, né? São os que estão mais ruins. Mas os outros têm condições de trabalhar sim.

Devair olha outras notícias. Pergunto se era verdadeira a que dizia: "Governo de Goiás desapropria local do acidente radioativo".

DEVAIR -- Sim. Está desapropriado. Os três locais. Está na rua 57. Está onde era o meu depósito e lá onde era o do meu irmão.

PERGUNTA -- Mas eles pagaram pra vocês?

DEVAIR -- Não. Não. Não. Até agora só pagaram móveis, móveis, utensílios de casa. Só isso.

PERGUNTA -- Então por que a desapropriação?

DEVAIR -- Não é desapropriação. É uma roubação.

Começo eu a mostrar as notícias para tentar extrair mais coisas daquele encontro, que se transforma num pingue-pongue.

NOTÍCIA -- "Punição para funcionários da CNEN".

DEVAIR -- É... é um negócio meio esquisito, né? Maior parte disso aí tudo é mentira.

NOTÍCIA -- "Teve mais grave acidente do mundo" -- Goiânia.

DEVAIR -- Olhando esse troço aqui eu me lembro. Nessa febre que a gente tinha, eles aplicavam um soro preto. Falo que era preto porque acho que era enrolado num plástico preto. E tinha uma bombinha lá -- piuuuuuu. Oh minha Nossa Senhora, quebrava todo assim inteirinho. Se desligasse, morria. Vai doer assim no inferno! Eles falavam que a Lei de era minha filha.

NOTÍCIA -- Aqui ó: "Contaminados já estão ficando cegos".

DEVAIR -- Quem?

PERGUNTA -- Está aqui: Ernesto Fabiano está com catarata e perda gradativa da visão. Mulher de Ernesto, a Dalva, Kardec, Ivo e só.

DEVAIR -- Mentira. Fizemos exame de vista, de todo jeito. Só se daqui a um ano, né?

PERGUNTA -- E aquela dos bombeiros, tem aqui também.

DEVAIR -- Ah! isso também é outra mentira daqueles filhos de uma puta. Bom, eles podem ser porque mexem muito com água fria -- né? -- não tem jeito de esquentar pra nada. Isso aí é uma mentira. É preguiça de trabalhar.

PERGUNTA -- Lendo essas notícias aqui, como você acha que foi o trabalho dos jornalistas?

DEVAIR -- Muito sensacionalismo que eles usam. Olha: noventa por cento disso aqui é mentira. Mas é em todos os jornais. Todos.

PERGUNTA -- Por que você acha que eles fazem isso?

DEVAIR -- Vontade de vender mais jornal. Só pode ser isso. Olha: pra mim, eu considero um jornalista como uma hiena. Não digo todos. Mas 90 por cento deles. Essa grande imprensa é uma grande mentira. Olha essa aqui: "Contaminados estão ficando cegos". O único caso que pode confundir é o do Ernesto, que sempre usou óculos. Ele toda vida teve problema de vista, mas os outros não. Isso é pra vender jornal. Só isso. São todos uns urubus. Eu nunca vi mentir desse jeito.

NOTÍCIA -- "Incidência de câncer deverá crescer muito".

DEVAIR -- É nós fazemos exame de sangue de três em três meses. Eu não acho que é impossível acontecer não. Mas é a mesma coisa de eu achar que você possa viver daqui a três dias. É a mesma coisa. Eu posso morrer de leucemia, como posso morrer de enfarte, sei lá. Não tem nada a ver. Ou então de amor, que eu ando amando demais. Quem sabe eu morro?

PERGUNTA -- Mas, se você anda amando demais, então por que está falando que a vida não tem mais graça?

DEVAIR -- É por isso mesmo, porque eu amava uma pessoa só. Acho que tinha mais sentido. Hoje se ama muito, e não se ama ninguém. Entendeu?

PERGUNTA -- Aqui fala: "Quarenta mil pessoas começam a abandonar as zonas críticas de contaminação". Quarenta mil pessoas é um bocado de gente, não é?

DEVAIR -- Essa é outra mentira desgraçada. Você vê. Hoje estão falando que tem mil e não sei quantas pessoas que foram irradiadas, contaminadas, sei lá. Se passar de

quarenta... Eu tenho certeza e aposto com você, com toda a sinceridade. Isso é mais um rombo que eles estão fazendo no governo.

PERGUNTA -- Quem está fazendo?

DEVAIR -- Esse pessoal da CNEN, porque eles não podem perder esse bom emprego que eles têm aqui agora. Eles estão na teta do governo. Estão à vontade. E o pior é que o governo não toma providência não. Vai lá e vê. Lá tem computador. Vai lá e olha o nível de contaminação de todos.

PERGUNTA -- Quer dizer que as suas expectativas agora...

DEVAIR -- Não tem sentido mais. Se a gente tivesse trabalho por que viver tudo bem. Mas não tem. Eles não deixam eu trabalhar. Outra coisa: tem policiais aqui -- eles não vão falar pra você -- que colocaram como se fosse lixo televisão a cores, videocassete... E nêgo levou pra casa deles. Condenaram. Tiraram de nós e levaram pra eles. Pessoal lá da CNEN. Isso aqui virou um bolo desgraçado. Isso não foi assim como eles colocaram.

PERGUNTA -- Você se sente roubado?

DEVAIR -- Eu? Mas em tudo -- na minha pessoa. Poxa, eles me tiraram o meu ganha-pão, a minha mulher, a minha saúde. Tiraram tudo, tudo. Até a minha personalidade, porque hoje eu tenho vontade de dar um tiro na cabeça e acabar com tudo. E antes eu não tinha nada disso. Eu não me sinto não. Eu sou um cara roubado. Me tiraram tudo.

PERGUNTA -- E esse lixo que está parado lá?

DEVAIR -- É o que eu falei pra você. Na casa da minha mãe, por exemplo, eles destruíram tudo e depois cismaram que não precisava ter tirado. Sabe como é que é? Aí tinha uns trem lá de muito tempo. Deu a maior mão-de-obra do mundo pro velho meu pai, sem necessidade. Isso aí tudo é pra tirar dinheiro do governo. "Monumento da radiação". Eles falam, né? Um parque político, não, público, né? Só que eles tinham que colocar diferente -- parque político. Dizem que nós vivemos num País democrático. Acho que não é democrático, é demorocrático. É tudo muito demorado aqui. Eu não comparo esse País com um circo porque eu respeito demais os palhaços. Esse é o Fernando Gabeira (folheando as notícias). Esse almoço aqui foi lá perto de onde está o lixo, só pra fazer gracinha também. "E se fosse em Angra?" (lê a frase de Gabeira). Eu queria ver se fosse em Angra, se não ia ser diferente do que foi aqui em Goiás.

PERGUNTA -- Por quê?

DEVAIR -- Poxa, você quer comparar o Rio com Goiás? Goiás não chega nem perto de Angra. Porque lá tem usina nuclear. então poderia ter sido lá. Boa idéia, se tivesse ido pra lá.

PERGUNTA -- Ia ser diferente no sentido das providências?

DEVAIR -- Lógico, lógico. Se acontece isso em Angra, aí o País era mais desmoralizado ainda. Você sabe que o Brasil tem ligações com a Alemanha na energia nuclear, né? Eu telefonei pra viena, na Áustria, o.... como é mesmo o nome dele? O Wolf Simonsen. Eu telefonei pra ele de vez em quando. Nós batemos papo. Ele promete mais de mil vezes ajudar esse troço. Eu prometi os filmes, em videocassete. São os documentos que eu tenho muito bem guardados. Eu que arranjei com o pessoal. E prometi mandar pra ele, se ele

resolvesse isso aqui no Brasil. Porque eu sei o descaso que houve. O porquê houve esse troço aqui. Eu fui convidado pra ir para os Estados Unidos, dia 12 de fevereiro, e o governo não deixou. Eu ia pro Rio de Janeiro esses dias, e não pude ir. Não deixam. Dizem que eu falo muito. Só que o que eu falo pra você, eu posso provar. E, se eu provar, é ruim pra eles. Daí eu fico nessa desgraça daqui.

PERGUNTA -- Esses depoimentos foram gravados por quem?

DEVAIR -- Eu fiz depoimento gravado com aqueles que foram atingidos diretamente, mostrando as feridas, contando tudo como foi. Eu levei o pessoal. Tinha que dobrá-los, porque eles não queriam fazer isso. Tem uns três meses que foi feito. Foi com um assessor de imprensa.

Devair não quis revelar o nome. Ele disse que está guardando o material para "amanhã quem sabe escrever um livro sobre a verdade do césio". continuamos a passar as notícias. Ao ver a foto de sua mulher Maria Gabriela, Devair reage.

DEVAIR -- É, essa é a minha mulher. Não gosto de ver mais isso tudo.

PERGUNTA -- Esse aí está chamando vocês de "punguistas nucleares".

DEVAIR -- É capaz dele nem saber o que é isso. "Devair é um biscateiro de ferro-velho". Biscateiro de ferro-velho que pagava onze tipos de impostos. Cada cabeça, uma sentença. A gente tem que aceitar tudo.

PERGUNTA -- Você acha que o Estado de Goiás perdeu alguma coisa?

DEVAIR -- Já te disse desde o início que é politicagem. Não vou deixar de dizer que houve uma discriminação pro estado. Houve no Rio de Janeiro, quase que o País inteiro. E se ti vesse acontecido lá? Não adianta, que a corda sempre arrebenta do lado mais fraco.

PERGUNTA -- E o lixo atômico?

DEVAIR -- Acho que cada estado deve cuidar do seu lixo.

PERGUNTA -- Devair, se você não tivesse sentido uma atração pela pedra do césio, o que teria acontecido com ela?

DEVAIR -- Ah! teria ficado lá até hoje. Não ia levá-la pra dentro, lógico. Porque ela estava desprezada no depósito. A atração eu senti, quando eu a vi à noite. Se eu não tivesse saído à noite, talvez poderia ter acontecido o que aconteceu, a mesma coisa, mas nunca ia ligar aquela cápsula com a doença nossa.

PERGUNTA -- Teria alguma possibilidade de, no meio da sucata, ir para um ferro-velho maior?

DEVAIR -- Ela foi parar no ferro-velho maior, na outra sexta-feira, depois que os meninos quebraram ela. Eles amassaram ela toda, tinha perdido já aquele brilho, eu mandei e la pra outro ferro-velho.

PERGUNTA -- Como é que você explica de não ter morrido?

DEVAIR -- Eu sei lá. Não era o dia. Eu já tive umas três vezes quase morto. Depois desse acidente, houve um outro acidente comigo, de carro, e todo mundo não acreditou que eu pudesse sobreviver. E, antes do acidente com o césio,

houve um outro de carro, muito violento também, mas eu só quebrei a perna. Mas eu sempre falo que, enquanto existir mulher bonita e cerveja, eu não morro não.

Na quarta-feira ao chegar cedo, pela manhã, à Fundação, logo encontrei Lurdes e Ivo. Ela tinha consulta. Ela teria curativo na mão e perna com radiodermite, mas, ao chegar lá, disseram que o médico só vinha à tarde. Apenas Ernesto, como era caso especial -- disse a enfermeira -- podia fazer curativo pela manhã. E o mais incrível é que haviam buscado Ivo de carro, para um curativo que não seria feito.

Arrisco de puxar conversa com Betão -- o Roberto Santos Alves. Não tinha tido coragem no dia anterior. Seu olhar desconfiado havia me intimidado. Desta vez, tentei brincar, dizendo que ele era famoso, que o conhecia dos jornais e que gostaria de conversar com ele para minha pesquisa, mas ele dizia: "Mais tarde". Tentei animá-lo, dizendo: Bola pra frente, olhar para cima!

A sua resposta foi de que dava graças a Deus, o único responsável por ele ainda estar vivo.

Lurdes estava bem disposta para a entrevista, que foi feita na sala de curativos. Não pude usar com ela a técnica do espelho, pois não sabia ler. Mas isto não fez muita diferença. Habituada a dar entrevistas e a saber de tudo o que se passava ao seu redor, Lurdes sabia muito bem o que queria me dizer, e eu, o que queria perguntar (ver a nexo 6, entrevista 3 pág.221).

Ao final, depois de uns trinta minutos de gravação, Lurdes me tratava como a uma pessoa muito íntima, uma

verdadeira amiga que ela queria carregar para sua casa e ficar muito tempo junto conversando. Mas seu marido interferiu sugerindo que eu aproveitasse a carona do motorista da Fundação para ir à casa de Kardec e Luisa Odete, que ficava no caminho do HDT. Era tarefa diária do motorista levar o sangue coletado dos pacientes de manhã cedo para ser analisado no Laboratório de Saúde Pública, no hospital de Doenças Tropicais, que ficava a 20 quilômetros da Fundação.

Carregadas numa pequena caixa de isopor, as pequenas ampolas com o sangue iam tampadas apenas com um papelzinho, porque "faltavam tampas de borracha", conforme a enfermeira que entregou o material ao motorista. Argumentei que o sangue poderia derramar e misturar-se, o que de fato acontecia muitas vezes, segundo me disse o motorista, e os pacientes eram chamados de novo à Fundação para novas agulhadas.

Enfim, estava na casa de Kardec e sua família, mas ele não estava, apenas sua esposa. Luisa Odete tinha marcas brancas no pescoço moreno. Foi a primeira coisa que me chamou atenção em sua figura. A casa ficava num bairro pobre e era também muito pobre, apertada e com móveis pobres. Tive a intuição de gravar primeiro com Odete, e, só no final empregar a técnica do espelho.

LUISA ODETE DOS SANTOS

PERGUNTA -- O que você esperava da vida antes e o que espera agora?

LUISA ODETE -- Eu tinha saúde. O meu marido também tinha. Eu vivia trabalhando. De vez em quando, lavava roupa pra fora. Já trabalhei de doméstica depois de casada, e o meu marido (Kardec Sebastião dos Santos) tinha a profissão de vigilante. Então eu tinha esperança que depois que meus filhos crescessem, eu ia ajudar o meu marido a trabalhar. Talvez a minha vida melhorasse. Eu era rica de saúde. Eu não esperava que isto viesse acontecer comigo. Agora não tenho esperança de poder nunca trabalhar e ajudar o meu marido. Hoje eu tenho muita tristeza. Muita mesmo. A minha vida aqui em casa de vez em quando é chorar, porque eu preferia mil vezes a minha vida pobre que eu tinha, mas a saúde era muita.

PERGUNTA -- Você se sente roubada em alguma coisa?

LUISA ODETE -- Como assim?

PERGUNTA -- Se você perdeu alguma coisa por causa do césio, ou do destino, ou das autoridades. O que você sente?

LUISA ODETE -- Eu sinto assim. Por uma falta de responsabilidade, eu perdi as amizades, a saúde e eu era feliz. Tinha meus familiares ao meu lado, e hoje, infelizmente, eu perdi minha própria mãe. Isso me dói muito, muito mesmo (Luisa Odete começa a chorar). Até hoje minha mãe não me procurou. A coisa mais importante que eu tinha na minha vida era a minha mãe e a minha saúde. Perdi minha sobrinha (Leide), a esposa do meu primo (Maria Gabriela) que era

muito legal também, por uma falta de responsabilidade. Tem uma irmã que tem me procurado sempre. E o marido dela, que é irmão do meu marido, de vez em quando eles estão aqui em casa. E a minha sogra, Teresa Geralda dos Santos, que eu a doro muito, ela me procura sempre também e faz o que ela pode por mim. Mas ela tem aquela vidinha pobre também, e foi prejudicada porque nós fomos contaminados num dia e no outro a gente estava lá na casa dela. Posso dizer que a me lhor amiga que eu tenho é essa que mora em Brasília, que participou do meu sofrimento lá no Rio. Então, na hora da minha tristeza, ela podia estar no serviço que ela abandona va o serviço e ia lá me ver.

PERGUNTA -- Você tomou aquele remédio, o radiogardase?

LUISA ODETE -- Parei esses dias porque não sei se é porque faltou ou se realmente nós não precisamos mais de tomar. Inclusive tinha algumas pessoas que estavam até se sentindo mal com ele. O meu primo Ivo, parece que estava tudo colado no estômago dele aí parou. E não está tendo pra ninguém agora.

PERGUNTA -- Como é que está a situação da moradia de vocês?

LUISA ODETE -- No início foi combinado que eles iam pagar seis meses de aluguel e que, dentro desses seis meses, eles iam resolver uma casa pra todos. Eu toda vida morei de alu guel. Não tenho lote, não tenho nada. Mas antes eu tinha saúde e lutava por um dia possuir uma casa e um lotinho (terreno). Eu trabalhava, o meu marido trabalhava, então a gente podia conseguir. Mas agora eu não tenho esperança ne nhuma mais. Então eu queria muito ter um cantinho para mo rar. Eu achava que iam resolver dentro de seis meses, mas não foi resolvido. Então já pediram o contrato para mais

seis meses de aluguel. Então eu estou achando que dentro desses seis meses entram outras pessoas diferentes... (silencia)

PERGUNTA -- Você tem medo de falar?

LUISA ODETE -- É, acho que não vão resolver. Por causa de mentirada, né? Porque dizem que nós estamos tranquilos, que estamos tendo toda assistência, que estamos ganhando três salários mínimos, sendo que são dois por mês.

PERGUNTA -- É suficiente isso ou não?

LUISA ODETE -- Ajuda um pouco, né? Nós já estamos recebendo a cesta (básica) de tanto eu brigar, porque aqui em casa somos seis pessoas e uma cesta por semana não estava dando. Porque são cinco quilos de arroz, dois quilos de feijão, um quilo de farinha, dois quilos de açúcar e três quadros de sabão. Então, de tanto eu brigar, a partir da semana passada, eu já comecei a receber duas cestas por semana.

PERGUNTA -- Você tem medo que isso possa acabar?

LUISA ODETE -- Eles disseram que iam dar a carne e a verdura. A carne já tem várias semanas que nós estamos recebendo e a verdura ninguém escuta falar mais nada. Então eu penso assim: que, se eles dão a carne e a verdura, vão cortar o dinheiro que eles dão pra gente. E dentro de casa não é só o que a gente precisa, de carne e da verdura, né? A gente precisa comprar outras coisas, como papel higiênico, sabonete -- leite eles dão também -- o pão de todo dia, várias coisinhas que a gente precisa comprar pra dentro de casa. Então eu tenho medo que eles cortem o dinheiro por isso, por causa da cesta básica, da carne. Toda a semana eu faço a feira.

PERGUNTA -- Enquanto você estava no hospital no Rio e quando voltou aqui para o INAMPS, você viu alguma notícia do acidente?

LUISA ODETE -- Não. Lá no Rio nós éramos proibidos de ver jornal, rádio e televisão. Por estarem todos em pânico e talvez fosse pior pra gente ver alguma notícia ruim, então eles evitavam. Eu fui ver televisão aqui no INAMPS, porque já tinha acontecido o pior, já estava todo mundo sabendo como é que estavam os mais ruim, então já não tinha problema.

PERGUNTA -- Você sabe ler?

LUISA ODETE -- Sim.

PERGUNTA -- Chega a ler alguma manchete de jornal?

LUISA ODETE -- Leio, mas eu não tenho visto, não tenho comprado.

PERGUNTA -- Do pouco que você sabe, você acha que a imprensa ajudou vocês ou não?

LUISA ODETE -- Ah, eu acho que não ajudou não, porque os repórteres muitas vezes chegam na gente, perguntam o que está acontecendo, mas o principal que a gente fala não aparece. Uma vez a minha tia deu uma entrevista, falando coisas importantíssimas e no fim não foi falado. Falam por alto, e aquilo mesmo é cortado. O necessário cortado. Então o meu marido não gosta e eu também, mas é por causa disso. A gente fala, mas o que é preciso mesmo não deixam aparecer. Inclusive lá fora pensam que a gente aqui está ótimo. Que a gente tem casa e vai receber tudo conforme preciso. Quem

me falou isso foi uma irmã de uma enfermeira, que mora em São Paulo. Eu disse: não é verdade, só quem está aqui pode saber o que está acontecendo com nós.

PERGUNTA -- E com relação à saúde. Na Fundação, vocês estão tendo um bom atendimento ou não?

LUIZA ODETE -- Tem. A única coisa de errado -- eu tenho falado bastante com eles -- é o problema das consultas que a gente tem que ir de ônibus, com quatro crianças. Os ônibus todos lotados com criança não dá. Um dia deu a maior confusão num coletivo desses. Nós saímos com os meninos e, por fim, ficou um lá no meio daquele povão imprensado. Então, pra eu ir lá à Fundação, precisava ter uma organização pra eles virem me buscar. E agora pra frente eu vou fazer assim: se vierem me buscar, tudo bem; senão eu vou ficar aqui.

PERGUNTA -- Você se sente cobaia de alguma coisa?

LUIZA ODETE -- Sinto. Tem hora que eu sinto mesmo. Porque tem que colher fezes e urina ainda, e eu acho que a gente está bem. Eu acho que estão querendo usar aquilo ali pra um estudo mais. Negócio de sangue também. No início era uns médicos que cuidavam da gente, hoje já são vários que querem cuidar...

PERGUNTA -- Estão falando que vão fazer exame de medula em vocês. Você vai permitir?

LUIZA ODETE -- Olha, isso eu conversei com o médico. Tem as pessoas certas que precisam fazer de seis em seis meses, porque deu problema no sangue. Agora já estou ouvindo comentário que é de três em três. Eu não sei. O doutor Alexandre mostrou numa reunião aqueles que precisam fazer.

Mas eles aqui na Fundação estão querendo fazer é em todos: criança, todo mundo. E não precisa. Só as pessoas que foram internadas.

PERGUNTA -- Antes de vocês saberem que estavam mexendo com uma coisa perigosa, o que você lembra do césio?

LUISA ODETE -- Eu nunca imaginava que podia existir uma coisa dessas, né? O meu primo, o Ivo, foi à casa do Devair e levou um pouquinho pra casa dele. Aí eu cheguei lá, e a Leide me falou: "Titia vem cá ver a pedra alumiante que o papai trouxe". E me arrastou pela mão e me levou pro quarto. Aí ela apagou a luz e eu vi que aquilo realmente brilhava, que era um encanto! No chão esparramado, brilhava que até aumentava aqueles raios. Aí olhei aquilo ali e achei bonito, mas não imaginei nada. Como se eu visse um vagalume, uma coisa comum. Aí o Ivo no quarto -- a gente brinca muito, eu considero ele como um irmão. Ele pegou e falou: "É a Odete vai ficar bonita!" E pegou o papelzinho que ele tinha trazido ela, e passou no meu pescoço. Aí eu acho que aquilo foi caindo por dentro porque eu demorei um pouco a tomar banho. Depois eu fui pra dentro, que a gente morava no mesmo lote. Fiquei lá e voltei, caladinha, peguei um pedacinho, pus na palma da mão e fiquei com ela assim, conversando com a minha irmã (Lurdes). A minha irmã, passando roupa e eu conversando com ela. Aí quando eu decidi ir embora, cheguei lá, tirei e mostrei pro meu marido: olha aqui o tanto que isso brilha! Ele pegou com a mão, olhou, e ele deitado ficou na cama. Quando eu levantei de madrugada pra olhar a minha filha que estava com dor de ouvido, no que eu apaguei a luz, aquilo brilhou em cima da minha cama. Aí eu peguei ela assim e joguei pro lado. Foi aonde ficou no lado do meu marido, e ele dormiu com o braço em cima dela. Aí ficou três queimadurinha, como se

fosse de cigarro. Aí foi aumentando e virou naquelas três lesões e imendou uma com a outra.

PERGUNTA -- Vocês chegaram em algum momento a pensar que aquilo dava sorte?

LUISA ODETE -- Não. De jeito nenhum. A única coisa é que quem deu o alarme fui eu quem deu primeiro, que era aquilo que estava fazendo isso, fui eu. Porque eu peguei nela. Ela foi passada aqui em mim. No outro dia tinha uma viagem pra Anápolis. Meu marido ia receber o PIS dele e eu aproveitei e fui junto. Eu aproveitava sempre pra sair com ele por causa das crianças. Aí nós fomos. Meus meninos não viram isso, não pegaram nem nada. Se contaminaram sem nem saber porquê. Desse dia que eu peguei, e Leide também pegou, no outro ela vomitou muito à noite. E eu já estava com a passagem comprada. E tinha pegado a roupa da mulher do Devair para lavar porque ela estava muito ruim, sem saber o porquê. Diz que era uma coca que ela tinha bebido e fez mal pra ela. A Leide, quando foi no outro dia, não tinha mais nada. A única coisa que nós notamos é que ela estava mudando a cor. Ela era mais clara e estava ficando mais escurinha. Aí eu fui pra Anápolis, meu marido, meus filhos. Em casa mesmo, já levantei com o pescoço ardendo, como se tivesse passado uma corda e ficasse ardendo. Aí eu falei pra minha irmã: olha eu acho que foi do Ivo passar aquele papel em mim. E assou o meu pescoço. Fui embora. Aquilo foi arruinando, arruinando... A hora que eu vi no meu marido, aquilo sapecado assim, lembrei que eu levantei de noite e vi aquela pedrinha na minha cama, joguei do lado e ele dormiu em cima. Aí eu falei: Kardec, foi aquela pedrinha. A minha sogra tinha um creme lá e passou aquilo. E a gente veio embora. Aí aquele queimado foi ardendo, ardendo e foi dando bolha, que eu tive que furar. Eu fui na

sexta e voltei no sábado. Aí falei pra Lurdes: olha, foi aquela pedrinha. O Ivo tinha ido na farmácia, porque falaram que podia ser uma alergia. Como a mão dele amanheceu doendo, ele imaginou que tinha sido de andar muito de bicicleta à noite, procurando remédio pra filha que estava vomitando. Quando o Ivo chegou, a gente conversou e concluiu que era aquilo que estava dando problema também no Devair e na Maria. E isso foi no dia 24, que eu tenho certeza. Ficou até o dia 29 pra todo mundo ficar sabendo.

PERGUNTA -- É verdade que isso foi porque o Devair não queria levar pra Vigilância Sanitária, porque ele tinha medo de ser preso?

LUISA ODETE -- Eu acho que não, porque, quando a gente falou tudo -- né? --, que eu tinha ficado assim por causa da pedra, ele pegou aquilo com o empregado e foi levar pra vigilância.

Luisa começa a olhar as notícias. A primeira é: "Contaminados já estão ficando cegos". Incrédula ela pergunta de quando é aquela notícia, e eu respondo de 29 de abril.

LUISA ODETE (com surpresa) -- Nós fizemos um exame de vista agora e disseram que estavam todos bem. Inclusive os médicos do Rio disseram pra nós, que nós perguntamos e esse médico (Alexandre Oliveira) aqui mesmo disse que estávamos todos bem. Mas foi ele mesmo que disse isso?

Eu leio para ela a notícia: "Alexandre de Oliveira, médico da Nuclebrás, explicou que o efeito da radiação nos olhos é o mesmo sobre todas as células, aumentando dessa forma a pressão intra-ocular e em seguida levando à cegueira".

LUIZA ODETE -- Ave Maria!...

PERGUNTA -- Você acredita nisso?

LUIZA ODETE -- Se é verdade que é ele que está dizendo, pode ser...

PERGUNTA -- Mas, se ele falou outra coisa pra vocês, então alguém está mentindo, não é?

Silêncio. Luisa Odete não fala. Está visivelmente perturbada. Tento mudar de assunto. Você acredita que vão punir os funcionários da CNEN? (Era o que dizia outra notícia).

LUIZA ODETE -- Acho que punir tem que ser o responsável por largar aquilo lá. Quem demoliu lá deveria ter retirado. Se tem um lote vago, você vai largar uma coisa lá que você sabe que vai dar problema pra cidade?

Continuo a ler as notícias uma após a outra, mas Luisa Odete suspira e responde quase que forçadamente.

NOTÍCIA -- "Leide ingeriu o césio com um pedaço de pão".

LUIZA ODETE -- Foi com ovo. Ela, com a mãozinha suja, simples -- né? --, sem saber de nada...

NOTÍCIA -- "Medo uma rotina agora na cidade". Você acha que a cidade ficou com medo mesmo?

LUIZA ODETE -- Acho que não. No início sim, mas agora já acalmou.

NOTÍCIA -- "Escolas barram crianças".

LUISA ODETE -- Pelo menos com os meus filhos não teve problema nenhum.

NOTICIA -- "Vendas caem".

LUISA ODETE -- No início eu ouvi isso, que não estavam transportando as coisas daqui pra fora.

PERGUNTA -- Aqui nesta notícia diz que o governo está gastando 40 milhões de dólares por ano no Programa Nuclear Paralelo, que vai fazer um submarino atômico. Você tem idéia de quanto é esse dinheiro?

LUISA ODETE -- Ah, eu acho que não está certo não.

PERGUNTA -- Como é que você se sente vendo todas essas notícias que envolvem você, a sua família, os seus amigos?

LUISA ODETE -- Ah, eu não sinto bem não, sabe?

PERGUNTA -- Prefere não saber?

O silêncio e a expressão de Luisa Odete indicavam que a entrevista estava terminada. O motorista da Fundação que me levara até lá de carona já estava esperando no portão, e acho que isso foi um alívio para nós duas. A angústia tomou conta de mim, e me senti extremamente culpada por ter levado a ela aquelas notícias, que ela preferira não saber. Então resolvi retirar da pasta aquelas notícias que diziam: "Contaminados já estão ficando cegos" e "Incidência de câncer deverá crescer muito".

Voltei à Fundação nesse estado de espírito e dou de cara com o próprio Kardec, rapaz franzino, branco, olhar sem brilho, um pouco corcunda e de pouca fala. Kardec não

queria conversar nem na Fundação, nem no Chernobar em frente, nem no banco da Praça das Crianças, ao lado, o que me fez desistir, pois também não estava em condições psicológicas. Antes de ir embora, bati um papo com um dos policiais que fazem a segurança da Fundação.

A razão da "segurança", segundo disse, é para evitar agressões dos pacientes que seguidamente ficam com raiva e quebram alguma coisa, além de ameaçarem as assistentes sociais. Pensei cá comigo que os pacientes tinham suas boas razões para ficar com raiva. E fui embora almoçar. Havia marcado de me encontrar à tarde na Fundação com outro irmão de Devair, Odesson.

Depois do almoço senti-me exausta e retraída pelo que tinha acontecido na entrevista com Luisa Odete, pela manhã. Sentia intuitivamente a necessidade de ficar só para pensar, voltar a ser eu mesma para só depois continuar com as entrevistas. E levei um bom pedaço da tarde nisso. Sentada numa sorveteria tentava recordar o que havia aprendido naquele texto de Dorinne Kondo (1986) intitulado "Dissolution and Reconstitution of Self: Implications for Anthropological Epistemology".

A autora iniciava seu trabalho assim:¹⁸

"Era uma tarde quente e úmida de agosto em Tóquio, tão quente que as folhas caíam moles das árvores que circundavam a casa da minha família japonesa (...). Exatamente às 4 da tarde, a hora em que a maioria das donas de casa japonesas fazem as compras do jantar, coloquei a menina no carrinho, empurrei-a na minha frente enquanto olhava o peixe, selecionei as verduras que me pareciam mais frescas e mentalmente planejei a refeição do jantar. Logo que lancei o olhar na superfície de metal polida da vitrina do açougueiro, notei alguém que me parecia terrivelmente familiar: uma típica dona de casa japonesa, de sandália e vestido de algodão que lá é chamado de 'roupa de andar em casa', uma mulher andando com

18 - Tradução preliminar de caráter interno, feita por alunos e professores do Curso de Antropologia da UnB.

os joelhos flexionados àquela maneira tão japonesa, como que deslizando os pés. De repente agarrei a barra do carrinho para me segurar quando me veio uma tonteira -- porque me dei conta de que o que eu via não era nada menos que meu próprio reflexo".

Nesse texto, Dorinne esta preocupada com a dissolução e reconstituição do Eu e suas implicações para a epistemologia. Não é o meu caso, mas achei que alguma coisa havia ali para refletir.

A autora argumenta que a maioria das etnografias, mesmo as do tipo reflexivo, são produto de contextos nos quais o observador etnógrafo é um visível estranho e que elas pintam os outros como seres alienígenas, separados e distintos, com os quais, o máximo que se pode fazer é se engajar num diálogo ponderado, alcançando, assim, uma fusão de horizontes, como propõe Gadamer.¹⁹

Dorinne não concorda com esse tipo de etnografia e tece o fio de seus pensamentos inicialmente explicando os conceitos hermenêuticos de distância e pré-compreensão. Distância significa, no entendimento da autora, "posição dentro ou fora da cultura" e também "uma orientação cognitiva, emocional". A pré-compreensão é vista como "inseparável da distância", uma vez que "os pressupostos que surgem das experiências de um indivíduo particular de uma sociedade particular, inevitavelmente, entram nas suas interpretações".

Para a jovem antropóloga nipo-americana os graus específicos de distância que tinha com seus informantes e as pré-compreensões que tinham uns dos outros foram instrumentais para lançarem-na naquele "colapso de identidade", o qual ela considera ter sido "cuidadosamente negociado pela etnógrafa e seus informantes, dentro de configurações particulares de poder".

19 - Hans Georg Gadamer - Truth and Method. Cross Road, New York, 1982.

Dorinne enfatiza a existência de "uma cumplicidade entre todas as partes envolvidas" e considera importante reconhecer "como é que os informantes são ao mesmo tempo atores e agentes, e como a negociação da realidade que ocorre no processo de se fazer etnografia envolve relações complexas e mutáveis de poder, nas quais o etnógrafo age e sofre ações".

A autora relata os diversos passos dessa negociação que ocorreu durante o trabalho de campo que realizou no Japão, e que serão aqui resumidos de forma esquemática.

1º) Tentativa de reduzir a distância entre o Eu e o Outro entrando para a cultura japonesa, ou tentando passar despercebida e evitando ser desmascarada como estrangeira. Tinha receio de não poder desempenhar de acordo com as expectativas de seus informantes;

2º) Conflito e fragmentação do Eu, na tentativa de entrar nos papéis estabelecidos por seus informantes. A dissonância foi reduzida, mas só na cabeça deles, porque na dela o que ocorreu foi uma fragmentação de identidade em elementos japoneses e americanos. Às vezes a exigência de cada papel e cada cultura tornava-se oposta: como pesquisadora americana devia ter as virtudes-chaves da independência, controle e competência, o que estava fora de questão nas virtudes exigidas a uma filha japonesa, como era considerada por seus informantes;

3º) A alteridade, constituída da parte japonesa do Eu, surge da fragmentação do Eu, e cresce encorajada pela participação da própria antropóloga e pelas ações de seus informantes;

4º) A identidade surge nesse ponto mais extremo, na cena em frente à vitrine do açougueiro, e há o colapso, com o aumento da distância;

5º) A incerteza sobre o papel que estava desempenhando -- filha japonesa ou profissional americana?;

60) A consciência da tentativa de seus informantes de recriá-la (jovem americana) à própria imagem deles (filha japonesa);

70) o controle de impressões ou controle do momento etnográfico é constatado pela autora, entendendo que seus informantes não eram objetos inertes no livro dos desejos da etnógrafa, mas exerciam seu poder de ação sobre ela procurando dominar o encontro antropológico através do comportamento dela;

80) Distanciamento -- a etnógrafa volta aos Estados Unidos por um mês e ao retornar ao Japão muda da casa de sua "família" japonesa: para um apartamento;

90) Novas pressões para fazer dela uma japonesa. Mesmo agora estando consciente, seus informantes ainda por vezes conseguiam conduzi-la aos papéis que esperavam dela;

100) O resultado de seu trabalho mudou. Sentindo que não podia escapar das exigências sociais que lhe impunham seus informantes, a antropóloga vê-se encurralada e descobre um novo tema para sua pesquisa, surgido da intensa participação na vida social, e da constatação de que "a concepção japonesa do Eu parecia reconhecer a singularidade de cada ser humano, ao mesmo tempo que dava prioridade às relações sociais". Assim, ao invés de "parentesco e economia" o tema de trabalho passou a ser "a natureza da pessoa e sua conexão com grupos sociais".

Ao final dessas etapas do encontro etnográfico vem a construção do texto, que para Dorinne "é um modo de congelar o movimento que perturba, encapsulando a experiência para controlá-la. Além disso, segundo ela, "quem escreve dirige-se a si mesmo numa tentativa de se auto-reconstruir, expelindo do Eu a alteridade".

A antropóloga é contra o que ela mesma chama de "violência simbólica" do encontro etnográfico, onde o que existe é uma invasão da privacidade do outro, seguida do abandono após a satisfação das necessidades do pesquisador, que

vai embora e atinge a dominação final do Outro ao escrever o texto:

"A maior parte da investigação etnográfica, mesmo a mais sensível, tende a reduzir os seres humanos a 'portadores de dados' que nos fornecem 'informações', o que Gayatri Chakravorty Spivak (1982; 262) chama de 'teoria colonialista da mais eficiente apropriação de informações'".

Sendo contra esse colonialismo, a antropóloga propõe, no final de seu trabalho "uma busca menos obstinada de informações puramente referenciais, dando atenção de forma mais solícita às relações com os informantes, inclusive dando a eles um papel mais ativo no delineamento da pesquisa, e se quiserem, na sua elaboração".

Dorinne sugere ainda que no processo de compreensão das interações etnógrafo/informante se deva reconhecer que "as emoções e inclinações estão inevitavelmente inseridas nas nossas pré-compreensões e que também estas podem ser legítimas produtoras de conhecimento, uma vez que o conhecimento não é puramente cognitivo. Mas produto de nossas sensibilidade e afinidades emocionais".

A autora reconhece que durante as fases do conhecer podem ocorrer "tanto momentos de identificação quanto de distanciamento" e que "o próprio processo de escrever pode ser uma maneira de controlar o que é ameaçador e ambíguo, já que o poder reside, em última análise, na autoridade de quem escreve".

A antropóloga ressalta que devemos ter constantemente em mira -- a consciência crítica das nossas suposições a dos nossos informantes, para traçar os parâmetros, os limites e as possibilidades de nossas compreensões localizadas. Segundo ela, proceder de outro modo seria contemplar com fascínio o reflexo da nossa própria imagem, para no fim confundí-la com o rosto do outro".

Ao viajar a Goiânia para o trabalho de campo, imaginava, mas não tanto, que passaria pelas mesmas fases de negociação com as vítimas do césio, assim como Dorinne havia

passado com seus informantes japoneses. Estar com os meus informantes era, naquele momento na sorveteria, tão real, que a teoria parecia distante daquela realidade. Mas não. Era só comparar os momentos que havia passado Dorinne e os momentos que eu estava passando:

1º) Desde o primeiro encontro com as vítimas do césio, na casa de Edson e Santana Fabiano, havia tentado reduzir a distância que nos separava, dando a eles o que eles queriam -- amizade, afeto, carinho e compreensão. Sabia que tinham expectativas em relação a mim e ao meu trabalho e não queria desapontá-los.

2º) Houve um conflito e fragmentação do Eu em dois elementos distintos -- o de pesquisadora e o de amiga.

3º) A solidariedade constituída da parte amiga que eles queriam que eu fosse, cresceu na medida em que frequenteava a casa deles conversando já sobre outros assuntos, até mesmo os mais íntimos, como aconteceu com Dalva, Terezinha, Santana, Lurdes e até mesmo com a assistente social Maristela, que os havia acompanhado desde o início.

4º) A identidade surge no momento em que vejo magoando e chocando Luisa Odete com as notícias de jornal que ela não havia nunca lido e nem ficaria sabendo se não fosse por mim. Houve então o choque com o aumento da distância. E ali estava eu na sorveteria.

5º) Veio a incerteza sobre o verdadeiro papel que estava desempenhando. A reação de Luisa Odete me fez temer em apresentar a mesma notícia e outras, igualmente cruas, para seu marido.

6º) Veio a consciência de que meus informantes tentavam me recriar à sua própria imagem. Ao lado de pessoas tão carentes de carinho e afeto tinha sido difícil não me conduzir ao papel que esperavam de mim -- não o da pesquisadora, mas o de uma amiga, uma pessoa muito próxima que não poderia jamais magoá-las tratando-as como mais uma jornalista que omitiria certas respostas quando escrevesse o

o meu trabalho.

7º) Seguindo esse raciocínio dei-me conta que meus informantes não eram objetos inertes mas exerciam seu poder sobre mim, fazendo o controle de impressões ou controle do momento etnográfico, através do meu comportamento.

8º) A conclusão foi de que o distanciamento só se daria na volta para casa.

E naquele dia soube que o rumo de minha pesquisa estava mudado. A pedra de césio deixou de ser a representação simbólica da sorte, dando lugar aos contaminados e seus sonhos roubados, porque esta era a tônica das conversas que estava tendo com eles.

Havia passado tanto tempo pensando naquela sorveteria que quando cheguei à Fundação para o encontro com Odeson eram 17 horas e não havia mais paciente nenhum lá. Resolvi então tentar alguma coisa com Ernesto e Dalva Fabiano, que só estariam em casa a partir das 18 horas. Dalva é funcionária pública, e Ernesto, que deixou de ser, saía à tarde para a fisioterapia da perna.

Caminhei da Fundação até a Rua 15 A, no Setor Aeroporto, onde aguardei até às 18 horas na casa de Terezinha Nunes Fabiano, que ficava bem ao lado da casa de Edson e Santana. Era a hora do lanche, mas naquela tarde não havia lanche na casa de Terezinha. O pagamento da pensão das vítimas ainda não havia saído. As crianças me arroteavam e pediam uns trocadinhos para comprar bala.

A casa dela era de alvenaria, um pouco apertada, mas bem ajeitadinha com uns poucos móveis e estandes modernos. A conversa girou sobre assuntos muito íntimos, o que provava a confiança adquirida naquele curto mas intenso relacionamento.

Terezinha havia me prometido emprestar para xerocar uma carta que havia escrito a um colega e amigo seu jornalista. Antes do acidente, Terezinha era radialista e havia dado um duro danado pra comprar uma casa sua onde viver

com as filhas. A carta era um desabafo, mas também um pedido de socorro:

"(...) Apesar de já estar muito cansada e de já ter passado por tantas humilhações desnecessárias, ainda me resta muita dignidade, força e coragem para continuar com essa luta que ao meu ver é muito necessária e justa. Não quero muito, nada que não esteja ao alcance das pessoas competentes no assunto.

Perdeu-se tudo: casas, pertences, coisas tão queridas e de significados tão diversos, que nenhum dinheiro nesse mundo pode pagar. Até aí tudo bem: eram coisas, e não seres.

Perdeu-se também a paz, o descanso, a vida comum de uma pessoa normal, tudo mudou, hoje existe uma rotina diferente: uma rotina que há meses não existia. Existe um pedido de socorro sem ser ouvido, existe uma culpa -- estou pagando por um crime que não cometi (...).

Em resumo, a partir do dia 29.09.1987 de seres humanos normais e com vidas normais viramos vítimas; que nome mais feio! Por que, ao invés de vítimas, não sermos pacientes? Mas veja bem: pacientes de médicos especialistas, que acompanharam os pacientes desde o início dessa tragédia. Por que ao invés de pesquisas não se faz um tratamento sério? Um tratamento digno de seres humanos, que é o que nós somos (...).

E quanto à casa que perdi, ou que nós perdemos, aquela não era uma casinha simples, para mim era a melhor do mundo, pois foi construída com muito trabalho. Na época eu trabalhava das sete da manhã até a meia-noite, para receber hora extra e ajudar a concretizar mais rápido o sonho de morar no que era meu. Vendi meu carro e algumas jóias, deixei de comprar muitas vezes um vestido, ou um sapato novo, pois sabia que com aquele dinheiro eu poderia comprar mais um tijolo para dar um lar às minhas tão amadas filhas. Hoje esse meu lar faz parte de um monte de rejeitos em um depósito de lixo atômico, e ninguém me diz ou me dá uma esperança que um dia vou ter uma casa que seja minha novamente (...).

Hoje faz-se um forró em cima do local onde começou toda essa tragédia (na rua 57). (...) Isso

tudo é uma festa ou uma brincadeira? Se for festa, me avise que eu quero dançar, se não for, o bom senso nos indica mais seriedade e respeito humano. O que você acha sabendo que essa falta de respeito tem autorização de uma pessoa da CNEN? (...)

Quando escutei no rádio que iriam entrar em cadeia de rádio e televisão para o governador falar sobre vítimas do acidente, me enchi de esperança, pensei: agora ele vai dizer que as vítimas podem ficar despreocupadas porque serão tomadas providências necessárias. Mas que nada, ele só queria anunciar o projeto da praça. Chorei, fiquei indignada. Perguntei para mãe: e nós, e os seres humanos, e o projeto para a reconstrução das vidas dessas pessoas, cadê?" (...)

Saí da casa de Terezinha acompanhada de Maristela, uma das assistentes sociais da Fundação que tinha ido lá levar as requisições para consulta ao dentista. Antes, porém, despedi-me de Santana e Edson. E fomos para o Edifício Célia Maria, onde moravam Ernesto e Dalva Fabiano, com a filha Adriana, de 15 anos. Adriana estava muito decepcionada, pois não teria festa de 15 anos, como tanto sonhara. O apartamento alugado para Ernesto e sua família era bom, tipo classe média.

Enquanto eu entrevistava Ernesto no quarto, Dalva e Maristela faziam um gostoso jantar na cozinha, com bife acebolado, arroz, feijão, quiabo e uma salada de tomate e alface. Dalva, zelosa do marido, foi diversas vezes espiar o que fazíamos no quarto, ou mandava Maristela ver. Só se tranqüilizou, quando acabamos e fui até a cozinha, dizendo que ela não precisava ficar com ciúmes. Ganhei sua confiança. O jantar foi ótimo, e o papo se prolongou até 22:30. O assunto não poderia ser outro: o acidente, a perna de Ernesto já com três enxertos, o tratamento desigual às vítimas, uns mais bem indenizados que outros, a lista do que possuíam em comparação com o que têm hoje, a falta de ânimo e o vazio que sentem (ver anexo 6, entrevistas 4 e 5 págs. 226 e 231).

Quando saímos, Maristela mostrou-me a casa de Wagner, em uma rua ali pertinho e ficou na casa onde mora, na rua 59, ainda dentro da área de 300 metros para além da 57, que havia sido liberada pela CNEN logo após o acidente, em outubro de 87.

A visita aos Fabiano havia me devolvido a tranqüilidade perdida pela manhã e me animou para continuar as entrevistas que faltavam no dia seguinte.

A quinta-feira foi o dia em que entrevistei Wagner Motta, resgatando dele os verdadeiros motivos que o levaram a pegar a peça com o cilindro de metal no prédio abandonado do Instituto Goiano de Radioterapia.

Conhecer Wagner naquele dia foi uma surpresa. Alto, magro, a pele e o cabelo claro, muito jovem, poderia tranquilamente ser chamado de "um gato", no linguajar da juventude de hoje. Inteligente, vivo e comunicativo não se parecia nem um pouco com aquela imagem construída pela imprensa de um pobre catador de papel e sucata, sujo e maltrapilho que poderia mais facilmente ser chamado de "punguista nuclear" e assim justificar tudo pelo estereótipo de "ladrão".

Wagner não era ladrão, mas um jovem bem criado na simplicidade de uma família de classe média baixa, com 29 grau completo e que estava desempregado à época do acidente, por causa do fracasso do Plano Cruzado do governo Sarney.

A conversa com ele durou umas três horas, e quando saí da casa dele tive a certeza de que estava no caminho certo da minha dissertação de mestrado. Alguém precisava fazer o que eu queria fazer: contar a verdade das vítimas, sem censuras, para que em algum lugar ficasse registrada a palavra, como foi dita, daqueles que haviam passado para a história dos acidentes nucleares do mundo, vítimas de um contexto sócio-cultural e econômico, que não havia tido espaço na cobertura jornalística de "Goianobyl".

A entrevista com Wagner foi tão completa, que passei a não lamentar tanto a conversa que não consegui, de jeito nenhum, com seu companheiro Betão que, todos falavam, estava meio perturbado da cabeça.

WAGNER MOTTA

Wagner lê a notícia do Correio Braziliense "Césio deixa sete bombeiros impotentes", e diz: Esse bombeiro aí veio falar que ficou impotente depois do acidente... Isso aí é conversa fiada dele. Não sei os outros né? Mas eu, no meu caso, não tive problema nenhum. Tive um problema no começo lá no Marcílio Dias, né? Psicológico também, né? Do jeito que eu estava, não tinha nem jeito. Uma semana ou duas depois de voltar do Rio, eu já tinha superado esse problema. Não tenho mais nada. Já fiz exame de espermograma umas duas ou três vezes, qui no INPS, pra ver como é que está, né?

PERGUNTA (após breve silêncio) -- E o que é que eles dizem?

WAGNER -- Eles quem?

PERGUNTA -- Os médicos que fazem o exame.

WAGNER -- Eles falam que não está bom. Por causa da radiação, né? Da mesma forma que os glóbulos brancos... O meu sangue, por exemplo, eu faço exame de sangue. Eu fiz um agora esta semana, tem que ver pra acreditar. Já tem uns três ou quatro exames de sangue que eu faço que só dá quatro mil glóbulos brancos, né?

PERGUNTA -- Então está bom, não está?

WAGNER -- Está, poxa! Quando eu cheguei estava 2.200 parece, 3.000.

WAGNER (após pausa) -- Deixa eu ver esse negócio dos culpados aqui.

Wagner lê a notícia do Jornal do Brasil que dizia "Culpados tem de indenizar" e então conta como tinha acontecido tudo.

WAGNER -- A gente foi lá dentro, foi no domingo, dia 13, de tarde, lá por volta de duas, três horas da tarde. Pô, estava sem porta. Esses portal aí não tinha nada. Estava desse jeito aí, em estado de demolição, sem janela nem nada. A peça já quase saindo pro lado de fora, quando a gente entrou, olhou... Agora... vêm botar culpa em mim, aqui.

PERGUNTA -- Você chegou a imaginar que tinha algo de valioso lá? O Devair me disse que ele se apaixonou pela pedra.

WAGNER -- O meu interesse era o chumbo, porque eu já tive ferro-velho, já mexi com sucata. Meu interesse era vender. Chumbo é pesado, dá grana, né? Eu pensei foi nisso, não na pedra. Eu nem vi pedra. A cápsula tinha uma platina em volta. E, como a cápsula, a platina veio colada no chumbo, então imaginei que podia ter chumbo dentro. Porque eu não sabia o que era, né? No início, quando eu vi a peça, dava a impressão de que ela era toda um motor, porque na frente dele tinha uma engrenagem e uma mola. E ele mexia. Rodava só a metade, não todo. Mas no pensamento eu pensei: aí deve ter alguma peça radioativa, porque, negócio de Chernobyl, tal, eu associei. Mas não levei em conta. Continuei mexendo nela. E a única ferramenta que a gente usou foi as mãos. Foi aí (nessa peça móvel) onde ela saiu mais fácil. A gente foi com o carrinho de mão, né? A peça em todo devia pesar uns 500 quilos já separada, porque era uma grandona, e essa menor. A grandona estava lá num cômodo escuro, fechado, só sem a porta, porque estava em demolição. E essa peça menor estava do lado de fora. Qualquer pessoa que passasse na rua dava pra ver essa peça. Então foi

a hora que a gente pegou essa peça, rolando -- né? -- porque, pô, 500 quilos pra duas pessoas carregarem é muita coisa. Fomos colocá-la no carrinho de mão, e o carrinho começou a quebrar. Aí eu falei: não Roberto, vamos dar a última tentativa, aí, se não der, a gente vai embora. A hora que a gente deu a última tentativa, o chumbo com o césio escorregou uns cinco centímetros para fora, porque em volta do chumbo tinha uma graxa amarela já gasta. A hora que ela saiu, escorregou a gente puxou com a mão e caiu no chão. A cápsula veio pegada no chumbo. Aí a gente colocou no carrinho e levou lá pra casa do Roberto. Chegando lá, a gente desmontou na mesma hora, conforme assim: separar o césio do chumbo. A gente usou foi um desses martelinhos de tirar prego, um alicate, chave de fenda e outras chaves. Só pra separar mesmo. Depois disso, eu fui pra minha casa, e Roberto ficou na dele. A gente foi vender a peça na sexta-feira, depois de cinco dias. A gente tirou ela do local no dia 13, às duas, três horas da tarde, foi num domingo, e só foi vender no dia 18, parece -- uma sexta-feira, quando fomos vendê-la pro Devair. Já era umas seis, sete horas da noite quando a gente foi vender. Deu 128 quilos, mas ele só pagou 120. A gente só não foi antes, porque no dia seguinte já comecei a passar mal. Aí já fiquei meio fraco, tal. Mas aí eu falei pro Roberto: vamos vender que eu estou precisando de dinheiro. Ele falou é então vamos vender. A gente só vendeu por causa disso. Mas a gente não sabia porque é que a gente estava passando mal.

PERGUNTA -- Mas você não tinha tido aquela primeira intuição de que podia ser coisa radioativa?

WAGNER -- É, tinha, mas eu não levei em conta. Eu pensei que fosse intoxicação por causa de um coco com manga verde que eu comi no dia, de manhã cedo, quando o Roberto chegou

lá em casa me falando da peça, dizendo que estava num prédio abandonado, sem porta, até com fezes lá dentro, e que já tinha três papaleiros querendo levar. Quando foi de noite, eu comecei a passar mal. Internei duas vezes, pensando que era isso. Eu só fui ficar sabendo mesmo na segunda internação, numa segunda-feira, no HDT (Hospital de Doenças Tropicais). Foi quando o pessoal lá do ferro-velho descobriu que era por causa da radiação que eu estava assim. E a minha mãe que me falou que era por causa daquela peça.

PERGUNTA -- E por que o seu pé ficou com problema?

WAGNER -- Ele deve ter queimado foi na hora de levar a peça pra casa do Roberto com o carrinho.

PERGUNTA -- Você pisou a peça?

WAGNER -- Não. O pó caiu. Deve ter caído o pó. Porque na peça, ele tinha uma tampinha. Acho que era verde, não sei. Eu peguei e furei essa tampinha pra ver se era chumbo. Aí, quando eu vi que era um pozinho, não tinha mais valor pra mim. Pensei até em jogar fora, porque eu estava interessado era no chumbo. Aí eu comentei com o Roberto, e ele falou. "Não. Vamos leva tudo. Às vezes, o cara compra, né?" Então foi a hora que eu peguei ela do chão, porque o Roberto estava pior do que eu. Estava fraco mesmo. Foi aí onde eu carreguei a peça por causa disso. Eu peguei a peça da casa dele. Ele morava no fundo, tinha um corredorzinho e uma casa na frente. Eu passei pelo corredor e pus a peça dentro do carrinho de papel do empregado do Devair (carrinho de catar papel, de duas rodas e puxado pela frente, como uma carrocinha). Então acho que foi nessa hora que deve ter caído o pozinho. Começou a queimar aqui da perna até lá na ponta do dedão. Agora a mão acho que queimou

mais por causa de uma graxa que tinha. Ficou muito tempo em contato com a graxa e com a cápsula.

WAGNER -- (ao ler outra notícia conta como foi o fato) -- Está tudo errado. Pô, jornalista é foda, viu? Faz sensacionalismo demais pra poder vender jornal. Deus me livre! Eu desminto na cara de qualquer um. Não foi desse jeito a história, pô. Jornalista é o seguinte: eles vivem da matéria que eles fazem, né? Então, uma bomba dessas que caiu e arreventou aqui em Goiânia... tinha mais era que fazer uma matéria assim, de primeira página, né? -- pra poder deixar o povo mais...

Wagner interrompe, porque já está interessado em outra notícia, onde tem uma foto do médico Carlos Bezerril.

WAGNER -- Esse safadão aqui, olha: Carlos de Figueiredo Bezerril e o médico Orlando Alves Teixeira! Entidades defendem médicos de Goiânia! Eles ficam querendo pôr a culpa na gente. Pô, esses cabra, vou te contá!

PERGUNTA -- Wagner, quais era as tuas expectativas de vida antes do acidente e quais são as de agora?

WAGNER -- Muitas. Eu tinha planos, fazia musculação, corria, vivia de esporte. Era motorista. Era bem mais gordo. Eu pesava 73 quilos.

PERGUNTA -- Você mede quanto?

WAGNER -- Um metro e 82. Minha profissão era motorista profissional. Uma profissão que eu gosto, né?

PERGUNTA -- E o Roberto?

WAGNER -- A única coisa que eu sei da vida dele é que ele não trabalhava. Trabalhava assim, por conta própria, fazendo o bico: lavava um carro, limpava uma oficina, catava um ferro, fazia isso fazia aquilo. A amizade era de bairro só. Eu não sei muita coisa da vida dele.

PERGUNTA -- Não era catador de papel não, como dizem os jornais?

WAGNER -- Não. Que é isso? Eles colocaram todo mundo como catador de papel! Não tem nada disso. Eu era um cara cheio de sonho, cheio de coisas na cabeça, futuro, coisa e tal. Hoje eu penso no futuro, mas é diferente, né? Às vezes eu penso, eu sonho, mas, de repente, vem aquele negócio... pumba. A radiação. Sei lá quanto tempo eu vou viver. O que pode acontecer... O que não vai acontecer. Quantos exames eu ainda vou ter que fazer, eu e as outras pessoas, minha família e tal. Então, meus sonhos acabaram todos.

PERGUNTA -- Os advogados dos médicos donos do Instituto de Radioterapia estão querendo colocar a culpa em vocês?

WAGNER -- Eles falaram que o meu depoimento, no dia 6 de abril de 88, foi uma versão, que foi usado um guincho para retirar a peça do local, marreta; que nós éramos ligados à COPEL tal. Bom, o Roberto, ele conhecia o Devair. O Roberto, ele nunca trabalhou de carteira assinada. Quer dizer, ele não tinha responsabilidade. E eu já trabalhava com carteira assinada e tudo, então minha responsabilidade era maior. Eu não conhecia o Devair, nem ninguém. A única pessoa que eu conhecia era o Roberto porque era amizade de bairro, né? Eu morava na 59 (rua) na casa da minha mãe. Fui pra casa da minha sogra, depois que eu casei em 86, na 63, e estou morando aqui, agora, na 78. Então eu conhecia ele desde pequeno. Mas o restante do pessoal eu não conhecia

ninguém. Então, onde os jornalistas colocam todo mundo catador de papel é por causa dos dois ferros-velhos -- né? -- do Devair e do Ivo, e por causa da COPEL também. Então colocaram todo mundo como catador de papel por causa disso, principalmente eu e o Roberto porque a gente retirou a peça do local e vendeu pro ferro-velho, e eles acharam que eu, o Roberto e o Devair tinham ligações. Não é nada disso.

PERGUNTA -- Você acha que ao invés de ter roubado, você é que foi roubado em seus sonhos?

WAGNER -- É lógico, poxa. Foi uma grande irresponsabilidade da parte dos médicos. Da conversa que eu tive com o técnico ali da 57 (onde a CNEN mantém um laboratório para exame de corpo inteiro), ele disse: "Olha Wagner. Os médicos dessa área, que mexem com esse tipo de aparelho, eles fazem um curso". Ele me falou o nome do curso, mas eu esqueci. Então ele falou que o médico conhecia o aparelho, sabia que tinha uma peça radioativa lá dentro, que existe perigo e tal. Mas aí eles não tiveram cuidados que deveriam ter. Quer dizer, se o local estava assim, já em demolição. Falta praticamente o teto e as paredes pra poder derrubar. Eu não sei. Foi culpa dos médicos e principalmente do órgão que fiscaliza esses aparelhos -- né? -- e um pouco também do governo. Briga deles lá. O governo também tem culpa nesse acidente. Ele está querendo tirar o cavalinho da chuva.

PERGUNTA -- Você acha que alguém vai ser responsabilizado?

WAGNER -- Alguém vai ter que ser, ou os médicos, ou o órgão que fiscaliza esses aparelhos, o governo. Porque nós, vítimas, não podemos ser responsabilizados por uma coisa que a gente não tem culpa, né? Como o jornal mesmo fala, nós

somos vítimas.

PERGUNTA -- Como é que você vê aqui nessas notícias? Você já tinha tido contato com notícia de jornal, enquanto você estava no hospital?

WAGNER -- Não. Nenhum. A única notícia que eu vi foi uns dois dias antes de eu ir pro Marcílio Dias. Foi d' O Popular (jornal diário de Goiânia). A repórter só mandou tirar umas fotos minhas, e eu conversei com ela como foi que a gente tirou a peça do local, e como eu estava me sentindo. No Marcílio Dias, eu não dei entrevista nenhuma. Lá a gente não assistia televisão e não tinha notícia de nada. Desligados mesmo. Aqui, na volta, já tive notícia.

PERGUNTA -- Mas essas aqui da época do acidente você não tinha visto ainda?

WAGNER -- Não. Essas daí não.

PERGUNTA -- E como é que você se sente assim, como estrela do "acidente nuclear mais grave do mundo", como está dito aqui nesta notícia? "Mais grave só o de Chernobyl".

WAGNER -- Mais grave só o de Chernobyl... É... estrela do cézio, né? Ah, eu fico assim: às vezes eu fico com receio de sair na rua, quando eu vou fazer exames no hospital. Eu fico assim... sei lá... pela discriminação do povo, né? Apesar que ninguém me conhece, só os amigos e parentes... Mas eu fico com receio. Eu já era tímido e vergonhoso. E isso me deixou mais vergonhoso ainda.

PERGUNTA -- Você acha que deu pra aprender alguma lição com tudo isso?

WAGNER -- Deu. Deu para aprender muita coisa. Eu não tenho como explicar. Deu pra aprender muita coisa sim. Religião... mas pra explicar, assim, fica meio difícil. A gente não acha as palavras certas.

PERGUNTA -- E com relação a uma lição não tão pessoal, mas em nível de governo, de País, de programa nuclear brasileiro... Você acha que tem alguma lição pra tirar disso aí?

WAGNER -- Tem muita, poxa vida! Vão falar de Brasília, né? A população é mal informada das coisas que o Brasil está fazendo, tudo. Acho que a população brasileira deveria ser informada de tudo o que acontece, através dos meios de comunicação. O Brasil -- está certo, está começando agora --, mas está querendo ter compatibilidade com outros países, né? Então, já que ele está querendo ter isso, então deveria, pelo menos, informar a população. O Exército, a Marinha, a própria área de energia nuclear.

PERGUNTA -- Você acha que o Brasil tem condições de conviver com um programa nuclear, já que a maioria do povo nem sabe o que é isso, assim como você e todos os contaminados?

Wagner não entendeu e teve que reformular a pergunta.

PERGUNTA -- Você acha que o Brasil tem condições de desenvolver a energia atômica e, ao mesmo tempo, ter um povo assim tão miserável e tão sofrido, sem educação e sem saúde?

WAGNER -- Não. Não tem não. Não tem porque... falam da crise que a população atravessa... O salário-mínimo está aí, né? Já tem os deputados que ganham uma fortuna, governador, tal, esses marajás. Agora, pra mim o governo deve

primeiro... Olha: pra se chegar num lugar, a pessoa não pode subir na escada do décimo andar pra cima. Tem que começar de baixo. A mesma coisa é o Brasil. Pra ele chegar nesse tipo de coisa, ele tinha que primeiro olhar pra população. As pessoas mais carentes, pobres, deviam ter pelo menos um lugar pra morar, um salário bom que desse pra viver. Tinha que primeiro olhar pro povo, né? Informar o povo, dar escola, casa, alimentação. Tinha que primeiro olhar isso, pra depois começar a mexer com outras coisas na parte de tecnologia.

PERGUNTA -- Você acha que depois do acidente alguma coisa pode mudar com relação a isso, ou você acha que vai continuar a mesma coisa?

WAGNER -- A única coisa que vai mudar é que, quando tal cidade disser que achou material radioativo, a televisão vai correr lá, fazer matéria, e vão os técnicos tudo. Eu acho que vai ser assim. Porque brasileiro é muito acomodado, né? Eu, depois desse acidente, não acredito que possa haver, assim, uma fiscalização melhor, alguma coisa. Acidentes desse tipo, por menor que sejam sempre ocorrem. Só que antes ninguém falava. Hoje, se alguém acha alguma coisa numa cidadezinha, todo mundo corre. Só que deveria ter sido assim antes do acidente. Os próprios médicos deveriam ter alertado a população, o governo, deveriam ter ido à televisão mostrado o local, a peça. Deveria ter sido avisado antes.

PERGUNTA -- O jornal aqui diz que "culpados têm de indenizar". Você acha que tem que ser indenizado? Quem é que tem que indenizar?

WAGNER -- O responsável pelo acidente. Eu vou lutar com

unhas e dentes para ser indenizado, porque fui lesado em muita coisa -- minha vida, minha saúde, meus sonhos... Tem que ter uma indenização em cima disso aí. E não é a ganância do dinheiro, porque, mesmo se eu morrer, tem aí a minha mulher, minha filha, meus irmãos, meu pai, minha mãe. Eles também tiveram a saúde lesada. Você vê. Eu tive as duas mãos e o pé queimados. Estou no caso de amputar o pé. Eles não estão dando conta de curar essa ferida. Só em Goiânia, eu já fiz dois deblidamentos, que foi uma raspagem. O 1º foi no dia 22 de abril (de 88), e o segundo agora no dia 22 de junho (também de 88). Eles não têm um tratamento adequado. Os médicos daqui, por exemplo, a doutora Maria Paula, ela é oncologista, com experiência em pescoço, cabeça, tratamento de câncer. Tem acho que um dermatologista, não sei.

PERGUNTA -- Você confia nos médicos de Goiânia?

WAGNER -- Não confio. Porque eles mesmos não sabem, não conhecem o problema. Mas é experiência que estão fazendo. Eu acho que teria que ser feito um tratamento com especialista fora do Brasil, principalmente essas pessoas que estão com lesões, como eu, o Ivo, o Ernesto, o Geraldo, o Odesson. Porque o que os médicos daqui estão fazendo é nada, praticamente. Só curativo e exames -- cintilografia muscular, cintilografia óssea, exame de sangue, isso aí. Embora os próprios médicos falem na televisão que a gente está tendo um acompanhamento, um tratamento adequado e tal. Mas é tudo mentira. A gente fala uma coisa, eles vão e desmentem.

PERGUNTA -- Você participa da Associação das Vítimas do Césio?

WAGNER -- A última vez que eu fui não lembro a data. Mas eu

não vou mais não. Porque essas reuniões não levam ninguém a nada. É como uma repórter falou: "Brasileiro só vive de reunião e mais nada". Na Fundação também tem reuniões com a gente, mas eu fico mais é pra escutar as baboseiras que eles falam. Porque não chega a acordo nenhum. É só reunião, reunião. A gente não está precisando de reunião. A gente está é precisando de solução pros problemas da gente. Ficam lá que nem galinha cacarejando, em vez de chegar logo no concreto -- olha nós vamos fazer isso, e aquilo com vocês -- ir na televisão, pedir pro governador... Os médicos não estão dando conta mesmo. Eles fizeram deblidamento em mim, no Ivo no Geraldo. No Geraldo eles arrancaram a le s ã o dele e costuraram. Sabe lá o que vai dar por dentro porque fechou. Em mim mesmo ela fez, e eu não gostei. Inclusive até briguei com ela por causa disso. Os tendões do meu dedo estão aparecendo tudo. Mais uma deblidada que fizer chega no osso. Então eu disse que não ia deixar mais médico nenhum meter a mão, se não for especialista. Eu m e s m o faço curativo, tiro a pomada, limpo, coloco de novo. Sou mais a favor de amputar o pé do que continuar com esse tratamento. Porque a dor é enorme. Tem dias que eu levanto de madrugada pra tomar remédio. Dói mais é na lesão. A q u e l a dor forte no pé todo por causa da lesão.

PERGUNTA -- Em algum momento, você se sentiu abandonado pelos parentes ou pelos próprios médicos?

WAGNER -- Parente... um pouco abandonaram, e um pouco não. Mas a família mesmo -- esposa, mãe, irmão -- nenhum me a b a n d o n o u em nenhum momento. Médico também não.

PERGUNTA -- Como ficou a indenização?

WAGNER -- A indenização foi no começo, não sei se foi em

outubro (de 87). A minha mulher pegou 310 mil pelos móveis, aluguel, etc. e tal. Só pegou isso, mais nada. E esse dinheiro, em janeiro, já tinha acabado. A Fundação começou tem pouco tempo -- né? -- e dá o dinheiro pra gente viver. Mas, mesmo assim, não é garantido, porque a gente não sabe de nada, não tem nada assinado. Hoje já é dia 7 do mês, e nós não recebemos até hoje.²⁰ Sem dinheiro, sem nada, com uma cesta (de alimentação), que é uma porcaria. E eles falam que é uma cesta provisória, mas eu acho que essa provisória deles vai ser por muito tempo. A gente que está com a saúde debilitada -- medula, sangue, tudo -- tomou muita medicação, precisa de uma alimentação bem forte.

PERGUNTA -- Você chega a comer fruta, leite?

WAGNER -- Como fruta, leite, mas é quando tem grana, né?

PERGUNTA -- A grana que eles dão dura quanto tempo?

WAGNER -- Não dura um mês.

PERGUNTA -- São dois salários (mínimos) ou é um salário?

WAGNER -- O último que a gente recebeu foi 20 mil.²¹ Tinha que ser no mínimo, no mínimo uns três salários. Porque dessa cesta, a gente aproveita mesmo só o óleo, açúcar, farinha e sabão. Aliás, não é um sabão muito bom.

20 - Em relação a essa pensão o governo de Goiás, Henrique Santillo, enviou à Assembléia Legislativa do Estado um Projeto de Lei para conceder pensão vitalícia aos contaminados.

21 - O Salário-mínimo na época da entrevista estava em CZ\$ 12.600,00, o equivalente a US\$ 63, pelo câmbio oficial, que de 19 a 6 de julho variou de CZ\$ 195,25 a CZ\$ 200,11. Devido a esta variação tomou-se por base de cálculo CZ\$ 200,00.

PERGUNTA -- Quem era o Wagner antes de pegar a peça radioativa no prédio abandonado do IGR?

WAGNER -- Eu não sou ladrão. Nunca tive passagem na polícia, nem na porta, graças a Deus, nem em briga. E nem era catador de papel. Na idade até os 15, 16 anos, eu mexia com sucata. Mas era assim: eu chegava no dono de oficina, conversava com ele, e ele falava assim: "Se você limpar o lixo daqui da oficina, eu te dou a sucata que tem aqui". Eu mexia era com isso, e tive um ferro-velho montado no fundo de casa da minha mãe. Agora, antes do acidente, foi bem antes, eu trabalhei durante seis meses numa firma, lá por 86, 87. Hoje ela tem o nome de COMUNIC, Comércio Representações Ltda., que vende material de escritório. Eu era motorista da firma. Foi logo que eu casei. Eu casei em setembro de 86. Fui despedido por causa daquele Plano Cruzado do governo do Sarney. A firma começou a quebrar, e aí despediram eu e um boy. Aí eu falei pra minha esposa: olha Selma, eu não vou mais trabalhar de motorista, porque não compensa trabalhar pros outros. Não vou trabalhar pra ninguém, mas vou trabalhar por conta própria pra mim mesmo. Aí eu comecei a mexer com negócio de abacaxi, mas não deu certo. Aí eu tenho um tio meu, o nome dele é Wilson, ele mexia com seguro, corretora de seguro. E fazia Santa Helena, Rio Verde, Goiânia e outra cidade aí. Aí rolou um serviço pra mim, no banco. No BBC, ali na avenida Goiás com a rua 4 e Anhangüera. Fiz a minha ficha e estava esperando um empregado sair pra eu poder entrar. Mas eles começaram a enrolar demais, e eu falei pro meu tio: olha, não dá não, está demorando demais da conta, e eu vou ver se arrumo outra coisa pra fazer. Aí o tio falou: "Olha não precisa mais arrumar serviço pra trabalhar pros outros mais não. Vou arrumar umas terras aí, vou plantar e vou montar uma churrascaria também, aí você vai administrar ela pra mim.

Aí foi aonde eu não arrumei mais serviço por causa disso, né? Estava esperando essa proposta dele e fazendo uns bicos aqui e ali pra tirar uma grana. Aí também estava demorando muito, e eu resolvi arrumar algum serviço provisório. Estava arrumando serviço na Casa do Colegial, que tem na rua 3 com Araguaia e lá na 24 de outubro, a filial. Foi na filial que eu comecei a trabalhar, mas trabalhei um dia só. Não dei conta de trabalhar mais por causa da radiação, porque quando foi no dia 13, o Roberto chegou lá em casa. Eu estava reformando meu barracão, na rua 63, na casa da minha sogra. Eu estava trabalhando no banheiro com um pedreiro.

PERGUNTA -- O que você chama de barracão?

WAGNER -- Aqui em Goiânia é chamado de barracão, quando tem três cômodos, um banheiro, com forro, com piso, cozinha, tudo do direitinho. É porque acostumou chamar assim, então é barracão. Mas não é favela.

PERGUNTA -- Você acha que aquela foi a sexta-feira 13 da sua vida, embora fosse dia 18?

WAGNER -- Eu não sou supersticioso.

PERGUNTA -- Mas você falou em destino (o gravador não estava ligado).

WAGNER -- Destino que eu falo é uma coisa que a gente tem que passar na terra, porque a gente nasce hoje e, daqui a 30, 50 anos, morre. A vida da gente aqui na Terra não é pra toda vida. E cada pessoa tem uma passagem nessa vida aqui, igual essas pessoas aidéticas, né. Pegou AIDS porque tinha que passar por isso, esse sofrimento, tinha que

morrer com aquela doença. Eu sou uma vítima do destino. O que eu tinha que passar na Terra é isso. Eu não creio que a ainda vou passar por mais alguma coisa. Pode ser até que eu não morra por causa do acidente, mas eu acho que não vou pas sar por outra coisa. Pode ser que eu morra atropelado... Antes do acidente, eu não pensava isso. Muito pelo contrá-rio, eu achava que não ia morrer. Eu achava que ia morrer mas com 50, 70 anos. Não ia acontecer nada comigo. Ia vi-
ver uma vidinha assim: ia só subindo os degrauzinhos. Pen-
sava só em status, em grana, esses negócios que fazem a cabe-
ça de todo mundo -- né? --, dinheiro. Hoje dinheiro pra mim não tem valor nenhum, apesar de que eu quero minha indeniza-
ção. Mas antes eu era bem diferente. Sonhador que Nossa Se
nhora! Casei com 18 anos, quer dizer, já era responsável, né? Nunca dependi de ninguém, nem da minha sogra. Casei de
mão abanando, desempregado tudo. Aí já arrumei um serviço, já montei meus móveis, meu barracãozinho, tudo. Já comecei a subir os degrauzinhos da vida, né? Aí vem um acidente, me atropela desse jeito, sem pedir licença nem nada, com 19 anos! Uma pessoa com 19 anos ainda tem muito sonho, muita coisa pra ver, pra viver. Eu praticamente morri.

PERGUNTA -- Você se considera um velho jovem?

WAGNER -- É. Já passei por tanta coisa já na minha vida que esses 20 anos, vou te falar, viu. Vinte anos meus dá uns 50. Já cheguei perto da morte um bocado de vezes também. U ma vez foi num rio, e outra vez num acidente de carro. E a-
gora, do jeito que eu estou, com o pé ferido, me sinto inú-
til. Não posso andar, não posso ficar em pé. Se eu ficar muito tempo sentado, a circulação começa a adormecer o meu pé. Nem de ônibus não dou conta de andar mais. A fundação manda buscar os pacientes que têm lesão com carro. Até antes desse último deblidamento, eu dirigia. Antes o pé ainda estava bom, ainda tinha recuperação. Agora depois desse

deblidamento, eu acretiro que não tenha mais recuperação. O próprio médico já falou pra mim. Não o médico que fez esse serviço, mas outro, ortopedista.

PERGUNTA -- Você estava falando que o seu problema são os jornalistas. Por quê?

WAGNER -- Eu tomei raiva de jornalista, sem brincadeira. Primeiro, porque eles foram colocando no jornal o que deu na cabeça deles, né? Foram colhendo os fatos, mas sem chegar ao concreto. E soltaram. A discriminação maior de Goiânia foi por causa do Faleiros, do Governador e dos repórteres.

PERGUNTA -- Por que o Faleiros e o Governador?

WAGNER -- O Faleiros, no começo, já foi chamando a gente de ladrão. E o Governador também. Isso colocou a gente numa situação difícil. Eles tinha era que ter explicado para a população a respeito do que aconteceu. Eles deveriam ter ajudado. O problema da discriminação aqui é por causa disso. Os jornalistas também não souberam fazer uma boa matéria. Eu praticamente não dei reportagem pra ninguém. Só aquela para O Popular antes de ir pro Marcílio dias, e assim mesmo só falando como é que eu estava me sentindo. E não foi com detalhes. Agora... eles colocaram a gente como ladrão, papeleiro, catador de papel, que roubaram a peça etc. e tal. Sendo que não foi roubo. O próprio Romeu Tuma (Superintendente da Polícia Federal) isentou eu e o Roberto de roubo, porque não foi roubo aquilo ali. Uma peça que está jogada fora, abandonada, sem os cuidados, sem guarda, não tinha nada, não tinha um destaque nenhum, vai ser roubada? Apesar que estava na propriedade dos outros, né? Mas... foi culpa deles.

PERGUNTA -- Discriminação -- A que tipo de discriminação é que você se refere?

WAGNER -- As pessoas, mesmo não conhecendo a gente, discriminam a gente. Não conhecem e, quando conhecem, já viram a cara... Não vou dizer que é todo mundo. Tem uns legais. Chegam, conversam, não estão nem aí, perguntam como é que foi o acidente, querem ajudar. Agora, tem outros que pô. Esa vizinha aqui mesmo, na outra casa aqui do lado, morre de medo. Pergunta pra dona da casa que dia que a gente vai mudar. E ela agita eles ainda porque responde que a gente ainda vai ficar um ano.

PERGUNTA -- Você chama isso de quê? Medo? Ignorância?

WAGNER -- Eu não acredito que seja mais medo, porque, praticamente, a gente não tem mais nada. A gente não representa perigo pra ninguém, pra sociedade, né? Perigo agora é só pra gente mesmo. Pras pessoas, não tem mais nada. Pode pegar, pode abraçar, pode fazer o que quiser. Eu não acredito que seja medo. Acredito que seja mais é ignorância, falta de compreensão e discriminação porque, ah, é papeleiro, pessoas humildes tá, tá, tá, tá. As notícias que eles sabem é só do jornal e da televisão. Porque a pessoa, quando vê uma notícia na televisão, por exemplo, já começa a imaginar como é que foi aquele negócio, como é que é. Às vezes, a pessoa não tem nada a ver com o peixe, e a gente está pensando: pô, será que foi daquele jeito mesmo? O jornal e a televisão falam uma coisa, eles lêem, ouvem, acreditam, pensam que é daquele jeito, e não conhecem a gente. O jornal e a televisão fazem uma imagem, aí quando chega e vai conversar já é outra pessoa. Quando a gente começa a explicar como é que foi tudo, aí a pessoa já tem outro ponto de vista, outra opinião.

PERGUNTA -- O seu nível de vida, você considera que baixou depois do acidente, ou melhorou?

WAGNER -- Não baixou e nem melhorou, ficou estável.

PERGUNTA -- Para algumas das vítimas teria baixado?

WAGNER -- Eu não conhecia eles. Não posso dizer como é que eles eram. Sei dizer é que o ferro-velho era alugado da COPEL. Parece que era alugado por ano. Todo ano renovava o contrato. A COPEL alugava pra eles o depósito pra papel. A parte de ferro-velho eles mesmo que colocavam pra poder aumentar a renda. Só de papel não dava pra viver.

PERGUNTA -- Se o Devair não tivesse dado importância pro brilho da pedra, qual teria sido o destino dela?

WAGNER -- Se ele não tivesse dado importância, acho que ela teria ido é pro lixo, porque ela tinha valor, quando estava dentro do cilindro ainda fechada, porque dava peso. Agora, depois de desmontada, não tinha mais valor nenhum. Foi lá que desmontaram. Foi do ferro-velho do Devair que começou a espalhar os focos. Passava um amigo, dava pra ele. Vinha um irmão, mostrava a peça brilhosa, tudo. Eu não vi a peça brilhando.

PERGUNTA -- Como é esse lixo: normal, comum que passa lixeiro e pega?

WAGNER -- É. Ou então ela ia ficar jogada no meio da rua, no asfalto. Porque lá era depósito de papel, então papel velho não ia pro lixo. Era aproveitado pra poder vender, ou podia deixar ela jogada no ferro-velho mesmo. Se ela não tivesse o brilho, né? Porque, como ele falou que se apaixonou pelo brilho, então ele não ia jogar ela fora.

PERGUNTA -- Pro lixo? Mas não era metal de importância, ele não comprou de você?

WAGNER -- Vou explicar como é que foi o negócio: na hora que eu e o Roberto chegamos ao ferro-velho pra vender, ele perguntou: "A peça é sua? Porque, se for do Roberto, eu não vou comprar a peça porque ele é meio assim assim... Não vou muito com a cara dele. Se for dele, não vou comprar". Eu falei: não, a peça é minha, ele veio só pra me ajudar. Quer dizer: menti, porque o ferro-velho mais perto era o dele e a gente não tinha condição de levar a peça pra outro lugar e vender. Daí eu peguei o chumbo e pus na balança, e a peça ficou no chão. Aí eu pensei: não, não vou vender pra ele porque vai ser uma covardia. Não tem nada ali dentro, só tem pó. Mas aí ele falou: como é que é, você não vai vender essa peça não? Coloca ela na balança também. Eu pensei: bom, já que ele quer comprar... Aí peguei a peça e coloquei na balança. Ele pensou que a peça era toda daquele jeito, tanto por dentro quanto por fora, de chumbo. Inclusive a mulher dele mandou eu assinar um papel de responsabilidade pela peça. E, como estava de noite, ele não viu que tinha um buraco aberto. Aí pegamos os 1.800 cruzados, chegamos lá fora e repartimos o dinheiro. Eu fui pra minha casa e Roberto foi pra dele. Agora, tem um detalhe. A mãe do Roberto põe a culpa em mim. Ela já fala o contrário. Ela fala que fui eu que fui na casa do Roberto chamá-lo. Ela nem conversa comigo mais. Antes do acidente, ela me tratava na palma da mão. Até namorada pra mim ela queria arrumar. Amigão pra caramba nós dois. Agora, depois do acidente, ela não quer me ver nem pintado de ouro. Toda vez que ela me vê faz: "Viche Maria, estragou meu dia!" Já a minha família com o Roberto é totalmente diferente. Ele vem aqui, a gente conversa, bate um papo, continua a mesma. Pô, já pensou se a minha mãe fosse fazer com o Roberto o que a mãe dele faz comigo? Ele já não está com a cabeça muito boa. Ia ficar a rara da vida. Eu compreendo a mãe do Roberto, porque, depois desse acidente, ela deve ter ficado meio perturbada.

Perdeu a casa... Ela põe a culpa em mim, mas ela não pode falar isso porque ela não tem provas. Muito pelo contrário, eu tenho prova até de gente que morava lá, uma inquilina dela, ao meu favor, que é a Coraci Brum. O Brum mesmo me ajudou a desmontar a peça. Tem também o pedreiro lá de casa. E ele mesmo, o próprio Roberto, confirma isso. Agora, ela e o irmão dela é que não concordam com isso. Eu falo: mas isso não vem ao caso, a gente não é culpado. Culpados são os médicos. Pra que culpar um ao outro? Se ela quiser continuar com essa bobeira, o problema é dela. Eu não falo nada. Ela briga comigo, e eu não falo nada. Discuti uma vez com ela na FEBEM, porque, pô, ela também passou dos limites aquele dia. Mas foi só bate-boca.

A sexta-feira, 8 de julho, foi o meu último dia na cidade. Havia comprado passagem de ônibus para Brasília ainda para aquela tarde, e não dispunha de muito tempo para tentar ainda duas entrevistas -- com Odesson Alves Ferreira e Kardec Sebastião dos Santos. Fui cedo de manhã para a Fundação e encontrei todos lá. A conversa com Odesson foi rápida, no Chernobar, onde ele pode manusear as notícias (do espelho). Seus comentários eram curtos e objetivos, sua clareza ao se expressar e a gramática correta faziam inveja a muito aluno de jornalismo (ver anexo 6, entrevista 6, pág. 234).

Depois foi a vez de Kardec, que, ao contrário das vezes anteriores em que havia tentado falar com ele, estava aberto, descontraído, e, para minha surpresa, pediu para ver aquela notícia que havia retirado do meio das outras para não assustar mais ninguém: "Contaminados já estão ficando cegos". Na maior calma, Kardec leu a notícia e ainda pediu cópia para mostrar aos médicos (ver anexo 6, entrevista 7, pág. 243).

Quando terminei a gravação com ele, era já meio-dia. Aproveitei que estava reunida boa parte dos meus entrevistados e tirei uma foto com eles, em frente da Fundação. Depois saí com Kardec para tirar xerox das notícias que ele e outros haviam me pedido. Saí pensando em voltar, por isso não me despedi de ninguém. Não encontrando uma loja onde tirar xerox, resolvi dar as minhas cópias para Kardec, e o encarreguei de distribuir aos outros que haviam pedido para levar aos médicos, ao advogado ou por simples lembrança.

Os títulos e sub-títulos dos jornais que chamaram mais a atenção das vítimas foram:

Tribuna da Imprensa, pág. 3, 07/10/87 -- "Cinco vítimas da radiação do césio-137 podem morrer hoje".

Correio do Brasil, pág. 8, 13/10/87 -- "Goiânia teve mais grave acidente do mundo".

O Estado de São Paulo, pág. 22, 04/10/87 -- "Incidência de câncer deverá crescer muito".

Folha de São Paulo, pág. 13, 12/10/87 -- "Médicos dizem que os sobreviventes do césio-137 ficarão incapacitados".

Folha de São Paulo, 13/10/87 -- "Entidades defendem médicos de Goiânia". pág. 12.

O Globo, pág. 15, 29/04/88 -- "Contaminados já estão ficando cegos".

Jornal do Brasil, pág. 07, 09/10/87 -- "Culpados têm de indenizar".

O Globo, pág. 08, 24/10/87 -- "De mão em mão a radiação do pó luminoso achado no lixo atingiu mais de 200 pessoas".

E foi assim que voltei para Brasília, sentindo-me um pouco também vítima do césio, com sintomas de contaminação psicológica. Era preciso expelir do Eu a alteridade e isto só se daria com o distanciamento. E foi o que aconteceu quando cheguei em casa e coloquei as fitas com as entrevistas no armário, esperando pela hora que viria de encapsular a experiência vivida, o que só aconteceu seis meses depois.

O trabalho de campo havia mostrado que o césio não tinha sido a representação simbólica da sorte para os contaminados, mas ali estava a cápsula das notícias de jornal a pedir que fosse aberta.

As vítimas, com o seu próprio círculo simbólico -- no qual o césio poderia ser a representação da sorte, mas não foi -- ao se verem nas notícias expressam seus sentimentos, emoções, imaginação e expectativas, desvelando o significado que tinha para eles aquelas notícias. Então, ao analisar esses sentimentos expressos é aberta a cápsula de chumbo -- desta vez por mim e não por eles -- e se pode descortinar na sua irradiação azul os malefícios da irresponsabilidade das autoridades em relação à questão nuclear no Brasil, e os malefícios do tratamento dado pelos

jornais ao acidente, gerando a discriminação.

É o que vou fazer agora: abrir a cápsula, começando com as três entrevistas escolhidas e a carta de Teresa Nunes Fabiano (Terezinha), e seguindo para as demais entrevistas sempre que se fizer necessário, a fim de comprovar a existência de sentimentos comuns com relação a alguns aspectos como os jornalistas e as notícias, as autoridades e a responsabilidade, a discriminação, os sonhos roubados, a intuição das mulheres, o destino, a morte, a sobrevivência, os acidentes.

Esses aspectos, que serão vistos sem uma seqüência ordenada, não correspondem, exatamente, aos dez itens iniciais que serviram para a escolha das notícias apresentadas às vítimas, conforme já foi visto: o fato, a questão nuclear no Brasil, as expectativas de vida ou os sonhos roubados, o lixo atômico humano e material, as responsabilidades, a discriminação, as lições, a atração pelo césio, o papel de cobaias e a cobertura da imprensa. Mas pode-se considerar que esses dez itens estão embutidos na análise. O critério de não seguir uma seqüência ordenada deve-se ao fato de as entrevistas terem sido realizadas da forma mais espontânea possível, e cortá-las assim por itens significaria perder muitas informações relevantes.

Começemos por Devair Alves Ferreira. Assim como os demais pacientes que foram para o Hospital Marcílio Dias, no Rio de Janeiro, Devair não podia ter contato com nenhum tipo de notícia enquanto estava lá mas, mesmo assim, conseguiu que lhe mostrassem O Globo, onde a notícia do enterro de sua mulher e de sua sobrinha o afetaram profundamente pela manifestação pública de discriminação comandada por um político -- uma autoridade. A política é para Devair a causa de todas as desgraças do mundo. Ele inclui nesse rolo da política a própria Fundação Leide das Neves, a CNEN, o governo de Goiás e a imprensa, que só quer vender jornal.

Ele considera os jornalistas como hienas.

Foi uma autoridade que o acusou, inicialmente, de receptador e a imprensa o chamou de biscateiro de ferro-velho, um título que ele não aceita pois se considerava um marajá do ferro-velho que pagava onze tipos de impostos, antes do acidente que lhe tirou tudo: a mulher, a saúde, o ganha-pão e até mesmo a personalidade.

Devair sente-se roubado em tudo, mas o fato de não poder trabalhar livremente, como fazia antes, é o que o exaspera mais. Esse mesmo sentimento é expressado por Kardec Sebastião dos Santos quando diz: "ficar esse tempo todo parado, a gente fica meio chateado" (ver anexo 6, entrevista 7, pág. 242). Edson Fabiano (anexo 6, entrevista 1, pág. 192) também manifesta sua indignação ao ler a notícia "Médicos dizem que os sobreviventes do césio-137 ficarão incapacitados". A reação de Edson foi imediata: "Incapacitado não!" Odesson A. Ferreira, irmão de Devair sente que perdeu a liberdade porque era motorista de ônibus por profissão e hoje não pode dirigir nem carro pequeno (ver anexo 6, entrevista 6, pág. 237).

A vida de Devair é de bar em bar e de amor em amor, o que acha ruim pois só vê sentido em amar uma única pessoa. Fala em matar-se para acabar com tudo, mas ao mesmo tempo diz que ainda não chegou seu dia de morrer, pelo menos enquanto existir mulher bonita e cerveja, pois já esteve perto da morte três vezes e não aconteceu. Devair acredita que a morte é a continuação da vida. A cunhada Lurdes também demonstra falta de vontade em viver: "Tem dias que eu fico pensando que não tem sentido continuar vivendo" (anexo 6, entrevista 3, pág. 221). Dalva Fabiano (entrevista 5 do anexo 6, pág. 231) também deixa transparecer essa atração pela morte quando diz: "Às vezes nem tenho vontade de viver porque tudo pra mim é vazio".

Com relação aos culpados pelo acidente, Devair não

crê que vá acontecer alguma coisa nem para os médicos do IGR, nem para a CNEN que devia fiscalizar, nem para os governos estadual ou federal. Quando ele diz: "Nesse País ninguém é culpado", pode-se sentir a ironia e o ressentimento porque o pior já aconteceu e foi com eles. Esse mesmo ressentimento é expressado com veemência por Dalva Fabiano que não se conforma com o fato de seu marido Ernesto ficar do jeito que ficou com a perna, enquanto os responsáveis que deixaram a peça abandonada e a CNEN estão sem punição (op. cit. pág. 231). Odesson (op. cit. pág. 239) também responsabiliza a CNEN pelo acidente porque deveria ter vigiado. Lurdes concorda que as autoridades têm que ter mais cuidado e não deixar um aparelho desses por aí (anexo 6, entrevista 3, pág. 223). Ernesto Fabiano (op. cit. pág. 229) também diz que houve falta de responsabilidade da CNEN e dos médicos. E Ivo A. Ferreira, outro irmão de Devair, concorda que se tem algum culpado é a CNEN e os dois médicos que eram donos da clínica (anexo 6, entrevista 2, pág. 216).

Devair não confirma em sua entrevista a hipótese de que o césio pudesse ser a pedra da sorte. Mas não esconde sua paixão por ela ao dizer que era linda, linda, linda. Devair adorava a pedra do césio pela beleza azul celeste que dela irradiava à noite, mas confessa que a mulher Maria Gabriela tinha pavor. Essa intuição feminina pode também ser constatada no depoimento de Santana Fabiano, mulher de Edson (ver anexo 6, entrevista 1, pág. 203). Santana diz que tinha medo e sua irmã Terezinha Nunes Fabiano confessa ter dito para Santana não mexer naquele negócio porque era perigoso (op. cit. pág. 197). Os jornais da época também diziam que Edson Fabiano havia feito o sinal da cruz com o pó no corpo para dar sorte. Terezinha desmente e o próprio Edson confessa que pegou por curiosidade e passou no corpo para mostrar ao filho como ficava azul à noite (op. cit. pág. 196).

Devair declara ainda em sua entrevista que os pacientes internados no Marcílio Dias, e mesmo depois, não podiam falar com jornalistas: "Eles queriam calar a minha boca". Sua cunhada Lurdes também conta que no hospital do INAMPS onde ficou internada em Goiânia "eles" a escondiam para que não falasse nada. Chegou a ser chamada a atenção por uma assistente social que lhe disse para não falar contra o governo porque ela podia ficar viúva e o governo é que ia sustentá-la. Até que Lurdes reclamou para um dos médicos do Rio que estava lá e ele a liberou: "Desabafa mesmo!" (entrevista 3, op. cit. pág. 224)

A entrevista de Luisa Odete, irmã de Lurdes, foi mais permeada de silêncio do que de fala propriamente dita. Ela confirma o que disseram os demais pacientes do Marcílio Dias, no Rio, de que eram proibidos de ver jornal, televisão e escutar rádio. Mas Luisa Odete tem também a sua experiência negativa com os jornalistas. Ela diz em seu depoimento que os repórteres muitas vezes chegam, perguntam o que está acontecendo, mas o principal que a gente fala não aparece.

Luisa Odete confessa que nunca imaginava existisse uma coisa dessas como o césio, e por isso não se conforma de ter perdido a saúde e a própria mãe que nunca mais a procurou pelo medo da contaminação. O marido Kardec, que ficou com lesão no braço sem nem mesmo ter visto a pedra azul porque estava dormindo, concorda com a mulher em relação à saúde: "Uma coisa que nós perdemos e nunca vamos recuperar é a saúde" (op. cit. pág. 243).

A perda da saúde é uma reclamação geral entre as vítimas. Dalva Fabiano (op. cit. pág. 231) diz que com doença é muito difícil construir de novo tudo o que levaram anos para construir... O marido Ernesto fala a mesma coisa (op. cit. pág. 227): "Minha preocupação maior é a casa e a saúde". Ivo tem receios quanto ao futuro por causa do

acidente (op. cit. pág. 208). Edson reclama que as feridas podem voltar como podem não voltar (op. cit. pág. 201). Terezinha diz que os próprios médicos falam para as vítimas que se queixam de alguma dor: "é césio na cabeça" (op. cit. pág. 201).

O fato de a mãe não visitá-la mais é muito doloroso para Luisa Odete. O cunhado Ivo quando se refere aos parentes o faz com um ressentimento também muito grande, porque antes vivia com a casa cheia deles e hoje não vai ninguém. Os parentes sumiram e os amigos também (op. cit. pág. 214). A mulher Lurdes confirma os sentimentos do marido e diz mais: que o carinho recebido é de gente de fora, pois nem da família não teve (op. cit. pág. 222). E Edson Fabiano reclama da discriminação que houve desde o dia em que os pacientes mais atingidos viajaram para o Rio com aquela roupa especial só para embarcar, porque dentro do avião não precisava (op. cit. págs. 193 e 194).

Sobre a discriminação Terezinha e Santana contam o que passaram (op. cit. págs. 197 e 200). Terezinha com a filha pequena no hospital, sendo discriminada pelos médicos e enfermeiros. Santana na FEBEM, que cedeu as precárias instalações para abrigar algumas das vítimas. Ela conta que não tinha direito nem de entrar na cozinha para esquentar um leite para o filho. A água que bebiam era a do banheiro. As garrafas que chegavam de água mineral só eram dadas para os médicos e enfermeiros. Até para alugar a casa onde vivem hoje houve discriminação. A dona falou que não alugava para vítima, e a casa foi comprada pelo governo para que os Fabiano tivessem onde morar. Só que a casa não pertence a eles.

Na entrevista de Wagner Motta também está presente a discriminação que ele e as demais vítimas sofreram. Wagner coloca como causa dessa discriminação o fato de autoridades do governo de Goiás os terem chamado de ladrões, no início.

Uma outra causa apontada por ele é que os jornalistas não souberam fazer uma boa matéria. Isto fez com que as pessoas, mesmo não os conhecendo, passassem a discriminá-los. Para ele, o jornal e a televisão construíram uma imagem e as pessoas acreditam nela. Wagner é bem sincero quando diz que tomou raiva de jornalista pelo sensacionalismo que fizeram só para vender jornal.

Com relação a essa imagem construída pelos jornalistas e que coincidiu com a imagem que eu tinha em minha mente antes de conhecê-lo, Wagner diz revoltado: "Eles colocaram todo mundo como catador de papel e não tem nada disso. Eu era um cara cheio de sonho!" A esse respeito, Edson Fabiano faz a mesma reclamação quando diz: "Não sou catador de papel. A minha profissão é ser pintor de automóvel!" (op. cit. pág. 196). Santana, sua mulher, concorda que houve muita mentira, mas salienta os aspectos positivos da cobertura jornalística. Para ela, se não fosse os jornalistas o acidente ia ficar escondido (op. cit. pág. 190). Dentre todos os demais entrevistados Lurdes também consegue ver algo positivo no trabalho dos jornalistas. Diz que a imprensa ajudou muito na época, que pareciam estar unidos com as vítimas. Mas Lurdes, mãe de Leide, também tem suas mágoas: "Agora parece que eles esqueceram a gente. Só a gente que se lembra deles" (op. cit. pág. 223).

Ernesto Fabiano também não gostou do que viu nos jor nais a respeito do acidente. As notícias, para ele, são de chocar e há muita notícia falsa. Ele diz: "As vezes a gente fala uma coisa e eles botam outra, aumentam, aí a Fundação desmente, mas desmente o que eles aumentaram" (op. cit. pág. 227). Já Kardec é radical. Para ele não tem nada de verdade nas notícias (op. cit. pág. 241). Odesson desde o início foi contra a imprensa. Acha que se ela tivesse ficado de fora teria sido melhor. Ele diz: que a maioria das notícias são uma inverdade, que aumentaram muito as

coisas, que desde o início foi uma "espalhafação" e que até hoje os jornalistas não aprenderam a contar realmente o que aconteceu e a dizer o que está acontecendo porque só mostram o que interessa ao governo. Odesson vai mais longe. Diz que se as autoridades forem procurar notícia de jornal para encontrar os culpados vai ser muito difícil (op. cit. pág. 240). E Ivo também acusa os jornalistas. Para ele, notícia de jornal não deixa passar a verdade porque o governo não permite. Ele diz: "O jornal aumenta muito e as coisas verdadeiras mesmo o governo não deixa sair" (op. cit. págs. 206 e 207).

Dalva diz que as notícias são falsas e dá um exemplo: elas falam que indenizaram todas as vítimas quando o que foi pago foram só as coisas materiais, as coisas de casa. Dalva entende por indenização os danos físicos que as pessoas sofreram.

Wagner, Odesson e as outras vítimas receberam o dinheiro dos móveis, mas eles querem é a indenização pelos danos físicos. Wagner diz que vai lutar com unhas e dentes para ser indenizado porque foi lesado em muita coisa: na vida, na saúde e nos sonhos. Os culpados para ele são os médicos donos do IGR, um pouco o governo e principalmente a CNEN que fiscaliza os aparelhos. Ele não acredita que depois desse acidente possa haver uma fiscalização melhor. Ivo compartilha também desse pensamento: "Logo troca de governo e eles esquecem tudo. Eu acho que é só Deus mesmo pra cuidar de nós" (op. cit. pág. 205). Já Odesson gostaria que as autoridades tirassem lições e providenciassem mais segurança e mais fiscalização desses aparelhos (op. cit. pág. 235). E Ernesto diz que o acidente serviu para alertar muita gente que trabalha com esses aparelhos radioativos. Mas ressalta que se fosse n'outro país os responsáveis já estariam presos (op. cit. pág. 229).

Wagner não concorda com o programa nuclear brasileiro

e explica que para se subir uma escada não se pode começar do 10º andar para cima, tem-se que começar de baixo. Segundo ele, é o que acontece com o Brasil: "o governo tinha que primeiro olhar pro povo". Ernesto também compartilha desse raciocínio quando pergunta por que ao invés de estarem projetando bomba não criam emprego para os pais dessas crianças que estão por aí passando fome (op. cit. pág. 229). Edson também é da mesma opinião e Santana já pensa diferente. Para ele o dinheiro que é gasto com o desenvolvimento da energia nuclear deveria ser gasto com as vítimas. Santana é totalmente contra a energia nuclear, não só no Brasil como no mundo, porque faz as pessoas sofrerem e vai matando aos poucos (op. cit. pág. 193). Odesson consegue ver o lado positivo da energia nuclear que também pode salvar muita gente, como esse mesmo aparelho que os contaminou, desde que haja fiscalização (op. cit. pág. 236).

Wagner também esclareceu para mim o significado de "barracão". Os jornais haviam dito que as vítimas moravam em barracões, sem esclarecer que tipo de residências eram. Isto fez com que criasse em minha mente uma imagem de favela, já que em outros lugares do Brasil barracão tem mesmo o significado de uma casa de favela. Mas em Goiânia é diferente. Conforme a explicação de Wagner "barracão é quando tem três cômodos, com forro, com piso, um banheiro e cozinha, tudo direitinho".

O destino é a explicação que Wagner dá para tudo o que aconteceu. Destino é para ele uma coisa que a gente tem que passar aqui na Terra e que não pode ser modificado. Ivo, que perdeu a filha Leide no acidente com o césio, também fala em destino, mas sem muita convicção: "Pode ser destino... e um alerta pros outros". Ele tende a crer que Deus talvez tenha marcado a família dele para fazer esse alerta (op. cit. pág. 216).

E como marcou! Ivo tinha verdadeira adoração pela

filha, que segundo ele "queria ter nome" e de quem todo mundo dizia: "Essa menina ainda vai dar ou muito gosto ou muito desgosto" (op. cit. pág. 208). O fato é que, destino ou não, Leide acabou morrendo inocente e seu nome foi dado à Fundação que até hoje tem ajudado as vítimas do césio apesar das dificuldades econômicas.

A carta de Terezinha ao amigo jornalista é bem representativa dos sonhos roubados das vítimas do césio. Todos, sem exceção, queixaram-se de não poderem mais sonhar com um futuro melhor para si, para a família e para as crianças. Depois do Plano Brasil Novo não fica difícil, para quem tinha dinheiro aplicado, imaginar como devem ter se sentido as vítimas do césio ao se verem, de um dia para outro, sem roupas e objetos guardados com tanto carinho, sem trabalho, sem dinheiro, sem saúde e, principalmente, sem poder mais sonhar, dependentes totalmente de uma pensão magra, uma cesta básica e de tratamento constante em hospitais, sentindo-se cobaias de experiências científicas.

CONCLUSOES

"Ela era uma pessoa que queria ter nome"

Ivo A. Ferreira sobre sua filha
Leide das Neves Ferreira

De 28 a 30 de outubro de 1988, exatamente um ano depois das autoridades de saúde de Goiânia tomarem conhecimento de que uma fonte de césio-137 estava aberta e sendo distribuída a pessoas, foi realizado o I Simpósio Internacional sobre o Acidente Radioativo, com a participação de cientistas estrangeiros, autoridades do Governo do Estado, da Universidade Federal de Goiás e técnicos da CNEN.

A CNEN estava representada por Julio Jansen e Luis Hiroshi Sakamoto, que rebateram as críticas quanto ao despreparo do órgão e salientaram as ações durante e após o acidente. Houve um reconhecimento de que faltaram equipamentos, mas não despreparo de pessoal. Mesmo assim, foi dito que os técnicos estavam treinados para um possível acidente em Angra, e não da forma como ocorreu em Goiânia.

Convém salientar as ações após acidente, enumeradas pelos técnicos. Elas se restringem ao laboratório de corpo inteiro localizado na rua 57 em Goiânia; ao termo de compromisso assinado com o Ministério do Trabalho e Ministério da Saúde, visando a disciplinar ações da vigilância sanitária na fiscalização do uso de equipamentos radioativos; ao treinamento de técnicos e à formação de uma equipe médica especializada para tratar vítimas, o que inclui a assinatura de convênios com as Universidades de Ribeirão Preto e UNICAMP em São Paulo.

Já o Núcleo de Acompanhamento do Acidente Radiológico de Goiânia -- NUAC -- criado pela Universidade Federal

de Goiás, tem tido uma atuação mais dinâmica. Os cientistas ligados a este núcleo estudam as conseqüências biológicas, ambientais, psico-sociais e médicas do acidente em Goiânia, a médio e longo prazo, num total de 12 projetos. Além disso, à época do acidente, o NUAC fez monitoramento ambiental medindo os níveis de radioatividade; realizou palestras e mini cursos para jornalistas, professores e outros profissionais e também organizou o acervo histórico do acidente de Goiânia, incluindo filmes e videotapes. O NUAC também mantém cooperação científica com outras universidades e oferece cursos de atualização e reciclagem para profissionais que usam fontes de radiação.

Mas as ações param por aí. O Governo Federal não tem nenhuma participação na assistência às vítimas do césio. A Fundação Leide das Neves, com seus defeitos e qualidades, foi uma iniciativa do governo do estado de Goiás. O próprio NUAC, foi criado graças ao espírito científico e humanitário dos professores e da Reitoria da UFG, contando com o apoio dos setores produtivos de Goiás e de entidades bancárias oficiais. O convênio para disciplinar ações de vigilância sanitária na fiscalização dos equipamentos radioativos em uso, até à realização do Simpósio Internacional em 1988 havia sido assinado apenas pelo estado de Goiás.

Conforme foi visto no MOMENTO I, alguns setores da sociedade civil brasileira estão realmente preocupados com o desenvolvimento da energia nuclear no Brasil, que já chegou ao ponto de poder fabricar a bomba atômica. Mas o número de técnicos e especialistas que foram mobilizados nacional e internacionalmente para ajudar no acidente de Goiânia, conforme indica o próprio relatório do presidente da CNEN, demonstra o despreparo do Brasil, ao contrário do que é apregoadado.

Esse despreparo fica também evidente no tratamento

médico das vítimas, que se sentem cobaias de pesquisas, e na ineficácia da Justiça em responsabilizar os culpados e indenizá-las. Para piorar ainda mais a questão, o que fazer com lixo atômico é um problema real, que continua a ser tratado de maneira provisória pelo governo. Até hoje (1990) o lixo atômico do acidente de Goiânia continua a céu aberto, em Abadia de Goiás.

Na avaliação do papel das instituições feita durante o I Simpósio Internacional sobre o acidente com o Césio-137 em Goiânia, os jornalistas foram culpados de ampliar o que poderia ter sido um acidente radiológico a mais. As autoridades institucionais envolvidas no acidente reconheceram que os técnicos não estavam preparados para dar informações científicas ao grande público, mas culparam os jornalistas pelo sensacionalismo que gerou o pânico em Goiânia, e pela discriminação social e econômica.

Este ponto de vista ficou reforçado pelo trabalho científico do antropólogo norteamericano, Dr. John Pettersson, que vem estudando os impactos sócio-econômicos permanentes causados pelo acidente com o césio, desde novembro de 1987.²² Para ele, Goiânia é um exemplo clássico do processo pelo qual a percepção de riscos do público e não o próprio evento ou seus riscos podem resultar em penosas consequências e onerosas reações. Para ele, a disparidade entre a quantidade mínima de material radioativo disperso, o número de pessoas contaminadas e as consequências enormes a nível social e econômico só ocorreu graças aos jornalistas.

A negativa em aceitar uma barraca de Goiás na Feira da Providência no Rio e a tentativa de impedir o enterro das vítimas Leide e Maria Gabriela no cemitério de Goiânia

22 - Enduring Socioeconomic Impacts: A Report on the Follow-up Study of the Radiological Accident in Goiânia, Brazil.

são colocadas pelo Dr. Petterson como os exemplos maiores dessa disparidade criada pela mídia.

Segundo ele, é preciso reconhecer o poder da mídia e ter um entendimento do que seja o "negócio de fazer notícias": para os jornais é vender jornal e para as televisões é aumentar a sua audiência, o que faz com que a natureza mesma dos eventos seja tornada pública fora das proporções. Sendo assim, de acordo com o antropólogo, cientistas e burocratas não acostumados com esse negócio e que aparecem como porta-vozes de instituições ou de agências governamentais, tornam o problema pior, o que remete ao segundo ponto aprendido por ele no acidente de Goiânia: as instituições responsáveis pelo manejo de uma crise nuclear têm que agir, em tempos de crise, de acordo com as necessidades da mídia (que são a própria natureza sensacional dessa crise) e precisam estar preparadas para atender organizada-mente a essas necessidades.

Das autoridades institucionais envolvidas no acidente radiológico de Goiânia não avaliam o seu próprio desempenho como fontes. Desempenho esse que pode ser visto numa simples comparação entre a cobertura jornalística do acidente brasileiro e as dos acidentes de Three Mile Island, nos Estados Unidos, e Chernobyl, na União Soviética. Para tanto, vou me reportar ao artigo de David M. Rubin²³ intitulado "How the News Media Reported on Three Mile Island and Chernobyl", que faz uma análise comparativa dos dois eventos.

Aos tópicos de comparação apresentados pelo autor, irei acrescentar o que levantei, com relação aos mesmos tópicos, na cobertura jornalística do acidente de Goiânia:

a) RAPIDEZ -- as informações em TMI foram mais rápidas. Em uma hora e meia era dado o 1º boletim oficial. Em

23 - Journal of Communication -- Summer 1987.

Chernobyl o 1º boletim apareceu a 36 horas depois do evento. Em Goiânia o 1º boletim foi publicado nos jornais pelo Governo do Estado, no dia 10 de outubro, ou seja quase um mês depois de Wagner e Betão terem aberto o cilindro de metal contendo o césio-137, no dia 13 de setembro. Há que se considerar que a Secretaria de Saúde do Governo de Goiás só tomou conhecimento do acidente no dia 28 de setembro. E apenas no dia 7 de outubro os coordenadores dos trabalhos de descontaminação da cidade, passaram a dar entrevistas coletivas, diariamente, e a participar de um programa da TV Anhanguera (emissora local) para responder a todas as perguntas (Correio Braziliense, pág. 12, 07 de outubro de 87).

b) ACESSO -- em TMI perto de 50 jornalistas já estavam lá no Metropolitan Edison's Observation Center situado no lado oposto ao reator, e nada foi feito para tirá-los de lá. Outros tantos entrevistaram livremente as pessoas das comunidades vizinhas. Em Chernobyl foi estabelecida uma zona de segurança de 20 milhas ao redor de Pripyat. Os repórteres tiveram dificuldades em chamar Kiev e não lhes foi permitida a entrada em Chernobyl para observar as condições de evacuação. Quando lhes permitiram viajar, tiveram ordem de não entrevistar ninguém que chegava de trem. Em Goiânia foi colocada guarda na rua 57 e a polícia cercou o estádio olímpico da cidade para onde corriam as pessoas a fim de fazerem exame de radiação. A polícia também cercou o Hospital Naval Marcílio Dias, no Rio, e dois fotógrafos foram repelidos a fogo por um fuzileiro naval: "Fuzileiro dispara contra fotógrafos" (O Globo, 26 de outubro de 87, pág. 08.) Alberto Jacob de O Globo e Chiquito Chaves do Jornal do Brasil tentavam fotografar a enfermaria do Hospital Marcílio Dias, onde estavam os contaminados.

c) NÚMERO DE FONTES -- conforme levantamento feito pelos repórteres, cerca de 300 fontes foram consultadas sobre algum aspecto do acidente, na primeira semana crucial

em TMI. Eram fontes do governo, médicos, físicos, engenheiros e até um cantor de rock. Em Chernobyl uma variedade similar de fontes apareceram, mas eram, a maioria dos EUA e da Europa Ocidental. As fontes soviéticas e do bloco do leste foram raramente ouvidas. Eles controlaram as informações de tal forma que só puderam ser feitas especulações sobre o que poderia estar acontecendo. Pouca informação concreta foi dada pelas fontes oficiais soviéticas -- doutores, engenheiros, físicos e cidadãos -- e mesmo assim mais de duas semanas depois do acidente. Em Goiânia, 27 fontes foram ouvidas até o terceiro dia de cobertura, de mais de 60 pessoas e instituições envolvidas, que de alguma forma ou outra eram citadas nas notícias dos jornais. Eram médicos, vizinhos das áreas contaminadas, policiais, técnicos, físicos e autoridades do governo. Na primeira semana o número de fontes atingiu a 111. Essas mesmas fontes passaram a se repetir ao longo da cobertura, que passou a ter um declínio no mês de dezembro de 87.²⁴

d) PRESTEZA DOS ASSESSORES E TÉCNICOS EM INFORMAR: Em TMI -- no 2º dia do acidente o "Utility President" ou o Presidente da empresa Walter Creitz apareceu em programas televisivos como o "Today" e o "Good Morning America". Em CHERNOBYL -- o público não foi provido de informação por assessores e técnicos até que a crise não pode mais ser contida.

Em GOIÂNIA -- As primeiras informações sobre o acidente só começaram a surgir mais de 15 dias depois, pela ignorância dos contaminados e dos médicos que os examinaram primeiramente no Hospital de Doenças Tropicais. Muita informação foi escondida da imprensa, como o nome dos contaminados que

24 - O Levantamento foi feito diretamente das notícias dos jornais já citados como fonte dessa pesquisa.

tinham maior risco de vida. A relação dos contaminados só foi divulgada no dia 6. Os repórteres não tiveram acesso ao Serviço de Relações Públicas do I distrito Naval, ao qual está subordinado o Hospital Naval Marcílio Dias. Não se sabia quantos dos 17 contaminados que estavam no Hospital Geral de Goiânia nos dias 29 e 30 de setembro haviam sido transportados para o Rio. Só mais tarde se soube que eram seis, porque o Hospital passou a emitir relatórios médicos diários. As vítimas foram transportadas para o Rio no dia 1º de outubro e apenas no dia 3 a Folha de São Paulo publicava que o almirante Amihay Burla, diretor de Saúde da Marinha, recebera os jornalistas bastante irritado no auditório do Hospital, enquanto era observado pelo diretor da unidade onde estavam os contaminados, Davino Pontual, que permanecera calado. A entrada dos repórteres no Hospital só foi liberada pela Marinha no dia 23 de outubro, após várias notícias falando no despreparo da equipe do Marcílio Dias. No dia anterior o Jornal do Brasil publicava um artigo de Marcello Rollemberg sob o título "Despreparo espalhou a radiação pelo Marcílio Dias" (pág. 8). Ele afirmava no artigo que uma série de atitudes equivocadas haviam sido tomadas devido à falta de conhecimento prático, conforme havia informado um médico do hospital, que pediu para não ser identificado. No dia 24, no mesmo jornal era noticiado: "Almirante nega contaminação no hospital. Diretor acredita na tentativa de espalhar o pânico" (pág. 7). Embora o próprio Almirante Burla tivesse declarado: "Nossos equipamentos e equipe estão preparados permanentemente, mas nunca pensamos que pudéssemos precisar usá-los" (Jornal Tribuna da Imprensa, 4 de outubro de 87, pág. 8). O próprio Ministro da Saúde só se manifestou nos jornais no dia 6 de outubro de 87, dizendo que se o Ministério fosse solicitado ele poderia ajudar os organismos que estavam trabalhando no problema (Folha de São Paulo, dia 6 de outubro de 87, pág. 9).

Os jornalistas se ressentiam da ausência de dados importantes, como precisar com exatidão quais as áreas afetadas, o número de pessoas expostas à radiação e as consequências para a população e o meio-ambiente. O Jornal do Brasil, que pegou a cobertura andando no 3º dia, falava literalmente na "luta" dos repórteres em "arrancar" informações do Almirante Burla. Tal como em TMI e Chernobyl os jornalistas brasileiros tiveram que apelar para fontes secundárias nos primeiros dias de cobertura. O próprio presidente da CNEN, Rex Nazareth, estava ausente do País e não se apressou em voltar. Voltou no dia 3 de outubro, e mais tarde chegou a se recusar a receber os jornalistas, como mostrou o Correio do Brasil do dia 24 de outubro de 87: "CNEN nega informação à imprensa. Jornalistas passaram o dia esperando para saber onde e como seriam enterrados os corpos, como seria feito o traslado e se os esquifes especiais estavam prontos. Rex Nazareth se recusou a receber os jornalistas e não quis responder de quem é a responsabilidade civil e criminal pelas mortes de Leide e Maria Gabriela" (pág. 7). "CNEN evita dar explicações" (Jornal de Brasília, 24 de outubro de 87, pág. 09).

c) PLANO DE EMERGENCIA DE COMUNICAÇÃO -- FLUXO DE INFORMAÇÕES:

Em TMI -- as equipes de relações públicas do Estado da Pennsylvania estavam totalmente despreparadas para informar. Nos primeiros dois dias corriam atrás das informações que os jornalistas tinham de outras fontes, como membros do Congresso e da Nuclear Regulatory Commission. Outras vezes as autoridades davam informações contraditórias porque não sabiam o que os outros tinham dito.

Em CHERNOBYL -- foi muito pior: ausência de informes; informações desencontradas; descaso dos líderes com a gravidade do acidente, a ponto do serviço de monitoramento de radiação dentro da usina não ter estabelecido contato com o

mesmo serviço fora da usina. Além disso, ficou claro que as autoridades soviéticas sabiam que o problema era sério e esconderam o mais que puderam do acidente. A prova disso é que na Polônia, na noite da explosão, oficiais poloneses faziam uma discreta avaliação da disponibilidade de iodo nos hospitais.

Em GOIÂNIA -- o fato do acidente ter sido provocado pelo desleixo do Instituto Goiano de Radioterapia e da CNEN, que tem por obrigação fiscalizar os aparelhos, nos leva a concluir que um plano de emergência de comunicações era algo totalmente impensado. O Instituto é um dos 204 registrados pela CNEN (conforme dados dos jornais da época do acidente), que alegava não ter técnicos para fiscalizar. Das 11 áreas isoladas pela CNEN desde a chegada em Goiânia no dia 30 de setembro de 87, oito já haviam sido liberadas no 3º dia de cobertura, sem que os jornais tivessem informado quais eram as 11 áreas (a não ser as citadas pelas fontes oficiais) como o ferro-velho de Devair e a casa de Wagner Motta, a papelaria de sucatas de Ivo Alves Ferreira e a caixa de esgotos da casa de Ernesto Fabiano, que continuavam interditadas. A própria CNEN se contradizia como demonstram as notícias do dia 10 e 17 de outubro de 87: "CNEN diz ter controlado radiação em Goiânia" (Folha de São Paulo, 10 de outubro, pág. 9) e "Goiânia localiza novo foco de radioatividade". Era o depósito de papel Av. T2 nº 1234 no Setor Bueno (Correio Braziliense, pág. 15, 17 de outubro). Até o 6º dia a CNEN ainda não tinha dado com certeza o número de focos: "CNEN ainda não sabe quantos focos existem" (O Globo de 6 de outubro de 87, pág. 6).

O despreparo da CNEN já havia sido denunciado pelo Jornal do Brasil no dia 8 de outubro de 87: "CNEN não estava aparelhada para emergência nuclear". O Jornal do Brasil dizia no texto da pág. 13 que, segundo fontes da comunidade científica, "ficou patente nos primeiros dias do acidente,

que os técnicos não tinham equipamento, nem indumentária apropriados, e cometeram erros nos procedimentos de emergência". O Jornal de Brasília no dia 21 de outubro publicava: "CNEN não sabe onde estão 40 por cento do césio-137" (pág. 9). Se os técnicos não estavam preparados para a sua própria área de atuação, como esperar que houvesse preparo e preocupação com o fluxo de informações?

Em Goiânia, a desinformação era tanta que os enfermeiros dos hospitais onde estavam os contaminados se recusaram a trabalhar (aliado ao fato de estarem em greve). Eles tiveram que recorrer a um físico da Universidade Federal de Goiás para ficarem melhor informados. Somente no dia 3 de outubro a Secretaria da Saúde de Goiás, orientada pelos técnicos da CNEN anunciavam uma cartilha que orientava sobre sintomas de contaminação e como as pessoas deviam proceder.

f) A LINGUAGEM E O OTIMISMO DAS FONTES -- a linguagem técnica usada pelas fontes oficiais para descrever acidentes nucleares deixa os jornalistas "por fora". Isto aconteceu em TMI e Chernobyl, mesmo antes dos acidentes, quando as autoridades garantiam a impossibilidade de um acidente sério. Em Goiânia, um exemplo típico da falta de adequação da linguagem técnica ocorreu quando foi perguntado ao chefe do Departamento de Instalações Nucleares da CNEN, José Julio Rozental, se havia possibilidade do lençol freático ser contaminado pelas partículas de césio dispersas pela chuva. O técnico, sem adequar a resposta aos jornalistas, respondeu que havia uma possibilidade, embora mínima, e no outro dia os jornais publicaram: "Água pode estar contaminada", "Temporal piora situação em Goiânia" (Estado de São Paulo, 8 de outubro de 87, pág. 16). "Riachos de Goiânia podem estar contaminados", "Técnico admite risco decorrente das chuvas. José Julio Rozental reconheceu que fortes chuvas podem ter arrastado partículas do material radioativo" (Correio Braziliense, 8 de outubro de 87

pág. 16). Técnico vê água contaminada", "As galerias de águas pluviais de Goiânia podem estar contaminadas" (Jornal de Brasília, 8 de outubro de 87, pág. 13). Foi preciso no dia 9 uma nota oficial "ao povo de Goiânia", publicada na primeira página do Correio Braziliense, em que a Saneamento de Goiás S.A. e a Superintendência Estadual do Meio-Ambiente informavam das análises nos cursos d'água de Goiânia, como procedimento de rotina, sem encontrar nenhum vestígio de contaminação, e diziam para a população ficar tranqüila.

A preferência por ressaltar sempre os benefícios da energia nuclear, para proteger suas carreiras e manter a população calma também caracterizou os pronunciamentos das fontes oficiais no caso de Goiânia, tal como em TMI e Chernobyl. Esse "otimismo" ficou demonstrado quando outros técnicos que não os da CNEN faziam leitura dos níveis de radiação e davam outros números. As fontes oficiais apressavam-se em desmentir. O próprio presidente da CNEN, Rex Nazareth, chegou a afirmar que os países detentores da tecnologia do átomo estavam interessados em provocar algum tipo de boicote ao programa nuclear autônomo do Brasil, e que por isso estavam explorando o fato ocorrido em Goiânia. A Tribuna da Imprensa dizia no dia 10 de outubro de 87: "Rex Nazareth afirma que Clube Atômico quer boicotar Brasil" (pág. 3).

Como se sabe, o Brasil é signatário da Convenção de Assistência da Agência Internacional de Energia Atômica -- AIEA -- mas não aceita colocar seu programa nuclear sob as salvaguardas internacionais. Mesmo assim, foi o primeiro a pedir ajuda à AIEA (conforme disse O Globo do dia 7 de outubro de 87, pág. 10), quando viu que não sabia como lidar com o acidente de Goiânia.

E mesmo apelando aos países do Clube Atômico, não foi das melhores a reação da CNEN quando o físico alemão e deputado pelos "verdes" na Alemanha, Wolfgang Daniels,

disse ter encontrado "preocupantes níveis de contaminação fora das áreas isoladas pela CNEN". O Jornal do Brasil chegou a publicar no dia 17 de novembro de 87, que "chegou a haver uma pequena discussão com o técnico Marco Antônio Marzoz, devido às diferenças nos resultados" (pág. 23). Wolfgang Daniels não veio ao Brasil como membro da AIEA, mas para participar do Seminário Semana da Paz, promovido, na época, pela Universidade Católica e pelo Governo de Goiás.

Do lado das fontes, os dados comparativos com TMI e Chernobyl mostraram a pouca presteza em informar e a desorganização nas atribuições e responsabilidades sobre o fornecimento de informações claras, rápidas, corretas e não contraditórias para a mídia, o que vem a confirmar as conclusões do Dr. Petterson de que, se por um lado a mídia foi responsável pela disparidade entre o próprio evento do acidente com o césio e as suas conseqüências enormes a nível social e econômico, por outro lado as fontes de informação, através de seus inúmeros e desorganizados porta-vozes, não souberam atender às necessidades dessa mesma mídia, tão execrada por eles como sendo "sensacionalista".

Algumas autoridades institucionais envolvidas no acidente chegaram a sugerir, durante a avaliação do papel das instituições naquele I Simpósio Internacional, que a "recepção" das notícias -- no caso os leitores, telespectadores e ouvintes -- deveria ser de alguma forma "conscientizada" para que pudesse receber as informações via mídia com espírito crítico e assim seria evitado o pânico causado pelo sensacionalismo. A sugestão é parcial, pois não enfoca o problema a nível de "emissão" -- as fontes da notícia -- e nem tampouco leva em consideração o momento do encontro jornalístico que, como se verá, é permeado de pré-compreensões, interpretação e negociação da realidade.

De outro lado, a acusação de sensacionalismo é mais uma vez confirmada com a simples contagem dos títulos de

notícias sobre o acidente nos mesmos jornais da grande imprensa, um ano depois. A notícia só sai no jornal enquanto há mortos e feridos -- e demonstra claramente a negligência para com uma questão tão importante como a questão nuclear.

Durante todo o mês de julho de 88 foram encontrados apenas 14 títulos sobre o acidente nos jornais, que continuavam chamando as vítimas de "catadores de sucata". E, por incrível que pareça, até mesmo de "ladrões".

Os jornais divulgavam o resultado do inquérito administrativo da CNEN, e cobravam do IGR a negligência, como a Folha de São Paulo do dia 15: "CNEN culpa o Instituto Goiãno no caso do césio" (pág. 9). O Jornal do Brasil salientava os efeitos positivos do acidente: "Césio em Goiás ajudou a medicina" (pág. 7). O Estado de São Paulo e O Globo noticiavam a discussão do assunto na reunião anual da SBPC, aproveitando a ocasião para dizer como andava a vida das vítimas:

"Vida é normal mas com riscos", "O medo e a revolta continuam", "Goiânia ainda discrimina vítimas do césio". Estes os títulos de O Estado de São Paulo, na pág. 17 do dia 14 de julho, que na primeira página estampava: "O preconceito contamina as 104 vítimas do césio".

Esta nova busca me levou a levantar o número de títulos que haviam sido relacionados ao caso de Goiânia na primeira semana de cobertura, ou seja, de 1º a 7 de outubro de 87. O total encontrado foi 224 títulos. Na mesma semana, um ano depois, havia apenas uma reportagem na Revista Visão, no dia 5 de outubro de 88, sob o título "Goiânia, Pés delo Superado" (pág. 28).

No dia 13 de setembro de 88, um ano depois do trágico acidente, os jornais consagravam a falta de memória do País com apenas cinco títulos, todos da Folha de São Paulo, na página E 3:

"Moradora reclama da desvalorização da rua".

"Um ano depois, Goiânia ainda vive drama do césio".

"A contaminação passo a passo".

"Saúde diz que só em São Paulo havia fiscalização antes do acidente".

"Vítimas reclamam da assistência que recebem do governo estadual".

E no dia 28 de setembro de 88, um ano depois da descoberta do acidente pelas autoridades sanitárias de Goiânia, o Estado de Minas publicava na pág. 16: "Comissão visita lixo atômico em Goiânia". O Correio do Brasil falava no mesmo assunto: "Comissão vê depósito radioativo em Goiás" (pág. 5). O Correio Braziliense também: "Cemitério atômico é seguro, diz comissão". E a Folha de São Paulo não ficava atrás: "Comissão estuda definição para lixo radioativo".

E no dia 1º de outubro, data em que inicia o arquivamento das notícias sobre o acidente no ano de 87, um ano depois não havia nada a ser arquivado.

Não se pode negar que, vez por outra, alguns jornais voltam à questão do césio-137, em tímidas notícias, mas o assunto não foi esgotado até hoje por nenhum dos jornais que participaram da cobertura em 1987. Não há acompanhamento, não há cobrança para uma solução da questão da vigilância dos aparelhos de radiologia. Não há cobrança dos congressistas sobre a lei que definirá o local permanente do lixo atômico, não apenas o resultante de Goiânia mas todo o lixo produzido nas inúmeras experiências no Centro Experimental de Aramar, ou mesmo o lixo de Angra dos Reis. E, acima de tudo, não há o acompanhamento da vida das vítimas do acidente em Goiânia, que continuam com seus inúmeros problemas não resolvidos, e só são notícia quando vêm a Brasília para se fazerem ouvir pelo Congresso ou pelo Presidente da República.

Essa atitude da imprensa frente a todos estes fatos

ainda não esgotados relacionados ao caso do césio-137 demonstra bem a fórmula industrial de jornalismo, repudiada por James Carey, que decide o que é considerado real, o que pode ser escrito e como pode ser entendido.

A fórmula industrial da notícia também não permitiu que os jornalistas envolvidos no momento jornalístico da cobertura, por mais sensíveis que fossem, pudessem ter "uma busca menos obstinada de informações puramente ferenciais" para dar mais atenção às suas relações com os informantes, como diz a antropóloga Dorinne Kondo ao defender um novo tipo de relacionamento no momento etnográfico.

No processo de escrever a notícia, ignorando que a produção de conhecimento também pode ser cognitiva, o jornalista se apropriou das informações de forma colonialista e as manchetes disseram o que o repórter e os editores quiseram. As emoções e inclinações, expectativas e sentimentos dos informantes, principalmente das vítimas, ficaram fora da cobertura jornalística sobre o acidente com o césio.

Esta forma de apropriação da informação no momento jornalístico pode ser muito bem ilustrada com a história de um filme.

O filme se chama "Perfeição" e John Travolta fazia o papel de um jornalista em busca de um artigo sobre a onda de "culto ao físico" nos Estados Unidos e sua relação com a cultura.

Adam vai de Nova York para a Califórnia tentar entrevistar os treinadores e frequentadores de uma famosa academia de ginástica, onde encontra Jessie, a melhor treinadora de aeróbica. Ela já havia tido, no seu passado de atleta famosa, uma séria decepção por causa de um artigo escrito por um repórter relatando o caso dela com seu treinador.

Jessie não quer lhe dar entrevista, mas não lhe diz o porquê e isso aguça a curiosidade de Adam, que tenta descobrir alguma coisa aproximando-se mais dela. Há um

momento em que ela se fascina pela insistência dele e o convida para fazerem amor. A primeira resposta de Adam é: Não costume ir pra cama com meus assuntos para não perder a objetividade. Só que ele vai.

O jornalista acaba envolvido com seu assunto mais do que pretendia e, cedendo às constantes cobranças de Jessie, escreve um artigo sobre as outras pessoas da academia, deixando-a fora. Jessie não estava preocupada apenas consigo própria, ela também queria evitar que outras pessoas fossem feridas com o que Adam pudesse escrever. E apaga no computador de Adam o que ele já havia escrito sobre os frequentadores da academia, por entender que o artigo iria expor suas vidas.

Para não perdê-la, o jornalista acaba por escrever um artigo menos sensacionalista, de mais profundidade, mas seu editor da "Rolling Stones" não gosta e manda outras pessoas reescreverem o artigo. O resultado é justamente o que Adam e Jessie não queriam. E ela não aceita as desculpas dele.

A essas alturas, o jornalista já estava sendo procurado pelo FBI por causa de umas fitas, que só ele tinha, com uma entrevista que poderia ajudar na acusação de um empresário que teria tentado entrar com computadores na União Soviética.

Quando entrevistou o empresário para escrever o seu artigo, Adam havia lhe prometido segredo sobre as fitas, e mantém sua determinação frente à Corte, indo preso. Com a absolvição do empresário, por falta de provas, Adam também é solto e o filme termina com um beijo dele e Jessie, na saída da prisão, pois ele lhe havia dado a prova de que não era mau caráter como o repórter que ela havia conhecido antes.

Este filme, assim resumido, vem para a CONCLUSÃO deste trabalho porque faz pensar sobre a ética jornalística e

a tão procurada objetividade, que teima em ignorar as pré-compreensões e o distanciamento no momento jornalístico, passando por cima, inclusive, da ética na busca do sensacionalismo.

A cobrança de Jessie, que tenta reescrever Adam à sua própria imagem, no momento da negociação da realidade, vem se somar ao depoimento das vítimas do césio sobre a cobertura jornalística, para uma avaliação final neste trabalho do que está sendo feito pela imprensa, e que se constitui na preocupação de muitos.

No caso examinado da cobertura jornalística do acidente com o césio em Goiânia, ficou claro que, para as vítimas, faltou transparência, faltou verdade, faltou honestidade. Mesmo assim, a equipe de O Globo ganhou o Prêmio Esso pela cobertura do acidente. Se o júri fosse composto pelas vítimas o prêmio não caberia a nenhum jornal, pelo que se pode inferir dos seus depoimentos.

A atitude de Jessie, no imaginário do filme, é a maior sentença com relação à busca frenética do sensacionalismo, que não se importa em ferir pessoas. A palavra das vítimas do césio, é na vida real, a maior sentença no que diz respeito à cobertura da imprensa sobre o acidente.

E não são elas, as vítimas, os que têm acesso a "Los Principios Internacionales de Ética Profesional en el Periodismo" emitidos por ocasião da quarta reunião consultiva de organizações internacionais e regionais de jornalistas ativos, realizada em Praga e Paris, no ano de 1983.

Diz o princípio II, que reza sobre "La Consagración del Periodista a la Realidade Objetiva":

"El deber supremo del periodista es servir la causa del derecho a una información verídica y auténtica mediante una dedicación honesta a la realidad objetiva, mediante una exposición responsable de los hechos en su debido contexto, destacando sus vinculaciones, esenciales y sin causar distorsiones, desplegando debidamente la capacidad

credora del periodista, de forma de ofrecer al público un material adecuado que le permita hacer se una idea precisa y global del mundo y en el origen, la naturaleza y la esencia de los acontecimientos, procesos y situaciones sean presentados con la mayor objetividad posible".

As vítimas do césio testemunham que os Princípios Internacionais da Ética Jornalística foram quebrados. E as comparações com TMI e Chernobyl demonstram que problemas de cobertura em acidentes nucleares não são privilégio de países "em via de desenvolvimento" como o Brasil.

Essas duas questões remetem ao problema dos monopólios da palavra distribuídos pelo mundo e repartidos entre poucas corporações industriais que detêm o controle da informação e da propaganda para influenciar na vida política e defender seus próprios interesses.²⁵

Não é de se estranhar que ainda hoje, no final da década de 80, nossos repórteres e editores da grande imprensa industrial no Brasil ainda pareçam dominados pela censura e repressão "desencadeadas pelo AI-5 em 1968 e pela sofisticação dos processos industriais que introduziram novas formas de controle do repórteres e do redator".²⁶

O AI-5 se foi, mas os controles permanecem nas redações. Além disso, parece impossível aos jornalistas e à mídia escapar das operações dos serviços secretos que, surgidos de uma extensão da coleta de informações secretas militares, intervêm como um governo pardo na política dos países, ajudando ou destruindo políticos, planejando operações de cobertura e até mesmo usando a imprensa para encobrir trabalhos do serviço secreto (Sean Mac Bride, 1986).

25 - Para uma visão mais ampla da questão ver Democracy and the Press de E. A. Cheporov, editado pela Organização Internacional dos Jornalistas, Praga, 1986 e Multina-cionais e Sistemas de Comunicação. Os aparelhos Ideo-lógicos do Imperialismo, trad. de Laymert Garcia dos Santos, SP, 1976, de Armand Mattelart.

26 - Delfim Afonso, 1982; referido por José Luis Braga op. cit. pág. 258.

Fazer notícia é também estar consciente da competição entre os jornais e do crescimento da centralização da coleta de dados como método de obter o máximo de informação possível para o mínimo de investimento possível nas agências de notícias (Gaye Tuchman, 1978). Há também um ritmo no fazer a notícia que depende de tempo e espaço, além da relação com as fontes e da apropriação de informações.

Há também uma representação própria dos jornalistas do que seja o fato, e ela é feita através de uma narrativa que Gaye Tuchman considera intrinsecamente diferente de outras formas. Por exemplo: histórias são escritas no verbo passado e manchetes ou "leads" no presente, com parágrafos curtos, contendo de duas a três sentenças, e estas contêm menos de vinte palavras. Essa técnica própria de contar a história jornalística -- o fato -- a diferencia dos valores de juízo. E são os fatos assim contados que recebem a atenção da escala editorial. As outras histórias, os artigos, os assuntos com juízo de valor não entram nessa escala.

Para fins deste trabalho, passemos a considerar o "momento etnográfico" ou "momento antropológico" como o momento da reportagem, resguardando-se, naturalmente as diferentes características do trabalho etnográfico e do trabalho jornalístico.

Vejamos, por exemplo, as implicações dos conceitos hermenêuticos de distância e pre-compreensão na relação repórter/entrevistado, tomando emprestado de Dorine Kondo o seu entendimento de distância, qual seja, "posição dentro ou fora da cultura", ou ainda, "uma orientação cognitiva, emocional", que não está separada da pré-compreensão.

Se, como diz a antropóloga, os pressupostos que surgem das experiências de um indivíduo particular, de uma sociedade particular, inevitavelmente entram nas suas interpretações, então o repórter, na sua relação com o informante (ou entrevistado) vai interpretar de acordo com a sua

equação pessoal, e vai perguntar também de acordo com ela, mas não só. Também as equações pessoais de seus informantes vão influir na interpretação da pergunta recebida e na formulação da resposta.

Haverá uma negociação da realidade em que ambos, repórter e entrevistado, serão cúmplices, atores e agentes, em relações mutáveis de poder, onde o repórter age e sofre ação. Essas ações sofridas pelo repórter não se restringem apenas às relações com os informantes de distanciamento e pré-compreensão no momento da negociação da realidade.

O repórter sofre ainda pressões do tempo disponível para o encontro jornalístico, que é bem menor que o do etnógrafo no encontro etnográfico. Há também a política editorial do jornal e o espaço maior ou menor que lhe dão para escrever, na primeira ou na última página. E por sofrer essas pressões elas também acabam participando da negociação da realidade com o entrevistado.

No encontro jornalístico o controle de impressões quase nunca é consciente devido à rapidez do mesmo. Ele ocorre na seleção do que o repórter vai dar como notícia e do que o entrevistado quer que ele dê. E quase sempre a "violência simbólica" aparece nesse encontro, com a "apropriação de dados puramente referenciais", ratificando o "colonialismo na informação", que exclui os informantes de elaboração final da reportagem.

As emoções, sentimentos, inclinações, expectativas e imaginação, que podem ser legítimas produtoras de conhecimentos e, portanto, de notícia, acabam também não aparecendo na elaboração do texto da reportagem, que é, quase sempre, a dominação final de quem tem a autoridade da publicação sobre quem deu a informação.

Através de inferências sobre o texto de Dorinne Kon-do, pode-se extrair o conceito de encontro jornalístico, comparativamente ao de encontro etnográfico, pelas

implicações dos conceitos hermenêuticos de distância e pré-compreensão.

O momento jornalístico é assim, aquele em que o repórter e o informante (ou entrevistado) negociam a realidade através de interpretações, que serão desta ou daquela maneira, dependendo da distância e pré-compreensão de quem interpreta.

A distância como "posição dentro ou fora da cultura" e a pré-compreensão são os referenciais básicos da interpretação, e, portanto, do momento jornalístico.

Diz Paul Rabinow²⁷ que "a cultura é interpretação" e que "os fatos antropológicos são 'cross-cultural' porque são feitos de um lado a outro das fronteiras culturais. (...) Eles existem como experiência vivida, mas são transformados em fatos durante o processo de questionamento, observação e experiência, por ambos, o antropólogo e o povo com quem ele está engajado".

Assim sendo, seguindo o pensamento de Rabinow a respeito dos fatos antropológicos, pode-se extrair um conceito de notícia:

Notícia, como produto cultural, é interpretação, derivada da transformação da experiência vivida em fato "cross-cultural", durante o processo de questionamento, observação e experiência de ambos, o repórter e os informantes.

Comunicação vem a ser a negociação em si mesma da realidade, no momento jornalístico ou antropológico, e onde o controle de impressões desempenha papel fundamental.

Foi através da constatação da similaridade dos momentos etnográfico e jornalístico, vivenciada de forma reflexiva entre o trabalho de campo em Goiânia e o texto de uma etnógrafa, que cheguei a esses conceitos.

27 - Reflection on Fieldwork in Morocco - 1977.

Parafraseando a antropóloga, parto do argumento de que a maioria das reportagens, ou mesmo os artigos que emitem opinião nos jornais, são produtos de contextos nos quais o repórter é um visível estranho, que pinta o Outro -- os informantes, os entrevistados -- como seres alienígenas, separados e distintos. O momento jornalístico se dá de forma fria, impessoal, buscando uma objetividade na notícia que teima em ignorar a interpretação, e onde a negociação da realidade e o controle de impressões se passa de forma inconsciente, de tal forma que a consciência crítica nunca está em mira. Assim, os limites e as possibilidades das próprias compreensões e as do informante não são avaliados.

Além disso, se ambos -- repórter e informante -- participam da negociação da realidade, seria mais justo que ambos detivessem o poder de publicação estabelecendo uma nova ordem de comunicação. Uma ordem onde fosse possível uma narrativa interpretativa, reflexiva, e não dependente das estruturas verbais que fazem o atual conceito de notícia. Isso tornaria mais difícil o controle do repórter e do redator, a manipulação do jornalista e da mídia pelos serviços secretos; a subserviência à competição entre os jornais; a dependência ao tempo e espaço; a apropriação colonialista da informação.

Um jornalismo assim poderia ajudar a desenvolver a ética aos jornalistas e, quem sabe, os sonhos roubados de Wagner, Betão, Devair, Ivo, Lurdes, Odesson, Kardec, Luísa Odete, Ernesto, Dalva, Santana, Teresinha, Edson...

Enquanto isso, neste imenso caleidoscópio que se chama vida, onde as imagens se refletem de espelho em espelho, as vítimas do "acidente nuclear mais sério do ocidente" continuarão sendo os pacientes dos médicos: pessoas stressadas, ansiosas e depressivas que não conseguem se readaptar à sociedade, para os psicólogos; pessoas tensas, com medo e sem saber o seu futuro para as enfermeiras; os

"catadores de ferro-velho" para o governo, e para os jornais "os catadores de papel e sucata" ou "os punquistas nucleares".

EPILOGO

Este relato termina em agosto de 1990.

As vítimas do césio vêm a Brasília para o lançamento do filme "Césio 137" de Roberto Pires, no Auditório Nereu Ramos, da Câmara dos Deputados, e entregam aos presentes um manifesto em que tornam pública a situação em que se encontram, três anos depois do acidente. E a situação continua a mesma. Só que agora a Fundação Leide das Neves está ameaçada de fechar por falta de verba. As seis famílias que perderam suas casas ainda não receberam a escritura dos imóveis que estão habitando. A vontade de voltar ao trabalho continua, mas não conseguem.

As vítimas voltaram para Goiânia sem nenhuma resposta do governo federal a estas e outras reivindicações. Mas, no final do mês, a vice-presidente da Associação das Vítimas do Césio-137, Teresa Nunes Fabiano, conseguiu realizar um sonho: levar ao presidente Fernando Collor, pessoalmente, as queixas e necessidades de todos. Emocionada, levando pela mão a filha Natasha já com três anos, Terezinha desceu a rampa do Palácio do Planalto junto com o presidente. Em frente, 90 das vítimas aplaudiam com faixas e cartazes que diziam: "SOS Vítimas do Césio. Ainda estamos vivos".

BIBLIOGRAFIA

- "Acidente Radioativo de Goiânia - Um Ano Depois, Programa de Monitoramento Ambiental, Dossiê" - Superintendência Estadual do Meio Ambiente de Goiás. Goiânia, setembro de 1988.
- "Acidente Radioativo/Dossiê". Fundação Leide das Neves Ferreira, Goiânia, novembro de 1987.
- "Acidente Radioativo de Goiânia". Relatório Atividades. Julho 88. Fundação Leide das Neves Ferreira.
- "Acidente Radioativo de Goiânia Um Ano Depois. Relatório de Atividades". Fundação Leide das Neves Ferreira. Setembro de 1988.
- "ASSEC Critica CNEN". Autos de Goiânia. Suplem. vol. 7 nº 40, Revista Ciência Hoje, março de 1988.
- "A Epopéia do Urânio". Revista Isto É. 13.04.1988.
- Braga, José Luis - "O Pasquim, Hebdo d'Humour Brésilien" - tese de doutorado apresentada na Univ. de Paris II, Paris, 1984.
- Bueno, Wilson Costa - "Jornalismo Científico no Brasil. Os compromissos de uma Prática Dependente". Tese de doutoramento, Escola de Comunicação e Arte da USP, São Paulo, 1984.
- "Caminhos e Descaminhos da Energia Nuclear". Revista Ciência Hoje, vol. 2 nº 8, setembro/outubro de 1983.

- Carey, James - "The Problem of Journalism History". in Jo. History, vol. 1, nº 1, Spring 1974, p. 3.
- Carey, James - "Communication in Transition. Issues X Debates in Current Research". Ed. Mary S. Mander. Praeger, 1983. N.Y.
- Carvalho, Joaquim Francisco - "Lixo Atômico, O que Fazer?" - Revista Ciência Hoje, maio/junho de 1984, vol. 2, nº 12, pp. 19-24.
- Cheporov, E. A. - "Democracy and the Press". International Organization of Journalists, Prague, 1986.
- Christians, Clifford e Carey, James - "The Logic and Aims of Qualitative Research" in Stempel/Westley, "Research Methods in Mass Communication", Editors/Printing - Hall, Inc., 1981, (tradução port. preliminar, de caráter interno, feita por professores do curso de Comunicação da UnB).
- Eco, Humberto - "Como se Faz uma Tese". Editora Perspectiva. Coleção Estudos, São Paulo, 2ª ed. 1985, (trad. port. Gilson Cesar Cardoso e Souza).
- Fabian, Johannes - "Language, History and Anthropology". Journal of the Philosophy of the Social Sciences, 1971, 1: 19-47, referido por Ruby, Jay e Myerhoff, Barbara op. cit.
- Feld, Steven - "Sound and Sentiment. Birds, Weeping, Poetics and Song in Kaluli Expression". University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 1982.

- Gabeira, Fernando - "Goiânia, Rua 57. O Nuclear na Terra do Sol". Edições Guanabara, Rio de Janeiro, 1987.
- Gadamer, Hans-George - "Truth and Method". Cross Road, New York, 1982, referido por Kondo, Dorinne op. cit.
- Geertz, Clifford - "The Interpretation of Cultures". Basic Books, New York, 1973, referido por Feld, Steven op. cit.
- Hymes, Dell - "Foundations in Sociolinguistics: An Ethnographic Approach". Univ. of Pennsylvania Press, Philadelphia, 1974, referido por Feld, Steven op. cit.
- Kluckhohn, Clyde - "Mirror for Man, The Relation of Anthropology to Modern Life". Whittlesey House, a Division of the McGraw-Hill Book Company, inc., 3ª edição, New York, 1949.
- Kondo, Dorinne K. - "Dissolution and Reconstitution of Self: Implications for Anthropological Epistemology". "Cultural Anthropology", vol. 1, pp. 74-87, 1986.
- Lévi-Strauss, Claude - "The Savage Mind". univ. of Chicago 1966. Referido por Feld, Steven op. cit.
- Lima, Venício Artur de - "Repensando a(s) Teoria(s) da Comunicação: Notas para um Debate, in Mello, José Marques," Pesquisa em Comunicação na América Latina, Tendências e Perspectivas". Intercom, São Paulo, 1983.
- "Los Principios Internacionales de Ética Profesional en el Periodismo". Organización Internacional de Periodistas, Videopress, 1986.

MacBride, Sean. Foreword in "New International Information and Communication Order". International Organization of Journalists, Prague 1986.

"Manifesto da Sociedade Brasileira de Física Sobre o Acidente de Goiânia". Boletim Informativo da Soc. Bras. de Física. Março 1988. pp. 55-58.

Mattelart, Armand - "Multinacionais e Sistemas de Comunicação. Os Aparelhos Ideológicos do Imperialismo". (trad. port. Laymert Garcia dos Santos. Liv. Editora Ciências Humanas Ltda. São Paulo, 1976).

Motta, Luis Gonzaga - "Ideological Control and Newsroom Decision Making: an Analysis of Brazilian Editor's News Selection" - tese de doutoramento, univ. of Wisconsin, Madison, 1977.

Petterson, John - "Enduring Socioeconomic Impact: A Report on the Follow-up Study of the Radiological Accident in Goiânia, Brazil". Impact Assessment, Inc. La Jolla, California, 1988.

Pinto, Fernando - "A Menina que Comeu Césio". Ideal. Brasília, 1987.

Platão - "Diálogos III. A República". (trad. port. Leonel Vallandro. Biblioteca dos Séculos, Ed. Globo, Porto Alegre, 1964).

Rabinow, Paul - "Reflections on Fieldwork in Marocco", univ. of California Press. Berkeley, 1977.

Ramos, Murilo Cesar Oliveira - "News, Class and Ideology.

A Study of Labor Coverage in Two Brazilian Elite Newspapers" - tese de doutoramento / Faculty of the Graduate School University of Missouri, Columbia. 1982.

"Relatório do Acidente Radiológico de Goiânia" - apresentado por Rex Nazareth Alves, Presidente da CNEN, à Comissão Parlamentar de Inquérito no Senado Federal.

Ricoeur, Paul - "Interpretação e Ideologias". org., trad. port. Hilton Japiassu, Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1983.

Rubin, David M. - "How the News Media Reported on Three Mile Island and Chernobyl" - "Journal of Communication", Summer 1987, vol. 3, nº 3, pág. 42.

Ruby, Jay e Myerhoff, Barbara in "A Crack in the Mirror". Introdução. University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 1982.

Ruby, Jay in "A Crack in the Mirror", prefácio. University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 1982.

Tuchman, Gaye - "Making News, A Study in the Construction of Reality". The Free Press, New York, 1978.

Ward, John William - "Red, White and Blue". Oxford Univ. Press, New York, referido por Carey, James op. cit.

Wolfe, Tom e Johnson, E. W. Introdução in "The New Journalism". Ed. Tom Wolfe. New York: Harper and Row, 1973. Referido por Ruby, Jay e Myerhoff, Barbara op. cit.

ANEXO 1

FOCOS PRINCIPAIS DE CONTAMINAÇÃO

FOCO	ENDEREÇO	OCORRÊNCIA
CASA DO ROBERTO	Rua 57, Casa 68 SETOR CENTRAL	Manipulação da peça contendo a fonte e violação de seu encapsulamento.
FERRO VELHO I (casa do Devair)	Rua 26-A, Quadra 7, lote 30 SETOR AEROPORTO	Manipulação da peça e distribuição de fragmentos e pó da fonte.
CASA DA FOSSA (casa do Edson Fabiano)	Rua 17-A, Quadra 70, lote 26-B SETOR AEROPORTO	Fragmento da fonte cedido por Devair ao Edson que o levou para sua casa. Fragmento retido na fossa.
FERRO VELHO II (casa do Ivo)	Rua 6, Quadra Q, lote 18 SETOR NORTE FERRO-VIÁRIO	Fragmento da fonte cedido por Devair ao seu irmão Ivo que levou para sua casa e o dispersou sobre pessoas e locais.
FERRO VELHO III	Rua P-19, Quadra 92, lote 4 SETOR FUNCIONÁRIOS	Recepção da fonte, vinda do Ferro Velho I. Recepção de peças metálicas contaminadas. Disseminação da contaminação.
VIGILÂNCIA SANITÁRIA	rua 16-A, nº 792 SETOR CENTRAL	Local onde foi depositada a peça com parte da fonte
CASA DO OVÍDIO	Rua 63, casa 179, fundos SETOR CENTRAL	Local onde foram guardadas ferramentas usadas na manipulação da peça e violação da fonte.
COPEL	Rua Diamante, nº 21 SETOR SANTA GENOVEVA	Recepção de papéis contaminados (local parcialmente isolado).

*Fonte: Relatório da CNEN apresentado à Comissão Parlamentar de Inquérito do Senado, sobre o acidente radiológico de Goiânia.

ANEXO 2

RESIDENCIAS

- 01) Rua Nevada, Quadra 25, lote 8
Jardim Veneza - Aparecida de Goiânia.
- 02) Rua Sapucaia, Quadra 43, lote 9
Setor Conde dos Arcos - Aparecida de Goiânia.
- 03) Rua 18, Quadra 40, lote 38
Bairro Independência - Aparecida de Goiânia.
- 04) Rua 3, Quadra 6, lote 7
Bairro JK - Setor Oeste - Anápolis
- 05) Rua 3, Quadra 6, lote 8 - fundos
Bairro JK - Setor Oeste - Anápolis
- 06) Rua 3, Quadra 6, lote 6
Bairro JK - Setor Oeste - Anápolis.
- 07) Rua Estrada de Ferro, 26 - lote 3
Bairro JK - Setor Oeste - Anápolis
- 08) Rua Estrada de Ferro, Quadra 6, lote 4
Bairro JK - Setor Oeste - Anápolis
- 09) Rua 3 sem nº
Vila Heitor - Inhumas
- 10) Rua (sem nome)
Vila Heitor - Inhumas
- 11) Rua 17-A, Quadra 70-A, lote 26-B (A)
Setor Aeroporto - Goiânia
- 12) Rua 17-A, Quadra 70-A, lote 26-B - fundos (B)
Setor Aeroporto - Goiânia
- 13) Rua 17-A, Quadra 70-A, lote 26-B - fundos (C)
Setor Aeroporto - Goiânia
- 14) Rua 7-A, Quadra 2, lote 6 (A)
Setor Marechal Rondon - Goiânia

* Fonte: ibidem

- 15) Rua 7-A, Quadra 2, lote 6 (B)
Setor Marechal Rondon - Goiânia
- 16) Rua 7-A, Quadra 2, lote 6 (C)
Setor marechal Rondon - Goiânia
- 17) Rua 7-A, Quadra 2, lote 6 (D)
Setor Marechal Rondon - Goiânia
- 18) Rua 69-A, nº 125, Quadra 160
Setor Norte Ferroviário - Goiânia
- 19) Rua 8, nº 38
Setor Norte Ferroviário - Goiânia
- 20) Rua JL 8, Quadra L6, lote 24
Jardim Lageado - Goiânia
- 21) Rua 57, nº 58 - frente
Setor Aeroporto - Goiânia
- 22) Rua 57, nº 58 - fundos (A)
Setor Aeroporto - Goiânia
- 23) Rua 57, nº 58 - fundos (B)
Setor Aeroporto - Goiânia
- 24) Rua 57, nº 58 - fundos (C)
Setor Aeroporto - Goiânia
- 25) Rua 57, nº 80 - frente
Setor Aeroporto - Goiânia
- 26) Rua 57, nº 80 - fundos
Setor Aeroporto - Goiânia
- 27) Rua 57, nº 92 - fundos (A)
Setor Aeroporto - Goiânia
- 28) Rua 57, nº 92 - fundos (B)
Setor Aeroporto - Goiânia
- 29) Rua 57, nº 104
Setor Aeroporto - Goiânia
- 30) Rua 59, nº 115 - fundos
Setor Aeroporto - Goiânia
- 31) Rua 59, nº 125
Setor Aeroporto - Goiânia

- 32) Rua 63, nº 179
Setor Aeroporto - Goiânia
- 33) Rua 63, nº 187
Setor Aeroporto - Goiânia
- 34) Rua 1057, Quadra 125, lote 7, nº 92
Setor Pedro Ludovico - Goiânia
- 35) Rua C, nº 159, Quadra 278, lote 2
Jardim América - Goiânia
- 36) Rua 11 sem número
Vila São Pedro Guapó - Goiânia
- 37) Rua H, lote 16, casa II, Quadra 43
Vila Santa Helena - Goiânia
- 38) Rua H, lote 10, Quadra 43
Vila Santa Helena - Goiânia
- 39) Rua 6, lote 19, Quadra Q, casa I
Setor Norte Ferroviário - Goiânia
- 40) Rua 6, lote 19, Quadra Q, casa II
Setor Norte Ferroviário - Goiânia
- 41) Rua 6, lote 19, Quadra Q, casa III
Setor Norte Ferroviário - Goiânia
- 42) Rua 6, lote 19, Quadra Q, casa IV
Setor Norte Ferroviário - Goiânia
- 43) Rua 57, nº 8, aptº 13 - Setor Aeroporto
- 44) Rua 68, nº 724, aptº 802
- 45) Rua 57, casa 121 - Setor Central - Goiânia
Lab. Bio-Análises e Contador de Corpo Inteiro.
- 46) Rua 57 - Casa L 58, Refeitório CNEN.

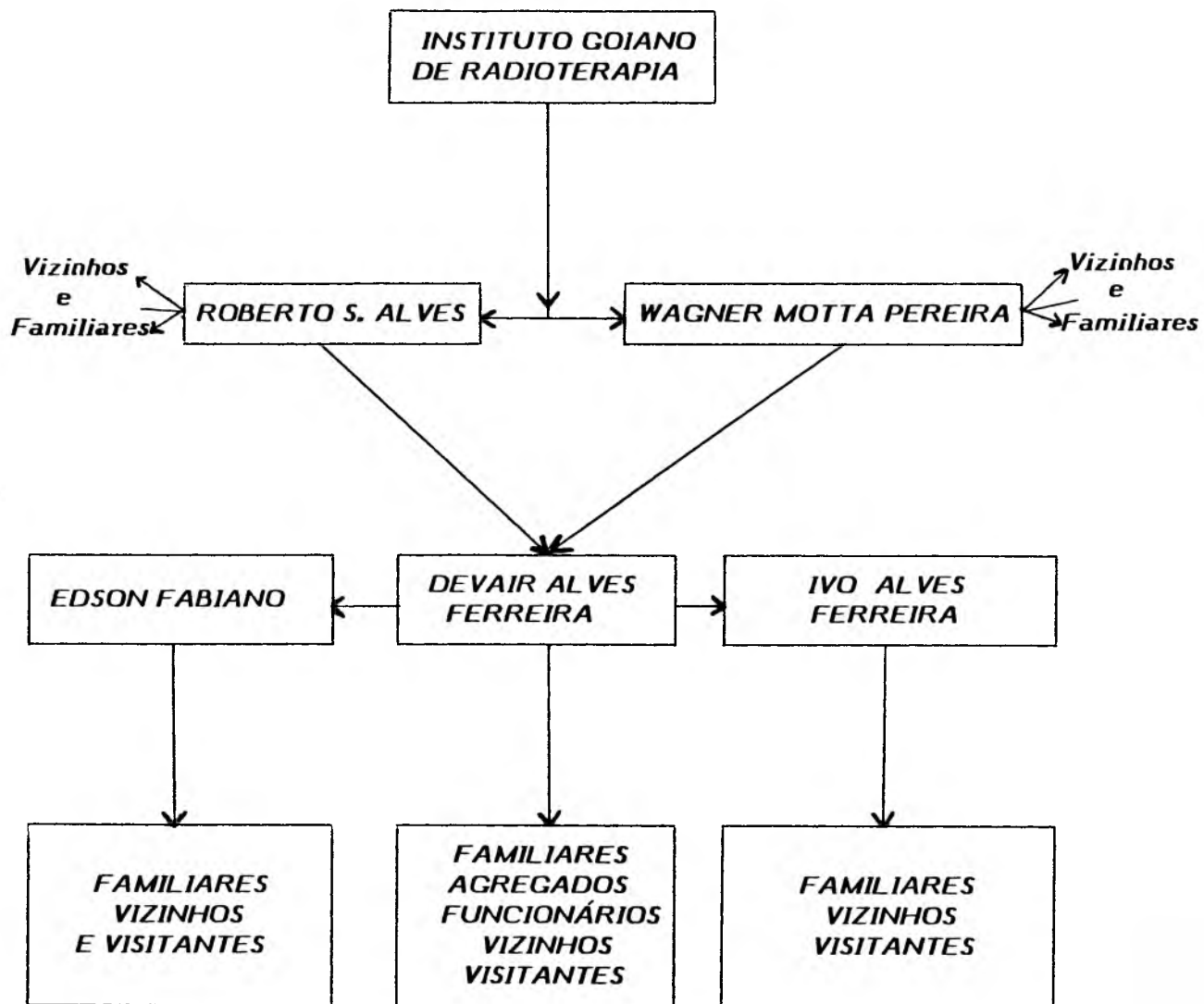
ANEXO 3

LOGRADOUROS

- 01) Rua Goiás, nº 1621 - Setor Central
- 02) Av. Anhangüera, 5680 e 5674 (calçada)
- 03) Av. Santos Dumont (em frente ao Hospital Adauto Botelho)
- 04) Av. Santos Dumont, nº 1672 (em frente à firma AGROMAG)
- 05) Av. Santos Dumont, nº 1661 (em frente à firma PLAMAC)
- 06) Av. Santos Dumont (em frente ao Regimento de Polícia Montada)
- 07) Av. Santos Dumont (vários focos até a Carreta Paulista)
- 08) Av. Anhangüera, nº 8717 (firma de papel)
- 09) Rua 5 (esquina com Benjamin Constant), nº 630 - Vila Abazar
- 10) Rua 15A, esquina com rua 26 - Setor Aeroporto
- 11) Rua Independência com rua 72
- 12) Av. Goiás com rua 55
- 13) Rua 5 - Setor Aeroporto
- 14) Rua 15A, nº 218 - Setor Aeroporto
- 15) Av. T2, nº 1234 - Setor Bueno
- 16) Av. Independência, 5293 - Setor Aeroporto
- 17) Av. 26A, nº 219 - Setor Aeroporto
- 18) Av. Capim Puba, Q. Industrial, lote 8 - Setor Marechal Rondon
- 19) Rua 5, nº 75 - ferro velho
- 20) Rua 300, nº 154, Quadra 160, lote 2161 - Setor Norte Ferroviário
- 21) Rua 59 - Colégio 5 de Julho
- 22) Estádio Olímpico
- 23) Calçada na P. 19 (ferro velho III)
- 24) Calçada na P. 19, esquina c/ 24

* Fonte: *ibidem*.

- 25) Av. Independência c/ 19 - Calçada, ponto de ônibus
- 26) Av. Goiás - Calçada em frente ao MINIBOX
- 27) Av. Goiás (junto ao meio fio) vizinho ao MINIBOX
- 28) Av. Oeste, 783, esquina da rua 26A - parte da calçada
- 29) Av. Oeste, nº 775
- 30) Av. Oeste, nº 763
- 31) Av. Oeste, nº 739
- 32) Av. Oeste, nº 722
- 33) Av. Oeste, nº 660
- 34) Rua 17A - em frente ao nº 792
- 35) Rua 26-A (oficina do Zico)
- 36) Rua 74, esquina da rua 61
- 37) Av. Independência, 5 pontos na calçada em frente ao nº 4467
- 38) Av. Independência - 2 pontos do meio fio
- 39) Av. Oeste esquina com a rua 26-A
- 40) Av. Goiás, 1621 - registro perto da academia Musculação antes de cimentar e perto da Casa Tapete Estilo
- 41) Av. Oeste, 783 esquina da rua 26-A - muro de residência
- 42) Alameda dos Buritis, em frente à Assembléia Legislativa
- 43) Rua 6 - Setor Norte Ferroviário
- 44) Rua 57 entre Rua 80 e Mercado Municipal
- 45) Rua 26-A entre Av. Oeste e rua 15A.



TRAJETO DO CÉSIO

ANEXO 4

ANEXO 5

As notícias dos jornais e revistas, selecionadas para servirem de espelho, foram:

A) Títulos e sub-títulos das notícias de 1987:

- 16 set. - Revista Isto É, páginas 72/73 - Entrevista: Rex Nazareth Alves "Caso de Soberania. Pai do programa nuclear não quer proibição da bomba".
- 02 out. - a) O Globo, pag. 07 - "População enfrenta filas em estádio para medir índice de contaminação".
b) O Estado de São Paulo, pág. 01 - "O acidente em Goiânia: pior só o de Chernobyl".
c) O Estado de São Paulo, pág. 10 - "Preocupação e medo na cidade". "Radiação: só Chernobyl supera Goiânia".
- 03 out. - Folha de São Paulo, pág. 09 - "Moradores deixam área atingida pela radiação".
- 04 out. - O Estado de São Paulo, pág. 22 - "Incidência de câncer deverá crescer muito".
- 05 out. - Estado de Minas, pág. 05 - "Membro da Sociedade Brasileira de Meio Ambiente desabafa -- Estamos desprotegidos!"
- 06 out. - a) Jornal do Brasil, pág. 04 - "Secretaria divulga lista de 24 internados".
b) O Estado de São Paulo, pág. 01 - "Brasil pede ajuda para as vítimas da radiação".
c) Correio Braziliense, pág. 14 - "Parentes não aceitam vítimas" "Rejeito tem para onde ir".
- 07 out. - a) Tribuna da Imprensa, pág. 03 - "CNEN ainda não sabe onde enterra corpos. Caixões

serão blindados e concretados". "Cinco vítimas da radiação do césio-137 podem morrer hoje".

b) Correio Braziliense, pág. 02 - Ruy Fabiano: "Punguistas nucleares". pág. 12 "Síndrome do medo já ataca até as crianças". "Gabeira. E se fosse Angra?"

c) Revista Veja, pág. 30 - "Radiação. Brilho perigoso. Acidente com césio alarma Goiânia".

08 out. - Gazeta Mercantil, pág. 14 - "Radiação Goiânia. Polícia Federal ouve hoje depoimento do primeiro contaminado".

09 out. - a) Jornal do Brasil, pág. 07 - "Os párias de Goiânia". "Medo de radiação isola moradores da área atingida". "Culpados têm de indenizar".

b) Jornal de Brasília, pág. 09 - "Explicações dos técnicos não tranquilizam povo de Goiânia". "Mais um foco, em Vila Moraes".

c) O Globo, pág. 09 - "Falta chumbo para fazer os caixões". "Presença das vítimas altera a vida do Marcílio Dias e de seus vizinhos". "Donos da clínica acusados do acidente radioativo dizem que não têm culpa".

10 out. - a) Jornal do Brasil, pág. 07 - "Sarney manda prender quem causou acidente nuclear". "CNEN não vê motivo de pânico em Goiânia". "Tapajós nasce na Serra que receberá lixo atômico". "Geólogo condena a escolha que preocupa a FUNAI".

b) Estado de Minas, pág. 05 - "Sarney fala sobre o acidente de Goiânia e defende a CNEN". "Lixo atômico na Serra do Cachimbo".

- c) Tribuna da Imprensa, pág. 03 - "Rex Nazareth afirma que Clube Atômico quer boicotar Brasil, CNEN acha que há exploração do caso césio". "Sarney autoriza remoção do lixo nuclear".
- 11 out. - a) Estado de São Paulo, pág. 19 - "Medo, uma rotina agora na cidade".
b) Estado de Minas, pág. 03 - "Leide ingeriu o césio com um pedaço de pão".
- 12 out. - a) Correio Braziliense, pág. 02 - "Goianobyl é uma lição".
b) Folha de São Paulo, pág. 13 - "Médicos dizem que os sobreviventes do césio-137 ficarão incapacitados". "Desativação da bomba não foi comunicada".
c) Tribuna da Imprensa, pág. 03 - "Polícia Federal interroga técnicos".
d) Correio Braziliense, pág. 09 - "Cidade volta à normalidade". "Cão pode ir para Alemanha". "Santillo: Tudo sob controle".
e) O Globo, pág. 05 - "Círio vira protesto contra lixo nuclear. Hélio Gueiros quer respeito ao Pará".
- 13 out. - a) Folha de São Paulo, pág. 12 - "Entidades Defendem Médicos de Goiânia".
b) Correio do Brasil, pág. 08 - "Goiânia teve mais grave acidente do mundo". "Santillo vê prejuízo do Estado". "Indenizações vão começar". "Monumento da Radiação".
c) Estado de Minas, pág. 05 - "Governo de Goiás desapropria local do acidente radioativo". "Punição para funcionários da CNEN".
d) Tribuna da Imprensa, pág. 03 - "Goiânia

começa a se livrar da radiação gradativamente". "Pará continua repudiando lixo atômico". "Estado das vítimas ainda é gravíssimo".

c) Revista Afinal, pág. 73 - "Absurda incompetência. O trágico acidente de Goiânia põe a CNEN numa criminosa cadeia de despreparo e negligência".

. 24 out. - a) O Globo, pág. 09 - "Nem especialista americanos sabem como sepultar as vítimas do césio-137". "Legistas paulistas farão a necropsia". "Mortes levam apreensão a pacientes de Goiânia".

b) Correio Braziliense, pág. 12 - "Morrem 2 vítimas da radiação. Comoção em Goiânia. Prefeito suspende festa de aniversário". "O brilho era muito bonito".

c) O Estado de São Paulo, pág. 12 - "Em Goiânia, a dor da família".

d) O Globo, pág. 08 - "De mão em mão a Radiação do Pó Luminoso achado no lixo atingiu mais de 200 pessoas". "Mais que roubo, acidente nuclear de Goiânia é uma demonstração de negligência geral". "A justiça não descobriu o aparelho e a CNEN e o Governo de Goiás não o fiscalizavam há dez anos".

B) Títulos e sub-títulos das notícias selecionadas de 1988

23 abr. - Folha de São Paulo, pág. 17 - "UNICAMP vai construir laboratório para estudar radiação". pág. 26 - "IPEN desenvolve tecnologia de flúor para enriquecer urânio".

29 abr. - Estado de Minas, pág. 05 - "Termina em 15 dias o inquérito sobre césio".

- 22 maio - Correio Braziliense, pág. 20 - "Césio deixa sete bombeiros impotentes. Oito meses depois, acidente radioativo de Goiânia causa sequelas à população".
- 04 jun. - a) Revista Isto É, págs. 70, 71, 72 e 73 - "Sequelas do Acidente".
b) O Globo, pág. 15 - "contaminados já estão ficando cegos".
- 02 maio - Gazeta Mercantil, pág. 17 - "Césio. Relatório sobre Goiânia".
- 12 maio - Estado de Minas, pág. 14 - "Poluição ambiental em Goiânia".
- 29 maio - Jornal do Brasil, pág. 14 - "Acidente com césio-137 só mudou vida das vítimas". "Destino do lixo divide cientistas". "Deficiência da fiscalização continua".

ANEXO 6

1. EDSON, SANTANA, TERESA E JUANITA

PERGUNTA — O que você sentiu olhando essas notícias aqui?

SANTANA — Eu sei que é uma coisa que o perigo não acabou. E quanto mais eu leio essas notícias, parece que... Eu quero ter aquela fé em Deus que nada pode abalar, nada pode abater. Na minha família todos foram altamente contaminados, tivemos queimaduras, e graças a Deus tá tudo bem. Eu confio em Deus. Eu não quero ler isso aí porque isso daí vai fazer, não que eu perca a fé, mas tem momentos que você pensa que vai morrer alguém, que vai ter câncer, aí eu vou ver isso aí e eu não quero, só confiar em Deus.

PERGUNTA — Antes de acontecer o acidente o que você esperava da vida?

SANTANA — Eu trabalhava, ganhava o meu dinheiro. Meu marido também trabalhava, ganhava, a gente sustentava a família na maior tranqüilidade. Sobrava um dinheirinho pra viajar, fazer churrasco quase todo final de semana, em casa. A gente não pensava em guardar dinheiro não. Tudo que a gente precisava comprar a gente comprava à prestação. Tudo que uma dona de casa tem de conforto eu tinha na minha casa. Eu pensava no futuro dos filhos, ia juntar o dinheiro pra eles fazerem o ginásio no Colégio Agostiniano, mas tudo foi... parece que foi só um sonho mesmo.

PERGUNTA — Você acredita que, com o que aconteceu, esses sonhos lhe foram roubados?

SANTANA (chorando ao responder) — Foram tirados. Tudo o que a gente tinha foi tirado assim, de uma maneira tão brusca... Então eu não tenho nem vontade de trabalhar mais. Eu era costureira. Não precisava de estar levando meus filhos ao médico. Graças a Deus era todo mundo sadio.

Hoje têm que estar indo ao médico sempre, isso pra mim... apesar de nenhum deles estar com anemia. E o médico falou que a primeira coisa que podia aparecer é a anemia. Mas a coisa desestruturou de uma maneira que a gente não consegue mais fazer nada. Agora a gente só vive em função disso.

PERGUNTA — O que você acha do que os jornalistas escreveram aqui nestas notícias?

SANTANA — Tem muita mentira, mas tem muita verdade também. Acho que os jornalistas fizeram um bom trabalho sim. O que seria de nós sem os jornalistas? Mesmo não sendo verdade muitas coisas que eles publicaram, que eles falaram, sem a ajuda deles acho que teria morrido todo mundo, porque aí ninguém ia ficar sabendo. Ia ficar abafado, eles não iam dar assistência nenhuma. Deram uma assistência precária, mas deram. Se não fossem os jornalistas, isso tinha ficado abafado, e ninguém tinha tomado providência nenhuma. Disso pode ter certeza.

EDSON — No meu ver a imprensa divulgou uma coisa que não era aquilo que eles pensavam. De fato, é perigoso o césio, mas não igual ao que a imprensa publicou - "Goiânia está toda contaminada". Aí que apavorou a população. É energia nuclear, é perigoso, mas, se ali está contaminado, ali você não vai, não é mesmo? Um pouquinho foi a imprensa que fez.

A leitura de outra notícia estimula-o a falar do hospital.

EDSON — No HDT eu achei um erro muito grave: deixarem a gente descalço. A Leide estava irradiando, Devair, Kardec, Maria Luisa, Wagner... depois, no Hospital do Inamps, ficamos três dias descalços ali.

SANTANA — Eles já estavam com a defesa baixa e lá dá todo tipo de doença no HDT. É lepra, meningite...

EDSON — Tinha até paciente com Aids lá. Tudo quanto é doença contagiosa tinha.

SANTANA — Eu acho um absurdo. Eu fui lá, e não calei. Falei muita coisa. Porque nós fomos vítimas inocentes. Ninguém aqui roubou nem comprou o que era roubado.

PERGUNTA — A senhora acha que foi um roubo?

SANTANA — Eu acho. Porque eu só pego aquilo que eu trabalho e compro com meu dinheiro.

PERGUNTA — Você acha que eles tinham necessidade de pegar essa peça?

EDSON — Eles eram tudo forte e sadio. Não precisavam não. Eles faziam era biscatinho, né? Cata um negócio daqui, cata outro dali. Vivendo a vida deles, né? Então decerto ele foi lá, entrou naquele buracão, não tinha aviso, não tinha porta, pra mim estava abandonado. Mas, que seja, que esteja abandonado, tem dono. Eles não deviam mexer. Agora eu não culpo, falar que foi roubo... Eu acho que ali os culpados são os médicos e o governo, do Íris Rezende, que na época desativou o hospital.

SANTANA — Um homem que eu não consigo entender foi Devair. O irmão dele descobriu que era radioativo, o Ivo, no sábado de manhã. Falou pra ele e ele proibiu o Ivo de tocar no assunto. Um rapaz falou pra ele que era urânio radioativo, porque na casa dele todo mundo começou a passar mal. O rapaz era médico, estudou. E o Devair não deixou tomar providência nenhuma.

PERGUNTA — Você chegou a ir a casa de Devair enquanto ele estava com a pedra?

SANTANA — Fui, eu peguei na peça, parecia uma panela cheia de cimento. Não tinha brilho, foi de dia. No outro dia amanheci com dor de cabeça, e todo mundo aqui com diarreia e um calor demais na pele.

PERGUNTA — Por que você acha que ele se sentiu atraído pela pedra?

SANTANA — O interesse dele era no metal, que ele queria vender. Eles tiraram o pó por um buraco da peça, do tamanho de uma xícara grande. Ali a gente tocou os dedos. Eu pensava que eu ia perder esses dedos aqui. E a Maria já não teve queimadura, mas ela recebeu muita radiação. Ela já tinha problema de anemia profunda, e isso foi agravando. O Edson levou o pó pra dentro de casa foi no dia 24. Então aquele pó azul fosforescente correu na minha casa do dia 24 à noite, uma quinta-feira, até a terça-feira quando a casa foi interditada às sete horas da noite. O Édson passou na barriga, tomou banho com a bucha que todos nós tomávamos. Eu varri a casa e espalhei o pó com a vassoura. Então a minha família foi muito contaminada. A gente só não foi mais contaminada por causa do tipo de alimentação que a gente tinha. Era comida muito forte, todo mundo se alimentava muito bem, graças a Deus. Então os médicos acreditam que foi isso que salvou a gente.

A notícia era: "Médicos dizem que os sobreviventes do césio-137 ficarão incapacitados.

ÉDSON (em tom de indignação) — Está todo mundo bom aí! Eu estou bom! Incapacitado em quê? Porque ninguém sabe o futuro da gente como é que vai ser! Se eles soubessem alguma coisa, então tinham que dizer: olha, tal dia você vai ficar assim e assim. Eu não acredito nisso aqui que estão falando não! Porque eu não vou ficar incapacitado não! Se Deus quiser, não!

PERGUNTA — Você pretende voltar a trabalhar ou não?

EDSON — Na minha profissão não posso, porque eu mexia com pintura, que é produto químico, né?

PERGUNTA — Santana, o que você acha que o governo devia fazer pra que não aconteça isso de novo com ninguém mais?

SANTANA — Em vez de ele ficar gastando tanto dinheiro com asfalto, ou com guardas pra ficar vigiando coisas sem nenhum significado, devia montar guarda em todos os hospitais, em todo lugar onde existe este aparelho radioativo. Acho que seria um dinheiro muito bem aproveitado. Se eles tivessem feito isso, colocado dois guardas lá naquele local, isso não teria acontecido. O governo paga muitas pessoas pra ficar à toa, sem necessidade.

PERGUNTA — Você sabe que tem usina nuclear no Brasil?

SANTANA — Nossa Senhora, eu morro de medo daquilo ali. Tem Angra I e Angra II no Rio. Eu pensava; Meu Deus do céu! Se acontecer um acidente lá, até aqui vai ficar todo mundo enrolado. Agora... onde veio parar produto de energia nuclear - dentro da minha casa, né? Aqui que é tão longe! Ninguém nunca podia imaginar uma coisa dessas. Quando aconteceu aquele acidente de Chernobyl, eu fiquei desesperada, chorava de dó daquelas pessoas. Pensava: meu Deus, como é que pode tanta maldade no mundo, sem necessidade! Com tanta energia elétrica, com tantos recursos pra isso, pra que energia nuclear? É uma coisa tão perigosa, uma coisa que contamina, mata, vai matando aos poucos, deixa as pessoas sofrendo.

Edson me mostra umas fotos dele com aquelas roupas especiais com que foram vistos os que embarcaram para o Rio, de avião. As fotos tinham sido mandadas por um jornalista de Brasília.

EDSON — Isso aqui que eu acho que foi discriminação. Porque lá dentro do hospital a gente conversava com os médicos e eles com a gente, sem proteção nenhuma. Então por que pra viajar pra uma cidade mais avançada que Goiânia tinha que vestir isso daí? Eu nem transmitia mais contaminação! A contaminação minha estava mas tudo interna.

PERGUNTA — Eles botaram essa roupa em vocês só na hora de embarcar no avião?

EDSON — Foi. Pra mim a maior discriminação foi dentro desse hospital aí (o do Inamps em Goiânia).

PERGUNTA — Mas, discriminou por que?

EDSON — Por causa da roupa.

PERGUNTA — Aí os outros ficavam pensando o quê?

SANTANA — Pensavam que eles realmente estavam contaminando todo mundo que chegasse perto. Fizeram até uma barreira de polícia prá ninguém chegar perto deles.

EDSON — E, no dia que a gente voltou do Rio pra Goiânia, tinha uma física lá que falou pra mim: "Quando você chegar lá, pode botar as luvas a máscara e o boné." Aí o físico Carlos Eduardo Nogueira chegou dentro do avião e falou: "Vocês podem tirar isso aí, que vc ês não têm nada de contaminação!" Quer dizer, do jeito que nós saímos, eles queriam que a gente voltasse. Mas o físico, que é um grande amigo nosso, não deixou. Daí que nós não usamos e voltamos de jaleco verde e calça verde. Lá no hospital, os médicos tratavam a gente sem máscara.

SANTANA — Quando levaram eles pro Rio, eu não quis mostrar a minha queimadura que estava enorme, pra não deixar os meus filhos. Eles estavam levando todos que tinham lesão.

EDSON (reagindo a "Goianobyl é uma lição") — Acho que, com um acidente desses, o governo vai se precaver mais com a fiscalização desses laboratórios. Isso aqui foi um exemplo. Porque diz que tem muita cápsula de césio por esses hospitais aí.

EDSON (em relação a "Contaminados já estão ficando cegos") — Eu perguntei pra doutora Rosana. Ela falou que o negócio da radiação não afetou nada a visão da gente. O Ernesto tem problema da vista, mas não foi da contaminação não.

SANTANA — Até hoje os meus três filhos estão com olheiras em volta do olho, tudo roxo. Eu falei para os médicos que tinham se batido, que era pra eles não irem pro hospital do Inamps.

PERGUNTA — até a metade da próxima década o governo vai gastar quarenta milhões de dólares anuais no projeto paralelo de energia nuclear, que está enriquecendo o urânio pra fazer submarino atômico...

EDSON — Por que que eles gastam nisso? Por que não distribuem pros pobres?

SANTANA — Distribuir pros pobres não. Eles tinham é que dar uma assistência melhor pras vítimas. Me dá uma xerox disso pra eu mostrar pro advogado? Eles deviam fazer de tudo pra não existir mais energia nuclear não só no Brasil, mas no mundo inteiro.

EDSON (a propósito de seu estado físico) — Eu não tive problema de diarreia, nem de vômito, nem perda de apetite. Não fiquei com medo também. Eu sou um sujeito muito calmo. Já que aconteceu, não vou me apavorar. Vou esperar o que os médicos especialistas vão falar. Eu sou um sujeito calmo.

SANTANA (contestando) — Claro! Você não via televisão, não lia jornal, não queria saber de notícia, você não sabia da gravidade da coisa! Não acredita.

EDSON — Pra que que eu ia me apavorar?

JUANITA — Eu emagreci demais, quase uns dez quilos, mas agora estou engordando tudo de novo.

PERGUNTA — Como é que é vocês estão dizendo que nem o Gabeira falou com vocês e nem o Fernando Pinto e que eles escreveram coisas erradas sobre a família de vocês e sobre o que aconteceu. Que é que está errado?

EDSON — Ele falar que eu viajei, que peguei um pouco do césio pra ir a um casamento, sendo que eu não fui ao casamento. Quem foi foi a minha esposa com a minha sogra. E eu fiquei aqui em Goiânia com o Cristiano (o filho).

TERESA — E também você não precisava de pó pra te dar sorte!

EDSON — Esse negócio do pó, de ele dizer que eu fiz uma cruz, passei o pó em mim fazendo uma cruz é tudo mentira. Estava eu em casa mais o meu filho. Quando foi à tardinha, eu vi as luzinhas, peguei passei assim e mostrei pro Cristiano, está azul Cristiano? Ele falou está.

PERGUNTA — E o que mais que está errado?

EDSON — Ele falar que eu sou catador de papel. A minha profissão é ser pintor de automóvel.

TERESA — Eles escrevem isso, catador de papel e sucateiro. Na família Fabiano, eu sou radialista, o Ernesto é funcionário público há 25 anos, a Santana, minha irmã, é costureira, ele é pintor de carro, então não tem nada a ver. Está havendo é uma confusão muito grande. Nós fomos contagiados porque éramos vizinhos do Devair. Ele era amigo do Édson.

EDSON — E nem foi o Devair que me deu. Eu é que peguei a chave de fenda fui e tirei um pouquinho pra mim e coloquei num papel. Eu levei por causa do brilho. Era um azul muito vivo, a coisa mais linda! Mas só de noite.

TERESA — Essa contaminação foi uma tragédia que aconteceu!

JUANITA — Contaminou lá a minha casa, o meu lote todinho. Foi preciso concretar o lote todinho. Perdi as minhas coisas tudo. O pessoal que passava via eles pegando meus móveis, roupas, tudo naqueles tambor. A gente recebeu os móveis e colchões, e algumas coisas ainda está por

receber. Roupa de cama, cobertor, cortina,almofada, essas coisas a gente não recebeu nada.

TERESA — A hora que eu liguei a televisão quando eu vi o Devair. Muitos dias antes eu já tinha dito: não mexe com isso não Santana, esse troço aí é perigoso. Aí a Natasha começou a passar mal (a filha ainda bebê), e eu falei: Santana, é o negócio! Aí eu corri cedinho pro pediatra e falei: olha, pegaram um aparelho de raio X e abriram no ferro-velho lá perto de casa, está emitindo radiação e a Natasha pegou e está intoxicada. Aí o pediatra falou: "Isso não é nada não" - nem ligou. Aí, quando eu voltei pra casa à tardinha, fiz uma sopa pra ela com as batatas que estavam lá perto do césio. Quando vi na televisão o Devair, acho que nem era eu mais. Devo ter ficado branca. Quando eu abri a porta da sala, já estava cheia de polícia e o pessoal da CNEN. Quando botaram aquele aparelhinho nela, o doutor Flamarion, da CNEN, pôs a mão na cabeça e falou: "Nossa Senhora, é grave demais da conta!" À hora que ele falou isso, parece que o mundo estava caindo na minha cabeça. Aí saiu todo mundo correndo. E vamos pra onde? Quem tem parente vai pra casa de parente. Foi o erro deles, que a gente não podia ter ido lá pra casa da minha mãe, né? Aí foram as crianças pra lá, só com a roupa do corpo. E, como a Natasha ia ter que ser internada, eu fiquei com ela. E fomos num ônibus escoltado por 16 carros da polícia - você sentia pavor, sentia que era uma coisa gravíssima. Aí ficamos no Estádio Olímpico até três horas da madrugada, enquanto isso ficaram arranjando vaga pro Édson e pra ela nos hospitais. Levaram primeiro o Édson pro HDT, e eu fiquei sozinha com ela lá. Às três horas e pouco, arranjaram a vaga pra Natasha, e a gente foi. Ficamos lá acho que dois dias e duas noites. De lá eles transferiram a gente pro Inamps - ele e ela. Eu não estava internada. Quando eu cheguei lá é que eu vi a discriminação. O pessoal todo se afastando da gente. Eu pedi pra me ajudarem a segurar o soro dela, que eu já tava cansada, e ninguém quis. Eu pedi uma mãe-deira pra ela, que ela estava chorando de fome, e eles disseram: "Não, nós não podemos chegar perto de vocês". Tinha uma platéia bem grande assistindo, de médico e enfermeiro. Aí eu falei que ia tirar o soro

dela e ia embora. Eles disseram que eu não ia ter coragem. Pois eu fui e tirei o soro dela, porque eu não agüentava mais de ver ela chorar de fome. Peguei ela, botei dentro de uma banheirinha, desci a rampa, peguei um táxi e fui embora pra casa da minha mãe. Aí, no outro dia, eles iam mandar a polícia lá pra me buscar, mas aí meu pai, minha mãe conversaram com eles e disseram que, se quisessem, iam ter que fazer o tratamento dela lá em casa. Aí que eles começaram a ir lá, a medir as crianças e viram que estava todo mundo altamente contaminado, mas não queriam internar, porque o governador, pra todos efeitos, já tinha dito que estava tudo sob controle. Eles falavam "não tem mais vítimas" e de repente internam mais sete pessoas! Aí começaram a fazer descontaminação lá na casa da minha mãe. Mas não era só no banheiro não. Era no terreno. Esfregava, esfregava as crianças com sabão em pó, vinagre e sabão de coco. Por fim, o banheiro já não podia nem entrar de tanto que estava contaminado. E faziam isso, até que a minha irmã pegou o Faleiros um dia ali no Estádio Olímpico.

SANTANA — Eu falei pra ele: eu quero uma ambulância agora pra levar os meus filhos pra Febem. Aí fiquei lá o dia inteirinho pra conseguir uma Kombi pra levar a gente. E, quando chegamos lá, não tinha colchão, não tinha coberta, não tinha nada. Voltamos. Quando foi no dia oito é que conseguiram os colchões pra gente. Veio a kombi e levou a gente. Chegamos lá: era um chiqueiro. Um lugar que já tinha sido desativado há muito tempo, uns seis meses que estava desativado. Nos banheiros tudo entupido. À hora que eu fui dar banho, que eu vi aquela água do vaso misturando com a do chuveiro, eu fiquei desesperada, comecei a reclamar, e eles não queriam admitir que tinha aquela sujeira, nem que estava todo mundo contaminado. Mas não queriam que a gente recebesse visita porque diziam que a gente estava irradiando. Até hoje, a minha mãe nunca fez um exame de sangue.

TERESA — Você vê: o último exame de sangue que eu e os meus filhos fizemos foi em fevereiro. Você vê: a gente já está em julho. Eu já pedi já falei, não adianta. Eu estou pensando que eles querem deixar pra ver o que vai acontecer. Mas eu não vou ficar aqui sentada não. Vou

fazer particular, nem que faça uma por mês, porque a nossa situação financeira agora está a pior possível.

PERGUNTA — De que que vocês estão vivendo?

TERESA — De auxílio do governo. A gente recebe uma cesta básica miserável, dois salários-mínimos e a carne, por semana.

PERGUNTA — E o aluguel da casa?

TERESA — Não. Essa casa aqui a dona falou que não alugava pra vítima do césio, e eles compraram a casa, mas não pagaram. E agora ela está desesperada porque não recebeu nada, e não aceita a casa de volta. E eles falaram que esta casa pra nós eles não compram de jeito nenhum. Eles só arrumaram esta casa porque um dia eu dormi na rua. Não ouviu falar de uma mãe que dormiu na rua porque não tinha onde morar? Quando a gente saiu, todo mundo da casa da minha mãe pra descontaminar lá, eles alugaram uma casa de três quartos, copa, cozinha, banheiro e enfiaram dentro dessa casa 25 pessoas, sem móveis, sem nada, só com um colchãozinho. Eu não agüentei. Fiquei indignada com aquilo e aí vim e dormi na rua, do lado da minha casa, que ainda estava em pé. Aí chamaram a polícia pra me prender. Foi essa a resposta que eles me deram. Duas vezes a viatura da polícia veio pra me prender. Aí eles chamaram o chefe deles na Delegacia, e eu expliquei tudo pra ele e ele me entendeu. A gente é pobre tudo, mas, antes de ser pobre, a gente é **ser humano!** Aquele jeito da gente jogada ali não tinha condições. Aí fizeram um debate comigo e o secretário de Assuntos Comunitários, e ele me pediu pra ir para um hotel. Eu falei pra ele: não vou. Vocês tiveram dois meses pra resolver o meu problema, não conseguiram porque deve estar difícil. Eu sei que está difícil alugar uma casa pra mim, porque eu tentei; e a pessoa me tocava dizendo "sai daqui que você está contaminada". Agora é o seguinte: eu vou dar uma semana pro senhor, só que eu vou ficar aqui, na rua. Aí, depois do debate, quando foi quatro horas da tarde, ele chegou com a chave da casa na mão e me entregou: "A casa é sua". Agora, de repente, já não é mais, já não compraram mais. De-

certo ficam pensando "ah, vai morrer tudo mesmo, não merecem ter casa".

SANTANA — A gente foi tão maltratada, que lá na Febem eu não tinha o direito de entrar na cozinha pra esquentar um leite pro meu filho. Eles mandavam marmitex, mas não podia mexer no fogão, nem na pia. A gente bebia água da torneira do banheiro. Chegavam caixas de água mineral, e eles falavam que não podia dar pra nós, que era pros médicos e os enfermeiros.

PERGUNTA — Isso que vocês "não estavam contaminados!"

SANTANA — A comida era arroz, feijão e macarrão, com uma pelotinha de carne. Eu não comia, não dormia, a única coisa que eu bebia era café. A minha vida era chorar dia e noite.

TERESA — No começo nem cesta básica a gente não tinha. Aí o pessoal da Embrapa conseguiu a doação de um dinheiro pra nós. Eu peguei nove mil. Aí eu achei bom demais, comprei um tanto de fruta, minha mãe fez um almoço gostoso em casa, e eu comprei refrigerante e um monte de coisa pra levar pra eles. A hora que nós chegamos à porta da Febem, acabou a alegria na hora. Elas tomaram tudo e jogaram tudo no chão.

PERGUNTA — Quem que fez isso?

TERESA — A Silvana, sobrinha do Íris Rezende, que estava lá como coordenadora do que veio a ser depois a Fundação Leide das Neves. Ela tomou tudinho da nossa mão e jogou tudinho no chão. Que mulher tirana aquela! Ainda bem que não está mais lá.

SANTANA — Elas queriam que a gente comesse aquela lavagem.

TERESA — Pobre não tem valor mesmo, né? Nem um momento de alegria, depois de passar tanto tempo, primeira vez que a gente tem condição de levar uma alimentação boa pros filhos, ela tem coragem de fazer uma coisa dessas! Ela foi tão desumana! Tem tanta coisa ruim que nós passamos que, se eu for te contar, dá um livro inteirinho! Nunca que ima-

ginava, na vida, que a gente fosse passar um dia pelo que nós passamos! E a gente vem passando até hoje. Como é tudo "catador de papel", não precisam de nada. A Associação das Vítimas do Césio é que está ajudando muito a gente.

PERGUNTA — E o que que os médicos dizem? Como é que está a saúde de vocês agora?

TERESA — Está tudo ótimo. Se a gente vai lá reclamar que está sentindo alguma coisa que não sentia antes, a gente está "com o césio na cabeça." Isso aí foi um médico que falou. Eles deviam aproveitar, já que estão fazendo pesquisa. Você sabe que a gente está sendo cobaia, né?

PERGUNTA — E o senhor como é que está se sentindo?

EDSON — Eu ainda sinto muito calor nas mãos. As feridas podem voltar, como podem não voltar.

TERESA — Se Deus quiser, não vai voltar não. Agora, a evolução da perna do Ernesto, depois que fez tratamento em São Paulo, está ótima. Se o Wagner tivesse ido... porque ele vai amputar o pé. Ele veio do Rio, o pé estava ótimo, mas voltou a ferida. E nesse caso assim tem que ser na Unicamp, que está muito mais adiantada. Só que aqui eles não dão o braço a torcer. Não estão tão nem aí que são vidas, são pais de família, que são seres humanos. Tem que ficar aqui em Goiânia pra não dar o braço a torcer.

EDSON — Goiânia não tem médico pra isso.

TERESA — Tudo bem, que façam pesquisa. Não sou contra pesquisa não, mas que façam um tratamento sério.

PERGUNTA — Mas quem é que está fazendo pesquisa com vocês?

TERESA — Está na cara que é só pesquisa que eles querem. E ontem eu falei isso pro doutor Iroshi, que eu acho que estão esperando pra ver o que vai acontecer. Tem médicos maravilhosos lá na Fundação, mas não é o suficiente. Tem que ser medicina nuclear. E tem que ter os médicos que acompanharam os pacientes desde o início, como o doutor Alexandre. Parece que, se eles contratarem um médico de medicina nuclear, o país vai falir.

PERGUNTA — E aí, se o governo do estado não pagar pra dona desta casa, o que vai acontecer?

TERESA — Aí eu já avisei, vão ter que me matar pra me tirar daqui. Eu morava aqui em frente. Morei minha vida inteira aqui.

PERGUNTA — Você não está trabalhando mais, ou está?

TERESA — De que jeito? Tem psicólogo, tem dentista, a gente vive mais em função disso aí. Às vezes a gente pensa: bom, além de segunda, não vou ter mais que ir à Fundação. Mas aí chega uma cartinha pedindo pra gente comparecer, pra tirar um retrato, conversar com os médicos. Então não dá.

PERGUNTA — E o Rex Nazaré, vocês conheceram ele?

TERESA — Assim como pessoa ele é ótimo. Eu acho que ele tem condições de fazer alguma coisa pela gente. Ele como presidente da Comissão de Energia Atômica, tem condições de ajudar a gente, pelo menos nessa área dos médicos de medicina nuclear. Eu já pedi. Vamos esperar a resposta dele, vamos ver o que vai acontecer.

PERGUNTA — Mas, seu Édson, antes de vocês saberem que estavam contaminados, o que aquela pedra significava pra vocês?

EDSON — Pra mim não teve significado nenhum. Eu peguei por curiosidade

mesmo, tanto que no outro dia eu joguei fora. Se eu fosse interessado, tinha que recolher e guardar, né? Eu achei foi bonito!

SANTANA — Eu tinha medo. Tudo que vinha de lá eu tinha medo. Porque lá no depósito aparecia muito veneno. A Maria tinha já se envenenado duas vezes mexendo com aqueles papéis.

2. IVO ALVES FERREIRA

PERGUNTA — Que problema o senhor nunca teve?

IVO — Esse problema de visão que puseram aqui (referia-se à notícia "Contaminados já estão ficando cegos".) Quem será que faz isso? Posso até ter, mas não sei, né?

PERGUNTA — Algum médico falou pra vocês alguma coisa?

IVO — Não, eu fiz exames de vista, mas... num bucado deu, né? No meu menino, por exemplo, deu que ele atrofiou a retina.

PERGUNTA — Mas foi agora que apareceu isso? Ou antes vocês tinham feito exame de vista?

IVO — Antes eu já tinha feito e fiz agora de novo. A minha visão sempre foi normal. O Júnior e o Ernesto estão com problema, agora eu não.

PERGUNTA — Antes de acontecer tudo que aconteceu o senhor costumava ler jornal ou não?

IVO — Não, eu nunca gostei. Eu tinha uma vida muito corrida. Não tinha tempo de nada. Eu mexia com ferro-velho, comprava tudo quanto era troço, então era muito corrida. Eu deitava à uma hora da manhã, meia-noite, e levantava às seis horas. Eu quase não tinha tempo de ver televisão, jornal. Nunca fui chegado a rádio. Televisão não gosto por causa das notícias, né? A gente não vê notícia boa. Então nunca gostei não.

PERGUNTA — Alguma vez o senhor viu alguma notícia sobre o acidente enquanto estava no hospital?

IVO — No Marcílio Dias, a gente não podia. Eles não davam. Era proi-

bido revista, jornal, rádio. Lá a gente ficava no escuro. A gente não sabia. Aqui no Inamps, eles não deixavam. Eu não sou bem a par das notícias não.

PERGUNTA — Quer dizer que esta é a primeira vez que o senhor está vendo o que é que os jornais disseram a respeito de vocês e do acidente?

IVO — É sempre esse jornal nosso, né. Mas assim não. Nunca tinha visto não.

Ivo lê mais uma notícia.

IVO (reagindo a "contaminados já estão ficando cegos") — Não. Isso aqui não é verdade não.

PERGUNTA — O que não é verdade seu Ivo?

IVO — Aqui o negócio da Luisa Odete. Bom, às vezes o médico até esconde, a gente não sabe. Mas aparentemente, acho que tem muitas coisas que não é. O caso dos bombeiros, por exemplo. Eu acho que não é verdade. Caso de impotência... eles estão aí tudo brabo, né? Eles fizeram um trabalho muito sério. Foram até Brasília. Tem um bocado deles. Eu acho que não é verdade, porque nós, que estivemos diretamente com o cézio, não tivemos problema.

PERGUNTA — Essa notícia aqui fala nas providências que foram tomadas depois do acidente - a Unicamp, em Campinas, e mais sete cidades brasileiras vão fazer laboratórios regionais para atender acidentados de radiação. Vão formar médicos e técnicos...

IVO (já sabendo) — Eles fizeram um convênio, né? - com a Unicamp Mas acho que isso não vai pra frente, não. Tinha muito caso que precisava ir pra lá, mas só foi o Ernesto mesmo e pronto. Nós que fomos atingidos diretamente, só Deus pra tomar conta. Médico não tem, por enquanto não.

PERGUNTA — O senhor acha que, de alguma forma o que aconteceu com vocês vai modificar alguma coisa?

IVO — Só se muita gente lutar, né? Se deixar por eles, eles não fazem não. Logo troca de governo, esquecem tudo. Eu acho que é só Deus mesmo pra cuidar de nós. O resto... eu não tenho esperança não.

PERGUNTA — O que o senhor acha que vai dar, se acontecer um acidente de novo, já que tem a usina de Angra dos Reis e o Centro Experimental de Aramar, em São Paulo, que está enriquecendo o urânio?

IVO — Acontecer acidente, diariamente acontece. Não igual assim, mas em Angra dos Reis diariamente tem um caso. É porque eles escondem. Aqui em Goiânia mesmo já teve dois casos de contaminação radioativa com césio ali no Inamps. Tem dois casos, dois anos atrás, escondidos, né? Em Angra acontece diário um vazamento lá. É que eles escondem. Esse negócio mesmo nosso foi muito escondido. Lá fora ninguém sabe sobre a verdade, nos outros estados. Eu tive em São Paulo pra fazer um exame. Pra eles lá, nós estamos com uma vida às mil maravilhas. O governo esconde. **E notícia de jornal não deixa passar a verdade.** A Ana Terra (da Rede Globo) veio aqui, ficou aqui em casa umas três horas gravando. Saiu só um pouquinho.

PERGUNTA — Vi a reportagem no Fantástico. Foi mesmo bem curtinha. Deve ter sido de um minuto, no máximo...

IVO (interrompendo) — Eles escondem tudo. Eles não deixam passar. O nosso jornal aqui não passa nada. O governo não deixa.

PERGUNTA (mudando de notícia) — Foi tudo isso que saiu de casa? Quarenta mil pessoas?

IVO — Não. Não teve isso não. Os contaminados diretamente são vinte e poucas pessoas. Indiretamente, diz, né? A Fundação tem um trabalho lá

deles, diz que tem duzentos e pouco, indiretamente. Os que abandonaram mesmo as casas é porque desmanchou. É o caso do Roberto, de mim, do Devair e da Santana. Mas os vizinhos continuam lá. Eles isolaram até tirar o lixo por causa da poeira, né? Na 57 umas três famílias se mudaram. Nem o Edifício Célia Maria não foi esvaziado.

PERGUNTA — Por que o senhor acha que está escrito mentira aí nos jornais? É por que os jornalistas não puderam falar com vocês?

IVO — Muitos jornalistas... o jornal aumenta muito, né? Às vezes a coisa é pequenininha, e eles aumentam tudo. E as verdadeiras mesmo o governo não deixa sair. Fica escondido. Eu mesmo tive um caso gravíssimo, fui à televisão com a Raquel (repórter), pelejei, mas não deu.

PERGUNTA — E o que foi que o senhor queria falar?

IVO — Eles me barraram na Fundação um dia. Que eu tenho um retrato da menina (da filha Leide que morreu). Estava na Fundação. Estava na escada lá. Eu fui tirar ele e me desentendi com os policiais. Eu tentei conversar com a Raquel. Conversei com ela, mas não adiantou não.

PERGUNTA — Por que o senhor queria tirar o retrato de lá?

IVO — Eu fiquei assim meio chateado. Falei: não vou voltar mais aqui na Fundação. Mas também não vou deixar o retrato dela aqui. Porque tinha muitos dias que não tinha médico, não tinha nada. Era só nome. A gente ia lá não tinha médico pra fazer curativo, não tinha remédio. Aí eu pensei em sair, largar esse trem pro lado.

PERGUNTA — Quando botaram o nome da sua filha na Fundação o que o senhor sentiu?

IVO — - Eu gostei porque ela era uma pessoa.. ela queria ter nome. Ela era muito ativa. Era inteligente demais. Muita gente falava pra gente que podia acontecer qualquer coisa com ela. Ela era muito pequenininha,

magrinha, inteligente demais. O pessoal falava: "Essa menina sua vai dar ou muito gosto ou muito desgosto". Então quando puseram o nome na Fundação eu achei: ela queria ter um nome, né. Se é que a gente tem espírito que pode ver as coisas, ela vai ficar muito contente. A Fundação que pode ajudar muita gente que está precisando, com o nome dela. Mas depois a Fundação estava muito esquisita. Estava abandonada, não tinha ninguém. Eu pensei: vou tirar o retrato dela, pedir a eles prá tirar o nome dela e não volto aqui mais. Aí eu tirei.

PERGUNTA — E aí aconteceu alguma coisa?

IVO — Melhorou um pouco. Agora esta bem melhor do que antes. Teve uma época que nós não tínhamos dinheiro. Muita gente passou fome. Não tínhamos dinheiro pra alimentação nem pra tomar ônibus. Aí depois eles deram os carros pra carregar a gente, alimentação, um salário. E está melhorando. Se não troca de governo, se não acabar, né? Porque se deixar igual, está, se ninguém mexer acaba.

PERGUNTA — Quem é que tem ajudado mais a Fundação?

IVO — É o governo do estado. Deve ter alguma ajuda do governo federal, mas ele que arcou mais com as coisas.

PERGUNTA — O Santillo?

IVO — É o Santillo. Então eu tenho medo. Não por mim, eu já estou velho mesmo. Mas tem muita criança que precisa.

PERGUNTA — O senhor tem quantos anos?

IVO — Eu estou com 40.

PERGUNTA — O senhor se acha velho?

IVO — Principalmente com esse acidente né. A gente não sabe pro futuro.

Outra notícia - "Preocupação e medo na cidade" - dizia que os mais atingidos começavam a perder os cabelos e até os dentes. A notícia era de 2 de outubro de 87.

IVO — As únicas pessoas que perderam o cabelo foi o Roberto e o Devair. Os outros nem perderam. O Devair bambeou os dentes mesmo, mas não chegou a cair.

PERGUNTA — Alguma vez os médicos falaram pro senhor isto que está escrito aqui? Que o cézio-137 pode provocar até a mutação das células e uma série de efeitos somáticos danosos e irreversíveis como a leucemia?

IVO — Isso eles falaram. O Marcílio Dias tem o diretor, e ele não mente, sabe? A gente até brincava com ele que ele era doido.

PERGUNTA — Como é o nome dele?

IVO — É o doutor Sampaio. O dia que a minha menina passou mal ele falou pra mim: "Ivo, a sua menina vai morrer". Isso foi no dia 22 (de outubro de 87). Um dia antes que a Maria Gabriela morreu - elas morreram num dia só, ele falou pra mim: "A sua cunhada vai morrer. "Quando foi no outro dia, ela morreu às 11 e meia. A minha filha morreu às seis horas. O Admilson foi a mesma coisa. Ele falou: "Esse menino vai morrer e não demora". Então ele não mentia. Eles brigavam muito comigo por causa do fumo. Eu fumava cinco a seis carteiras de cigarro. Então ele disse que eu podia ter esse problema (de câncer) e que o cigarro contribuía mais ainda.

PERGUNTA — E o senhor parou de fumar?

IVO — Não. Eu diminuí. Hoje eu fumo quatro. Até agora (era perto do meio-dia), eu não fumei duas carteiras de cigarro. E mais uma cachimbada. Então ele sempre falava, né? Agora os outros médicos escondem. Os nossos daqui escondem. Eu acho bom que falem. No caso da minha menina mesmo, eu fiquei assim, mas... era melhor do que... porque eu sabia,

né? Eles queriam tirar eu do quarto. Eu não quis sair. Queriam por biombo, eu não deixei. Aí um dia eu escutei falando que ela tinha contaminação de 1000 rad. Nós estávamos num quarto só, então eu pegava 10 por dia que ela me jogava. Aí a gente teve uma briga danada porque eu não quis sair. Falei: não vou largar ela sozinha. E eu fiquei com ela até o último dia. Três horas dela morrer, quando os médicos viram que ela ia morrer, queriam que eu subisse pra ver o Devair, que ele tinha subido. Aí eu fui banhar e, quando eu voltei, ela estava de banda. Eu ainda brinquei com ela e subi. Quando foi seis horas (da tarde) ela morreu.

PERGUNTA — Ela estava consciente quando morreu?

IVO — Ela estava assim: o semblante dela. Eu vi que ela não ia escapar. Aí começou a sair água do meu olho. Eu fazendo de tudo, mas não agüentei. Ela falou: "Papai, você está chorando?" Eu falei: não, minha filha, eu não estou chorando. É fumaça do cigarro que foi no olho. Aí ela tampou a rir e virou pro canto. Ela era bocuda... Não sei se foi meia hora. Eu subi. Quando foi seis horas, ela morreu. Ela fez tudo, sabe? Ela lutou. Acho que eu e ela, a gente lutou demais. Eu ficava cuidando o soro pra não obstruir a veia dela, que ela era muito magrinha, pra não judiar. E ela me ajudava demais. Às vezes eu começava a cochilar assim, o enfermeiro chegava e ela gritava: "Ô, não faz barulho não, que o papai está dormindo." Ela foi forte até na última hora. Ela não emagraceu, não sofreu. Ela me ajudou demais. E ela era minha amiga. Eu não queria que ela nascesse. Foi numa época que eu tinha feito muito negócio doido. Eu estava passando uma crise muito difícil, devendo demais. Aí, quando a mãe dela falou que estava grávida eu fiquei chateado. Não queria que ela nascesse por causa da minha situação. Ia ser a última porque a mulher ia operar. Eu pensei, poxa, a última, e eu nessa situação. Então eu não queria. Mas quando ela nasceu foi a melhor coisa do mundo. Ela estava mamando, nós saíamos pra Anápolis. Só eu e ela, a gente ia pra Brasília. Eu tenho parente que mora lá, em Taguatinga, no Setor P. "Pai vamos em Brasília?" — ela falava. Hoje a gente não vai que é meio de semana, mas sábado vai. Ou sexta-feira à noite. "Pai,

vamos a Niquelândia?" Aqui no norte, nós temos parente lá. Vamos, minha filha. No sábado a gente ia. O último passeio que eu fiz com ela foi na Bahia. Foi quase na época do acidente. Foi numa festa de aniversário. Ela dançou a noite todinha. Todo mundo encantado. Ela tinha um cabelo que batia nas cadeiras. Ela andava muito bem arrumadinha. Pulou a noite toda. Aí eu vim, deixei ela em casa e fui pro norte. Comprar uns porcos lá de um rapaz. Cheguei no dia 20. Foi no dia do meu aniversário. Aí quando foi no dia 24 aconteceu o acidente.

PERGUNTA — Mas o que é que o senhor chama de acidente?

IVO — Eu peguei na peça do césio dia 24. No dia 29 que descobriram. Aí a gente foi internado, lá no HDT. Era meia-noite. No dia 24 pra 25, ela vomitou a noite toda. Mas eu pensei que ela tinha comido qualquer coisa, não o césio que ela tinha ingerido. Nesses outros dias ela não teve problema nenhum. Nem ela, nem ninguém. Aí na sexta-feira a gente descobriu né? A minha cunhada (Luisa Odete) chegou com o pescoço irritado. E eu estava com a perna inchada. Eu fui ao médico. A gente procurou o médico e ele falou: "Ah, é alergia!"

PERGUNTA — Mas o senhor falou pro médico que tinha pego no pozinho?

IVO — A gente falou, mas ninguém sabia, né? Eles descobriram porque tinha um físico aqui. Ele estava de férias aqui em Goiânia. Aí com esse zum zum, zum, pegaram uma pedra luminosa muito bonita... Saiu - né? - os boatos. Aí ele foi lá e descobriu que era o césio. Aí foi aquela correria danada.

PERGUNTA — Aqui fala: "Em radiação, só Chernobyl supera Goiânia",. O senhor sabe o que foi Chernobyl?

IVO — Mais ou menos. Foi o acidente de Chernobyl. Só que lá foi no ar. Não foi igual o daqui. Acho que foi até pior que o daqui, porque a infra-

dição é pior que a contaminação²⁸; assim quando pega que queima. No meu caso eu me irradiei só local. Eu tive 300 rad na perna e na mão. Em outra parte do corpo, eu não tive nada. Não alterou nada em mim. Já o Devair e a Maria pra eles foi pior. O Devair não tem Lesão, a Maria não tinha, mas a radiação conseguiu acabar com eles. O Admilson, por exemplo, dormiu oito dias com a peça no quarto. Ele também não teve lesão. Só os raios mesmo. E morreu. Então eu acho que é pior.

PERGUNTA — Mas por que é que ficaram com essa peça dentro de casa? Por que o seu irmão Devair distribuiu os pedaços?

IVO — Não ele não deu. O Odesson, por exemplo, esse meu irmão mais novo, ele devia pro Devair e foi lá pagar. Lá, eles olhando aquilo, ele enfiou o dedo. Inclusive do dedo dele vão até amputar a ponta. Aí ele pegou os fragmentos, pôs na mão e esfregou. A mão dele ficou igual à minha. Eu fui porque desde o sábado eles iam lá em casa: "O Devair está passando mal." Está, depois eu vou lá. Aí chegava outro: "Devair disse que é pra você ir lá que ele está passando mal". Isso foi sábado, segunda, terça, quarta, quinta-feira. Aí chegou o menino: "O Devair está mal mesmo." Ele e a Maria. Aí eu falei: olha depois eu vou lá. Mas eu não tinha tempo. Eu era uma correria danada. Aí deu seis horas da tarde, eu sentei à porta da cozinha, acendi um cigarro, aí a Lurdes falou: "Você não vai ver o seu irmão?" Eu falei: não vou lá não porque eu estou muito cansado. Ela falou: "Ah, vocês também são uns irmãos esquisitos. O outro doente, você não vai lá ver." Aí eu falei pra ela: não precisa falar mais nada não, que eu já estou saindo. A menina queria ir mais eu. Eu falei: não vai não minha filha, que o pai vem agora mesmo. Estava armando chuva. Aí subi, alí, na esquina, encontrei uns colegas meus e fiquei conversando com eles. Aí pensei: não vou lá não. Vou dar pra trás. Aí eu voltando encontrei com o menino que trabalhava com ele, o Israel. Ele falou: "Fui lá na sua casa, mas você não estava lá. O

²⁸ Irradiação : dá-se à distância, sem contato direto com a fonte radioativa.
Contaminação: dá-se o contato direto com a fonte.

Devair mandou chamar você lá. Ele está passando bastante mal". Aí eu falei: Ah, então eu vou lá! Aí cheguei lá e falei: o que foi, mano? "Ah, tomei uma coca e estou sentindo bastante mal. A Maria, minha sogra, veio. Já foi pro hospital mal também." Eu falei: você levou a coca lá na Vigilância? "Levei, mas vou pegar o resultado amanhã." Aí eu fui saindo, e a Maria falou: "Oi Di, — ela chamava ele de Di — mostra a pedra pro Ivo." Aí eu olhei lá, mas não liguei não, sabe. Falei é, é bonita. Aí cheguei no portão e encontrei o Edson Fabiano: "Viu o Diabo do seu irmão?" Falei: vi. "Vamos lá tirar um pedaço pra nós?" Falei: não vou mexer com aquilo não. Aí chegou lá um outro rapaz, e nós ficamos conversando, e começou a chiviscar. Fomos pra dentro e eu fiquei lá sentado, mas não estava ligando pra aquilo. Aí, quando saíram os fragmentos, já estava escuro, era uns fragmento luminoso, e eu fui ver de perto. Pus um pouco em cima de um papel, embrulhei e pus no bolso.

PERGUNTA — Em algum momento o senhor acreditava que fosse uma pedra preciosa?

IVO — Até que eu não sabia nem pra que peguei. Eu vi aquilo — né? — pus no bolso, cheguei em casa, tirei a roupa pra tomar banho. Tomei banho, aí me lembrei que estava no bolso aquele negócio. Aí joguei lá no chão, no escuro, lá no quarto da menininha. Aí ela veio e passou a mãozinha. Aí pegou um pedaço de carne. E esse aí (o menino) passou o dedo e passou na testa. Mas também era pouca coisa. No outro dia, não tinha mais nada lá. tinha sumido tudo. Foi numa quinta-feira, estava jogando Flamengo e um outro time. Eu, deitado no sofá, e ela, deitada comigo — a menina. Aí terminou o jogo, eu peguei ela e pus no berço. Quando eu pus ela no berço ela fez vômito. Eu peguei a bicicleta e saí pra comprar um remédio pra ela, mas não achava farmácia. Achei um bar aberto, comprei um Sonrisal e voltei. Cheguei em casa eram três horas da manhã. Aí dei o Sonrisal pra ela. Ela vomitou mais uma vez e parou. Às quatro horas, ela dormiu. Levantou no outro dia boa. Brincou o tempo todo. Pensei: não é nada não. Não sabia. Aí quando foi na sexta-feira é que a gente descobriu. Porque eu tinha passado a mão no pescoço da Luisa Odete, e ela chegou com o pescoço irritado. Aí eu corri lá no meu

irmão e falei — some com aquela pedra que aquele trem é brabo. Mas, antes de eu ir lá, conversei com um amigo meu que está fazendo medicina. Falei: olha está acontecendo um negócio chato. Peguei na pedra assim, assim... E ele foi embora. Aí passou um pouco ele voltou lá em casa e falou: "ô, Ivo, que jeito que é a pedra?" Eu peguei e contei pra ele. Ele disse: "vamos ao médico agora, que se for urânio vai bater no osso e rebenta tudo." Aí a gente saiu pro HDV, e os médicos falaram: "é alergia!" Passaram uma receita duns sabonete, uns negócio. A gente começou a usar aquilo, mas não adiantou não. Aí foi desespero total.

Tem dias que eu fico assim olhando o retrato dela e sinto culpa, porque eu nunca fui assim de sair na casa dos meus irmãos. Hoje eu vou, mas antes não. Eu tinha aquela vida corrida, ganância pra ganhar dinheiro. Eu trabalhava dia e noite, então não tinha muito tempo. Nem dia de domingo. Às vezes, eu tinha que sair pra ver um negócio ou outro. Eu só ia era na minha mãe. Todo domingo almoçava era com a velha. A não ser que fosse pra fazer um passeio longo igual que eu fazia com ela (Leide). Mas não tinha esse negócio de ir a casa dos meus irmãos, parente...

PERGUNTA — E isto aqui ó que está escrito: "Parentes não aceitam vítimas". Vocês procuraram algum parente?

IVO — Teve caso mesmo de parente que não aceitou mais as vítimas. O pessoal da mulher do Wagner mesmo não aceitam eles. Eu... não sei se os meus parentes não me aceitam. Eu sei é que eu perdi, né? Meus parentes são todos ricos, moram aqui em Anápolis. É 50 quilômetros daqui lá. todos tem carro, e ninguém vem me ver. Eu fiquei no hospital, fui pro Rio, lá eu recebi um telegrama de uma prima minha. Voltei pro Inamps e fiquei interndo uns dois meses, e nem um parente foi me ver, a não ser a minha mãe e os meus irmãos. Eu também descartei. No dia que a minha filha chegou aqui, a minha sogra veio e não esperou o enterro. Foi embora. A minha mulher desmaiando toda hora. Minhas cunhadas vieram, mas todo mundo foi embora. Mas eu não ligo não. Hoje, se eles chegarem aqui, eu saio. Eu não maltrato não, mas só que eu saio. Eu me dei muito

bem foi com os estranhos. Aqui os meus vizinhos gostam de mim. São quase tudo crente. Eles vem aqui e fazem culto. Mandam fita pra nós ouvir. Me levaram a Brasília, no pastor, por conta deles. Me levaram no outro pastor aqui. Não gastei um tostão. Então eu me sinto melhor atendido por eles.

PERGUNTA — O senhor acreditava em Deus antes?

IVO — Eu toda vida fui católico, não praticante. Quase não ia em igreja, mas eu tinha minha devoção, sozinho, na hora de deitar. Qualquer hora que eu sentir que estou precisando, eu peço.

PERGUNTA — O que o senhor esperava da sua vida antes de acontecer isso.? E o que o senhor espera agora?

IVO — Antes era aquela ganância, né? Eu tenho que ganhar dinheiro porque tenho três filhos. Eu tinha três. Tem uma casada, me deu trabalho demais. Fugiu eu peguei, mas é minha filha, né? Tem ele (Luçimar) e tinha ela (Leide). Então eu tinha que trabalhar pra deixar alguma coisa pra eles. É que o meu pai não deixou. Meu pai era uma pessoa muito rica, aí começou a beber, acabou com tudo e sumiu. E nós ficamos na miséria. Então eu sempre pensava: eu tenho que deixar alguma coisa para meus filhos. Porque eu fui criado em mão de tio e fui muito sofrido. Eu nunca bebi, nunca fui de farra. Então eu trabalhava naquela ganância pra deixar pra eles alguma coisa. Agora, hoje, eu vivo mais pra mim. Eu não esquento a cabeça. Eu não esbanjo o que eu tenho, o que eu consegui ganhar. Se eu morrer hoje, eu deixo pra eles. Eu tenho isso aqui. Eu comprei. Eu tenho uns outros terrenos por aí. Eu tenho um em Brasília, ali no Vilas Areia. Eu tenho um em Lusiânia. Eu não esbanjo. Eu não preciso de vender. Se eu morrer, eu deixo para dois, pra eles não viverem igual eu vivi. Se for o caso de doença, se apertar, a gente vende. Mas esperança, esperança, pra mim mesmo eu não tenho não. isso aqui é perigoso voltar (referindo-se às radiodermites). A minha mão não vai prestar nunca (a que ainda tem lesão). Essa aqui não presta. Eu não posso pegar num copo de água fria ou quente que dói. Eu vou trabalhar. É só eu sarar, vou voltar a mexer com qualquer negócio. Se ganhar bem,

se não ganha também, aquela correria que eu tinha não quero ter mais não.

PERGUNTA — Na verdade, a sua vida mudou quando o senhor teve contato com essa famosa pedra. O que ela significa pro senhor? Que nome o senhor daria pra ela?

IVO — É o céσιο mesmo. Eu não culpo quem pegou ela lá, que ela foi roubada. Eu não culpo os meninos. Eles já estão pagando caro demais pelo que eles fizeram, porque um perdeu o braço e o outro está lá pra perder o pé. Se tem algum culpado, é a CNEN e os dois médicos que eram donos da clínica. Também não quero vingança contra eles. Não vou desejar que eles vão presos por causa disso. Muita gente fala: "você tem que entrar na Justiça!" Até hoje, eu não entrei na Justiça. Uma, que eu nem gosto de falar. A única coisa que eu tenho que entrar na Justiça é pela morte da minha filha, que **dinheiro nenhum não paga**. Eu vou entrar na Justiça sim, mas, se eu ganhar, eu não quero pra mim. Eu tinha muita coisa. hoje, não tenho nada. A minha mobília era muito boa. Hoje eu estou com esses bagaços aqui. E pra mim comprar isso aqui Foi a maior dificuldade do mundo. Porque eu pensei: estou comprando com um dinheiro numa coisa que não precisava. O dinheiro de indenização dela, se eu receber, eu não quero. Posso doar. Tem muita coisa que precisa. A fundação Leide das Neves mesmo precisa. Se eu ganhar, eu posso muito bem doar o dinheiro pra Fundação ou qualquer outra instituição daí. Pra mim, eu não quero não porque dinheiro nenhum paga.

PERGUNTA — O senhor acha que encontrar essa pedra na sua vida foi azar ou destino?

IVO — Não azar não foi. Pode ser destino e... um alerta pros outros. Porque diz que a miséria de uns é a alegria de outros. Nesse caso, eu não vou dizer que a minha miséria é alegria de outros, mas eu acho que é um alerta pras autoridades. Quem sabe, Deus marcou pra nossa família. Porque a família mais atingida foi a minha. Foi minha mãe, meus irmãos, meu sobrinho, minha irmã. Da família minha que mora aqui em Goiânia foi

todo mundo atingido. É um alerta pras autoridades, porque tem muita gente inocente que pagou por um erro de poucos.

PERGUNTA — E o senhor acha que serviu de alerta, ou não?

IVO — Acho que sim, porque tem muita gente trabalhando em cima disso. Veio um pessoal lá da faculdade de Brasília. Veio de Minas, de São Paulo, do Rio Grande do Sul. Veio um pessoal aí fazer um filme sobre esse negócio. Então tem muita gente trabalhando pra que não aconteça outro. Os bombeiros estão fazendo um trabalho... Acho que isso é bom.

PERGUNTA — Tem gente sofrendo mais?

IVO — Tem nego que a gente olha assim e fica com dó. Eu não. Não sinto dor. Eu tenho essas lesões, mas eu tenho dó dos outros. O Geraldo, por exemplo, que mora ali (vizinho), uma pessoa esquisita, sofre demais. Ele é meio doente da cabeça. De vez em quando, eles internam ele. Judiam dele. Ele sofre demais. A vida da minha mãe, por exemplo, mudou muito. Não é igual era. A minha irmã a Cleusa está fraca das idéias. Ontem mesmo, lá na fundação, ela fez a maior bezerra. Tem o Odesson, meu irmão, que era motorista de coletivo. Hoje ele não pode dirigir nem Kombi.

PERGUNTA — A moça que era noiva do Israel teve neném ou não?

IVO — Sabe que eu nunca mais vi! Eu a vi quando ela estava gestante ainda, nos dias (do acidente). Eles moram muito longe. Agora o pessoal do Admilson é um pessoal que a gente não conhece. Não apareceu ninguém dele. O pessoal dele é do interior.

PERGUNTA — O senhor acredita que alguém vá ser preso?

IVO — Não. Eu acho que não. Porque pra ser preso tinha que ser os meninos - né? - que pegaram lá, o Wagner e o Roberto. Eles já pagaram

demais. não podem ser presos não. O Devair, por ter comprado, também já pagou muito caro. Ficou viúvo. Perdeu tudo que tinha. Está com a saúde comprometida. Os médicos não vão ser presos, né? Têm muito dinheiro. Esses estão na deles e pronto.

PERGUNTA — Como é que o senhor sente assim da sua filha ter sido tratada como lixo atômico. Ela morreu, não sabiam onde enterrar...

IVO — Eu tenho mágoa. Eu nem sei se eu fico na frente dele, se eu corro, se eu pego ele com a mão. É o vereador, né? O Zé Nelto. Fez aquela campanha no dia do enterro. Eu não vi. Eu estava no Rio e me contaram. Então eu não sei a minha reação, se eu ver ele. Isso eu tenho mágoa. Se tivessem que jogar pedra, tinham que ter jogado em nós adultos e que estavam vivos. Mas uma menininha morta... não tinha nada a ver com isso, né? Tem um aparelho lá. Eu não tenho coragem de ir lá não. A Lurdes de vez em quando vai. É como se fosse um lixo mesmo, né? Eu vi os caixões no Rio. Cada um de nós tinha um caixão. Eles compraram os caixões todos. Tinha uns oito. Os médicos diziam que ninguém escapava. Então estava tudo preparado.

PERGUNTA — Como é que o senhor se vê aí nas notícias seu Ivo?

IVO — Eu não me sinto bem vendo isso não, sabe? Eu não gostaria de ver não. A gente é cobaia de todo jeito, né? Das manchetes, dos médicos, de todo mundo. É chato. Eu nunca saí em jornal. Não gosto de ver isso não. Notícia do césio não faz bem pra cabeça não. Eu gostaria de esquecer esse trem numa vez. Não tem jeito. A gente vai ter que conviver ainda muitos anos com isso daí mesmo. Pro resto da vida.

Seu Ivo olha a foto de Maria Gabriela e muda de tom:

IVO — Era uma pessoa tão bonita essa Maria, que precisava de ver! Por dentro e por fora, era uma pessoa incrível! Primeiro emprego que eu arrumei aqui em Goiânia foi ela que me ajudou. O primeiro documento que eu tirei, porque eu era do interior. Ela que me acompanhou. Era uma

pessoa fora de série. Eu briguei muitas vezes com o meu irmão por causa dela, até nos tapas. Porque ele bebia e judiava com ela. Eu ficava sabendo e corria lá. Pra mim foi uma pessoa... quando morreram as duas lá, pra mim tinha acabado tudo. Nada mais servia. Ela era uma pessoa incrível. Linda, bonita! E quando ela morreu, vou te falar! Ela é que fazia tudo. Devair não fazia nada. Só ficava bebendo.

PERGUNTA — Seu Ivo, o Fernando Gabeira deu a entender no livro dele que vocês achavam que a pedra ia mudar a vida de vocês. Isso é verdade?

IVO — É mudou mesmo, né? Em tudo. A minha casa, se você chegasse à minha casa no domingo até parecia uma festa. Meus parentes que moram em Anápolis todos vinham. Eram três, quatro carros parados na porta. Aquele tanto de gente o dia inteiro. Minha casa era um entra e sai o tempo todo. Hoje não. Hoje não vem ninguém. Não vem parente. Mudou. Meu jeito de vida mudou. Eu comia bem, vestia bem. Hoje, não. Hoje é regrado. Eu não como bem, eu não visto bem. Minha família não veste bem. Antes andava todo mundo bem arrumado, comia bem. A geladeira era cheia. Hoje a minha geladeira é cheia de água. Então mudou tudo. Parente sumiu. Amigos sumiram. De uma forma ou de outra, mudou. E mudou pra pior. Quando muda pra melhor... Aí todo mundo sabia, né? A festa era maior.

PERGUNTA — O que é que o senhor sente lendo essa notícia aí chamando vocês de "punguistas nucleares"?

IVO — Eles falam... nós temos apelido na Fundação. Eles dizem que a gente era papeleiro, biscateiro... Eu não ligo pra essas coisas não. Tem certas notícias que... eu não gosto de ver não. É coisa que a gente olha e machuca mais ainda.

Ivo lê a notícia onde diz que Sarney manda prender os responsáveis e fala:

IVO — O presidente não fez muito esforço por nós não.

PERGUNTA — O que o senhor acha que ele devia ter feito?

IVO — Acho que ele devia ter feito mais coisas. Ajudado o governo (do estado). Acho que ele não fez tanta coisa nem sobre o lixo. Está aí jogado, sujeito a contaminar mais coisas porque está no tempo, esses tambores vão furando. Eu acho que o presidente não fez muita coisa não.

PERGUNTA — E o Rex Nazaré?

IVO — Fala muito e aje pouco. Ele é bom de papo. Conversando com ele, é bem bonzinho.

PERGUNTA — O senhor acha que o Estado de Goiás foi prejudicado?

IVO — O Estado foi prejudicado. Agora acho que não, mas no início teve muitos problemas. Nem arroz, carne, nem nada não conseguia vender.

PERGUNTA — No seu entender, por que isso aconteceu? Tinha razão de ser?

IVO — Razão eles tinham — né? — porque não tinham informação. É a mesma coisa daquela carne que eles falaram que vinha de Chernobyl. A gente tinha medo. Eu mesmo não comi. Então eu acho que eles lá fora tinham razão.

PERGUNTA — O senhor acha que faltou foi informação?

IVO — Foi informação. Porque a área mesmo foi pouca. Acho que não precisava disso tudo.

3. LURDES DAS NEVES FERREIRA

PERGUNTA — Dona Lurdes, o que a senhora esperava da vida antes dos acontecimentos, E o que a senhora espera agora?

LURDES — Antes eu esperava que a gente pudesse melhorar de situação, pra dar um futuro melhor para os filhos. Isso que eu pensava antes do acidente. Agora, pra ser sincera, não espero nada.

PERGUNTA — A senhora se sente roubada de alguma coisa?

LURDES — Sinto, da minha filha. Pra mim é muito difícil. Tem dias que eu fico assim pensando que não tem nem sentido eu continuar vivendo. Eu faço esforço, procuro distrair pro Ivo não ficar chateado, porque, apesar de tudo, ele se sente culpado. Ele não fala, mas eu sei que ele se sente culpado de ter levado o pó pra dentro de casa. Então eu agüento tudo calada, mas vivendo por fora e chorando por dentro. Pra mim é muito difícil. Eu esperava um futuro muito bom pra minha filha, aliás pros três, né? Só que o dela foi muito triste. É uma dor que não sara e tem dias que ela dói muito, mas muito mesmo. Não tem remédio que cure.

PERGUNTA — Como era a sua vida em casa?

LURDES — A gente tinha depósito de papel. Eu fazia todo o meu serviço da casa e, umas horinhas que sobravam, eu ajudava o Ivo no depósito. Saía pra pagar alguma coisa na rua. Sempre era eu que fazia. E agora acabou tudo. A vida da gente é só dentro de casa a fim desse acidente. É aqui na Fundação - quando não tem consulta é exame de sangue. E a gente tem que vir cobrar as coisas deles, porque até hoje eles aqui não acertaram com a gente tudo. Em cima, cobrando, cobrando. Está enrolado até hoje. Já vai fazer um ano, né? Eles falam indenização, indenização. Indenização que eu sei é que eles pagavam tudo que a gente perdeu e

depois ainda davam um dinheiro a mais. Não sei vocês lá em Brasília o que vocês sabem da vida da gente, mas outras cidades fora aí eles pensam que a vida nossa é maravilhosa, que a gente foi bem indenizado, que a gente ganhou casa, mas não é assim. A gente está morando lá naquela casa lá que você viu, um lugar muito ruim pra quem morava aqui no centro. Agora a gente está morando lá naqueles fim de mundo, não tem uma farmácia, uma frutaria, um supermercado. Não tem nada. Pra mim, sei lá, minha cabeça parece que revirou. Tem dia que eu pelejo para colocar ela em algum lugar, mas não consigo. As coisas pra mim, cada dia que está passando, estão ficando cada vez mais difícil. Tem dia que me dá um medo, sabe, do jeito de os médicos conversarem assim com a gente. Ninguém nunca chegou em mim pra falar, mas eu sei que é uma coisa muito séria que aconteceu. Principalmente aqueles igual ao Ivo, o Ernesto, eu preocupo muito.

PERGUNTA — A Senhora se sentiu abandonada pelos parentes?

LURDES — O carinho que eu tive foi do pessoal de fora, nem da minha família eu não tive. Então quando eu vejo que chega uma pessoa de fora, eu me sinto tão bem, que, se eu pudesse ficar ao lado daquela pessoa o tempo todo, pra mim eu acho que seria bom demais. O pessoal daqui é do jeito que você está vendo aí. Não dão assistência direito pra gente. Não pra mim, que eu estou bem, mas pelo menos os que estão com lesões. Eu não estou bem de cabeça, porque, do jeito que as coisas estão não dá pra gente ficar com a cabeça boa. Aos que estão com lesão, eu queria que eles dessem uma assistência mais direitinho.

PERGUNTA — Dona Lurdes, a senhora acha que a imprensa ajudou vocês em algum momento?

LURDES — Ajudou muito. Na época mais difícil pra mim, eu conheci muito jornalista, repórter, que deixou muita saudade. Nem sei se vou ter a oportunidade de ver de novo. Já aconteceu de vir repórter de fora e eu nem reconhecer, porque na época eu estava tomando remédio controlado, então pra mim é como se fosse um sonho que passou. Então naquela época,

parece que eles estavam unidos com a gente. O pessoal do Fantástico, do Globo Repórter, tudo acompanhou a gente direitinho. Agora parece que eles esqueceram da gente. Então agora só a gente que lembra deles. Não se se todas as vítimas lembram, mas eu... não esqueço. Só que eu gostaria de lembrar o nome deles todos pra falar, só que eu não lembro. Então eu gostaria que eles voltassem a procurar a gente, saber o que está acontecendo com a gente, porque acho que vai ser muito importante. Conto primeiro com a ajuda de Deus, depois do pessoal de fora - a imprensa.

PERGUNTA — A senhora acha que esse acidente que aconteceu de alguma forma vai servir de lição pra alguma coisa ou não?

LURDES — Ah vai, vai muito mesmo! Porque você vê a minha filha vai servir de exemplo pra muita coisa, porque ela morreu inocente, pagou pelos outros, porque esse acidente podia ter sido impedido. Se eles tivessem tomado mais cuidado direitinho não tinha acontecido. Mas, por descuido, aconteceu, e ela, ela que pagou pelos culpados.

PERGUNTA — E o que a senhora acha que as autoridades, o governo devia fazer pra não acontecer mais isso?

LURDES — Ah, tem que tomar mais cuidado com as coisas. Não deixar mais um aparelho desses, ou outros, que podem causar um acidente desse, causar uma tragédia. Nem uma mãe perde uma filha, igual eu perdi.

PERGUNTA — Dona Lurdes, o que a senhora acha que pode ter contribuído pra morte da sua filha?

LURDES — Ela foi pro Rio, ela estava boa. Tanto que ela estava boazinha, que ela passou mal na noite de 24 pra 25 (de setembro de 87) e, quando foi no dia seguinte, amanheceu boazinha, brincava - a vida normal dela. Aí foi pro Rio boazinha, continuou do mesmo jeito lá, não emagreceu. E depois que chegou o médico - né? - o que aplicou o remédio, não sei se era injeção ou se era líquido. Só sei que depois foi que ela entrou em coma.

PERGUNTA — E como era o nome do médico?

LURDES — Parece que era Paulo Gales. (refere-se ao médico norteamericano Robert Gales) — O Wagner me falou que era uma droga. Que ele tomou, né? O Wagner tomou, o Devair... Dos seis que tomaram, os quatro morreram. E o Devair mais o Wagner quase morreram. Então eles usaram a minha filha pra estudar. Se eles não tivessem colocado esse remédio nela, ela não tinha morrido. Porque criança - todos os médicos me falavam, inclusive eu hoje estou acompanhando os exames do Lucimar (o outro filho) - elimina que é uma beleza! Rapidinho está. Então eu acho que, se ele não colocasse esse remédio, ela não tinha morrido.

PERGUNTA — E o azul da prússia?

LURDES — Deu uma briga do pessoal da Cnen e o governo, aí parou, não forneceram mais o remédio pra gente. Aí ficou quatro meses o Lucimar sem o remédio. O Lucimar e outros também que estavam usando. Aí veio uma médica e disse que não precisava tomar mais. Mas eu não queria que fosse assim. Eu queria que a médica falasse antes - ó, o Lucimar, pode parar com o radiogardase. Igual o Ivo, que parou porque estava prejudicando o estômago dele. A doutora Paula pediu um exame, ele fez e ela mandou parar. Mas o Lucimar não teve alta do remédio, foi porque acabou e eles não quiseram fornecer mais.

PERGUNTA — Dona Lurdes, a senhora se sente proibida de falar alguma coisa?

LURDES — No início, eles me escondiam pra eu não falar nada, sabe? Eu brigava, reclamava... Aí teve um dia que a assistente social me chamou a atenção, porque eu estava falando, dando entrevista, que eu não sabia o dia de amanhã, que o meu marido estava nas últimas, e que eu podia perder o meu marido e aí o governo é que tinha que me apoiar, e eu estava dando entrevista contra o governo. Aí eu fiquei muito revoltada porque foi o doutor Selmo do Rio, que pediu pra mim conversar com a moça - uma americana, sabe? Aí eu falei pro doutor Selmo, e ele disse

pra eu falar o que eu sentir, com quem eu achar: "Desabafa mesmo!". Aí disse dia eu decidi: quando chegava repórter, levava eles lá pra dentro, fechava a porta, e a gente conversava à vontade. Aqui eles não acham bom não (na Fundação), mas eu chamo lá pra fora e converso mesmo.

4. ERNESTO FABIANO

PERGUNTA — Você lembra essas notícias dos jornais? O que você sente? O que você acha dessas notícias? como é que você se vê nelas?

ERNESTO — Eu fico um pouco chateado porque tem muita dessas notícias que eu não vi. Me assustei, porque, o tempo que eu estava no Rio eles escondiam, não deixavam ir notícia pra gente. Já em São Paulo (quando estive internado no Hospital da Unicamp), eu ficava sabendo do que estava acontecendo. Mas dessas notícias anteriores eu não tinha conhecimento. São notícias de chocar a gente. A gente relembra, eu pra mim foi um pesadelo. Eu não vou esquecer isso nunca. Mesmo eu voltando à minha vida normal, sempre que tiver uma lembrança ou alguém me falar a respeito de radioativo, de qualquer um aparelho assim, eu vou estar sempre me lembrando. Isso vai ficar marcado na minha vida.

PERGUNTA — Como é que era a sua vida antes e como é agora? Quais eram as suas expectativas de vida antes do acidente e quais são as de agora?

ERNESTO — A minha vida antes era uma vida normal, era uma vida feliz. Eu vivia bem com a minha família. Tinha projeto e material na minha casa para construir. Hoje eu não sinto como eu sentia antes. Muita coisa que aconteceu durante a minha permanência em hospitais, o meu sofrimento me tirou a alegria. Eu não sou mais uma pessoa normal, alegre. Às vezes eu rio, mas não é uma satisfação boa, uma coisa agradável. Eu rio pra não ficar sem graça, mas eu não tenho mais aquela alegria.

PERGUNTA — Você se sente roubado em alguma coisa - material ou imaterial?

ERNESTO — Eu perdi coisas materiais que eu não sei se vou receber. A minha esposa tem uma lista aí. Mas a minha preocupação maior não são as pequenas coisas, mas a casa e a saúde. Me preocupa demais a minha saúde. Eu pergunto: será que eu vou ter aquela mesma saúde? Será que eu vou continuar a ser aquela mesma pessoa de antes? Isso me preocupa demais. O resto eu já esqueci.

PERGUNTA — Como você avalia o trabalho dos jornalistas? As notícias do que aconteceu foram boas?

ERNESTO — Teve uma parte boa, e outras não. Eles deram muita notícia falsa, que não existia. Mais sensacionalismo, né? Teve uma notícia que saiu dizendo que ia ser amputada a minha perna. A equipe médica de São Paulo falou que eu não estava correndo esse risco, que, se fosse o caso de eu perder a perna, eles teriam me falado assim que eu cheguei. Eles aproveitaram demais (os jornalistas) o fato de eu não estar aqui pra dar essas entrevistas, para eles me verem como eu estava e para eu dizer como eu estava. Apesar que, quando a gente estava no hospital aqui em Goiânia, a gente ficava assim de uma maneira que não podia ter contato com eles. E nem os médicos não falavam. Esse o motivo que eu acho que eles aproveitaram. Às vezes a gente falava uma coisa, e eles botavam outra, como aconteceu já muitas vezes aqui em casa mesmo. A gente falava uma coisa, e eles aumentavam. E muitas vezes acontecia de a Fundação desmentir; mas desmentiam o que os próprios repórteres aumentavam. Foi até eu chegar ao ponto de falar que não ia dar mais entrevista pra ninguém. Como eu estou bem melhor, eu não tenho motivo pra dizer nada. Porque, se eu falar que estou ótimo, eles vão ter que dizer isso. E, além do mais, eu quero ver se esqueço, porque ficar voltando aquilo que aconteceu comigo e eles aumentando não vai parar nunca. Acho que é bom a gente dá um tempo, porque não tem mais motivo pra gente ficar lembrando. Isso só traz aborrecimento e tristeza.

PERGUNTA — Tem algum jeito de lembrar da pedra de uma maneira boa? Antes de saber que era algo perigoso. Como foi o seu contato com ela?

ERNESTO — Assim que eu encontrei com o meu irmão (Edson Fabiano), que ele passou essa pedra pra mim, ele falou que era pra eu levar pra ver à noite que dava um brilho muito bonito, era um azul maravilhoso. Coisa que não aconteceu porque eu não vi. Botei ela no bolso e, quando cheguei em casa, eu guardei. Eu tive que sair, então não foi possível ver o brilho dela. Se ela é bonita, quem viu foram só eles, eu não cheguei a ver.

PERGUNTA — Quanto tempo você ficou com ela no bolso? Os jornais disseram que você dormiu com ela no bolso.

ERNESTO — Foi uns quarenta e cinco minutos. Assim que cheguei a casa eu peguei ela e guardei e saí pra rua. Tem gente que falou que eu saí com ela, que pus numa caixa de fósforo... Não houve nada disso. Quando eu voltei já voltei passando mal, inclusive à noite eu passei mal. Então não lembrei dela. Só vim lembrar dela porque o meu irmão chegou lá em casa no sábado - ele me deu ela na sexta-feira - pra me falar que aquilo que estava acontecendo na minha perna era daquela pedrinha, que era radioativa. Eu achava que era uma alergia, ou um inseto ou infecção.

PERGUNTA — Eles já tinham descoberto?

ERNESTO — Já tinham levado lá onde hoje é a Fundação. Foi aí que eu peguei ela, mostrei pra minha esposa e ela jogou dentro do vaso sanitário e ela foi parar numa caixa de esgoto.

PERGUNTA — Quer dizer que não houve atração pelo brilho da pedra, como falam os jornais?

ERNESTO — Pra mim não houve. Pra eles sim.

PERGUNTA — Pra quem que houve?

ERNESTO — Que me falaram foi o Devair e o meu irmão. O Ivo e os outros nenhum me falou não. Os que comentaram foi o Édson e o Devair. Naquele dia que eles me entregaram, o meu irmão tinha passado no peito, dentro da casa dele, com a casa fechada. O Devair também.

PERGUNTA — Que lições esse acidente trágico pode trazer para o Brasil e para as nações do mundo?

ERNESTO — Acho que houve muita falta de responsabilidade da parte da CNEN e da parte dos médicos. Acho que isso vai alertar muita gente, principalmente as pessoas que trabalham com esses aparelhos radioativos. Tem muitos aparelhos aí. Então pro Brasil foi bom. Num ponto despertou e vai despertar mais ainda. Não só aqui no Brasil, mas no mundo inteiro. Porque noutros países também pode acontecer. Porque esses aparelhos existem em outros países também. Eu acredito que eles agora vão tomar uma precaução maior e não vão deixar esses aparelhos jogados de qualquer jeito.

PERGUNTA — Mas você acha que num país como os Estado Unidos, por exemplo, isso iria acontecer, de deixarem um aparelho jogado?

ERNESTO — De jeito nenhum. Se chegasse acontecer, essas pessoas que tinham deixado o aparelho já estariam é presas. Eles seriam punidos. Assim como outros países também, não só os Estados Unidos não. Acho que o Brasil não devia estar nem concorrendo com esses outros países. Uma coisa que eu acho absurdo é o que estão fazendo lá no Rio de Janeiro. Ao invés de estarem pensando em bomba, projetando bomba por que não criam empregos para os pais dessas crianças que estão por aí passando fome? Os pais ficam por aí assaltando, roubando, e os filhos cheirando cola, experimentando droga. Isso é uma irresponsabilidade muito grande de um país que quer competir com outros países maiores. Nosso país é um país pobre, não tem condições. Os governos daqui deviam olhar é isso. Olhar a situação dos brasileiros que estão desempregados, dar condições de vida melhor, saúde, trabalho, escola. Tem muita coisa aqui que pre-

cisava ser olhada primeiro pra depois chegar onde eles estão querendo chegar. Esse acidente foi uma amostra da incapacidade de eles quererem chegar numa coisa que eles não tem condições. Isso está sujeito a acontecer noutra país, mas pro Brasil foi uma lição.

PERGUNTA — E com relação ao lixo atômico? Vai fazer um ano, e ele ainda está no mesmo lugar.

ERNESTO — Isso também é uma irresponsabilidade muito grande porque tem locais mais próprios pra deixar. Deixaram perto de uma cidadezinha pequena e pode trazer futuramente problema muito grande também. Do jeito que o representante da associação de moradores de Abadia de Goiás falou, a área onde está o lixo não é uma segurança e está sujeita a qualquer uma pessoa entrar lá, rebentar aquilo lá, abrir e acontecer lá o que aconteceu aqui.

5. DALVA FABIANO

PERGUNTA — Quais eram os seus sonhos, as suas expectativas de vida antes do acidente e quais são agora?

DALVA — Eu antes do acidente era uma pessoa feliz, tinha uma vida tranqüila, tinha o meu lar perfeito e tinha muitos sonhos de realizar muita coisa boa na minha vida. Hoje eu não tenho mais. Às vezes eu não tenho nem mesmo vontade de viver porque tudo pra mim é vazio. Hoje a minha vida é totalmente diferente, porque, de repente, você perde tudo aquilo que levou anos pra construir, com dificuldade. Você perde tudo, e pra construir de novo é muito difícil, com doença. A gente não sabe como é que vai ficar a vida da gente, como é que vai ser o amanhã. A gente não tem segurança mais. A gente fica dependendo de outras pessoas, porque antes a gente tinha o trabalho da gente, o ordenado. Se o dinheiro não dava, a gente trabalhava mais, fazia outra coisa. Hoje a gente fica o dia inteiro na Fundação Leide das Neves, não resolve nada, porque tudo não tem verba. A gente fica numa insegurança total. Pra mim a vida acabou. Eu acho que nunca mais vou ser a mesma pessoa e também ainda não me conformei com isso que veio pra mim dessa forma: ver o meu marido do jeito que ele está, uma pessoa que nunca foi nem internado, de repente ficar assim doente da forma que ficou, sem ter nem punição pros responsáveis que deixaram essa peça abandonada lá e, sabendo a gravidade dela, não tomaram nenhuma providência... então, eu não sei não.

PERGUNTA — A senhora se sente roubada de alguma coisa material ou não?

DALVA — Sabe que que eu sinto? Eu sinto que foi como se tivessem tirado a minha vida. Dentro de mim só existe um vazio, parece que eu não consigo realizar mais nada em minha vida. Me falta uma coisa que ainda não sei nem mesmo o que é. Pode ser aquela paz que eu tinha. Porque,

pensando bem, eu nunca mais dormi na minha vida. Tem nove meses que eu não durmo mais. Primeiro eu podia deitar e dormir. Então, até isso. Os meus filhos estão tudo assim, também dando problema pra mim, então... bagunçou a minha vida toda.

PERGUNTA — Vendo estas notícias de jornais, embora não seja a primeira vez, porque a senhora acompanhou, é uma pessoa que lê, que guarda os jornais, como é que a senhora se vê nessas notícias e vê o seu marido e familiares?

DALVA — Eu vejo que são umas notícias muito falsas, porque eles falam que já indenizaram todas as vítimas, que gastaram não sei quantos milhões com elas, e, na realidade, não gastaram nada ainda, porque elas não foram nem sequer indenizadas. Porque indenização pra mim não é pagar os bens que a gente perdeu não, mas pagar os danos físicos que as pessoas tiveram. Os lotes onde entrou fonte radioativa também ainda não foram indenizados. O que eles estão fazendo é dar um tratamento de saúde, que não está muito bom, mas vai levando, e pagaram só as coisas que as pessoas perderam, nada mais. Até mesmo roupas ainda não foram pagas. Estão tudo em processo aí. Porque pra perder você perde dentro de um minuto, agora pra pagar as suas coisas tem que ter processo, tem que esperar, e vem cá amanhã... é assim. A gente está esperando os processos correrem pra ver o que que o governador faz, né? Eu nem digo o governador, porque o órgão mais responsável mesmo é a CNEN e os médicos da clínica que deixaram a bomba lá. Porque isso ia acontecer em qualquer um dos governos. O governador também foi tão vítima como todo mundo, porque aconteceu no governo dele. Mas quem é culpado mesmo é a CNEN, e o Julio Rosenthal, porque ele como fiscal tinha por obrigação fiscalizar, tanto como os daqui também, né? Tinham que ter fiscalizado. Não podiam ter deixado um aparelho desses tão perigoso assim abandonado, pra acontecer um acidente tão terrível, que eles nem sequer estão dando muita importância pras vítimas. É isso o que eu penso. Eu acho que, através de nós, eles agora vão evitar outros acidentes. É isso que eles estão falando aí na televisão, nos jornais, e que eles estão tomando todas as providências pra não ocorrer mais. Mas, já que aconteceu

o acidente com a gente, eu acho que a gente merece um pouquinho mais de consideração, de apoio, de amor, e que resolvam os nossos problemas o mais rápido possível, porque, além de doença, a gente está preocupada também com casa e outras coisas. O lar de todo mundo foi destruído. A vida da gente mudou de repente. Ninguém vai aceitar uma mudança de repente, assim, na sua vida, porque todo mundo tinha sonhos e queria realizar suas coisas da maneira como gostaria que acontecesse, e não da maneira que aconteceu. Então eu acho que eles deviam tomar uma providência melhor: deixar um pouco a política e cuidar mais das pessoas que foram atingidas.

6. ODESSON ALVES FERREIRA

PERGUNTA — Você ficou 80 dias no hospital aqui em Goiânia. Durante esse tempo, você leu alguma notícia de jornal, viu televisão?

ODESSON — A gente às vezes recebia notícia lá no hospital, nós tínhamos também televisão e, a partir de uns cinquenta dias que a gente estava lá, os médicos liberaram pra gente as notícias. No início, a gente ficava sabendo as notícias de pessoas que chegavam lá embaixo e gritavam pra gente. Aí nós fizemos uma reunião com os médicos e pedimos que nós queríamos saber notícias da boca deles ou então diretamente, porque as pessoas que passassem as notícias pra gente podiam aumentar ou diminuir alguma coisa. Aí então colocaram televisão pra gente e liberaram os jornais.

PERGUNTA — Quer dizer que essas notícias daqui não são novidades pra você?

ODESSON — Não, não. Da maioria delas a gente já tem conhecimento.

PERGUNTA — E como é que você se vê aí nessas notícias. Você e seus familiares? Elas são verdade, são mentira, são aumentadas, são diminuídas?

ODESSON — Desde o início, quando aconteceu esse acidente, a imprensa fez questão de espalhafação, de aumentar muito as coisas. A maioria dessas notícias **aqui** são uma inverdade. A maioria delas são acrescidas de mentiras. Então, quando eu olho o jornal, até hoje, quando eu olho as notícias de jornais, eu sinto que alguma coisa ainda está errada. Até hoje eles não aprenderam a falar a verdade, a contar o que realmente aconteceu e o que está acontecendo.

PERGUNTA — Quais eram as suas expectativas antes do acidente e quais são agora?

ODESSON — Mudou muita coisa porque eu sempre levei a minha vida trabalhando. Eu era motorista de ônibus. Pegava o carro às quatro horas da manhã e largava às quatro horas da tarde. E eu tinha esperança de que a minha vida ia melhorar trabalhando, é claro. Procurava fazer hora extra pra ganhar mais. Eu tinha a expectativa de que um dia poderia dar um conforto melhor pra minha família. Hoje, sinceramente, eu não tenho essa expectativa. As esperanças que eu tinha há dez meses atrás. Hoje é completamente diferente. Eu estava construindo, quando aconteceu o acidente, então coisas que eu fiz em dois ou três meses naquele tempo, tem dez meses que eu estou tentando fazer e não consigo. E eu tenho certeza de que mais dez meses pra frente eu não vou conseguir fazer aquilo que eu tinha feito em três meses. A gente recebe uma pensãozinha aí, mas ela mal dá pra mesa. Então fica muito difícil.

PERGUNTA — Você recebeu indenização?

ODESSON — A gente recebeu por perda de bens materiais - né? - só que do jeito que eles quiseram. O orçamento meu foi feito dia 23 de novembro, e eles só me pagaram dia 29 de janeiro. A geladeira que do orçamento deles estava de 10 mil e 800 cruzados eu paguei 22 mil, quando eu recebi. E assim por diante. Quer dizer, as coisas que, quando fizeram o orçamento eu pagaria 114 mil cruzados, eu comprei por 180 mil. Então eu tive que tirar alguma coisa de algum lugar, pra completar a mobília da casa.

PERGUNTA — Você acha que dá pra tirar alguma lição disso tudo que aconteceu?

ODESSON — A mim não, mas eu gostaria que as autoridades tirassem sim. Eu gostaria que a partir disso aí eles providenciassem e trabalhassem mais em cima de segurança, em cima de fiscalização, porque eu acho válido o Brasil fazer parte dessa era atômica sim, porque esse mesmo

aparelho, que matou e danificou pessoas, também já salvou muita gente. Então tudo isso eu acho válido, só que tem que ser bem feito. Se eles tivessem vigiado, tivessem fiscalizado esse aparelho direitinho, isso não teria acontecido.

PERGUNTA — Vamos tentar voltar àquele momento em que você tomou contato com a peda. O jornal fala aí que o brilho era muito bonito... Era?

ODESSON — Graças a Deus eu não sei te dizer se era bonito, porque dizem que à noite ela brilhava muito, e eu a vi à tarde, por volta de quatro, quatro e meia da tarde. Então, quer dizer, de dia ela não tinha nenhum brilho, nenhuma beleza, né? Tanto é, que eu não tive maior interesse pela peça, eu não tive vontade de levá-la pra casa. Porque, se eu tivesse visto esse brilho - e dizem que era muito bonito - talvez eu tivesse levado e talvez as coisas tivessem sido muito pior pra mim e pra minha família. Então, graças a Deus, eu não vi. Porque eu saí do meu trabalho e até chegar à casa do Devair deve ter gastado uma hora mais ou menos. Chegando à casa dele, foi que ele me mostrou. Disse que tinha comprado aquilo ali e tal, e tinha interesse em fazer uma pedra de anel, porque era muito bonita, à noite dava umas luzes muito bonitas e modificava as cores. Mas eu não me interessei muito por aquilo não. Aí ele agachou perto da peça e falou: "Mano, olha aqui pra você ver". Aí foi que eu tive a idéia de pegar uma machadinha, quebrar um pedacinho daquele negócio, coloquei nas mãos e esfreguei pra ver se realmente dava pra fazer uma pedra de anel. Aí quando eu esfreguei, o negócio se esfarinhou, virou pó. Alí eu falei: Mano, isso não vai prestar pra anel porque vai quebrar. E dei as mãos e fui embora pra casa. A minha família só teve problema porque eu levei cinco porcos contaminados lá pra casa, que eram os porcos do Ivo. Eu os coloquei numa Kombi e levei lá pra casa. Então contaminou a Kombi, contaminou os animais que eu tinha em casa. E a minha família pegou pouca contaminação, mas através desses animais. Porque ali tinha galinha que botava. Elas estavam contaminadas e contaminaram os ovos.

PERGUNTA — Você se sente roubado de alguma coisa?

ODESSON — Da liberdade. Eu me sinto roubado da liberdade, porque hoje, queira ou não, eu não sou mais aquela pessoa de antes. Não posso trabalhar, coisa que eu adoro é trabalhar, principalmente na minha profissão que é dirigir. O doutor me proibiu de dirigir até carro pequeno. Então de alguma forma estão tirando a minha liberdade devagarzinho. Além de ficar privado de trabalhar, a gente também não tem muita alegria pra passear, pra lazer, porque a cabeça da gente não está pra isso.

PERGUNTA — Você tem alguma explicação pra essa atração que o seu irmão sentiu pela pedra?

ODESSON — Parece que ela emitia uma força magnética. Não sei, pelo que ele fala pra gente... Ele diz que muitas vezes estava deitado então lembrava da peça e levantava pra ir lá ver aquelas cores bonitas e tal. O interesse dele por ela não foi financeiro, porque a parte que valeria algum dinheiro seria justamente o chumbo, que tinha menos contaminação. Agora, aquilo que era bonito não tinha nenhum valor. Tanto é que ele nem pagou por ela. Aquela o Wagner deixou lá e falou: isso aí, já que não presta, não tem valor, vou deixar por aí mesmo. Porque o preço dela era de sucata, à base de vinte cruzados o quilo. Era coisa muito insignificante. Então ela ficou lá justamente porque não valia dinheiro pra eles. Então o interesse do Devair foi pela beleza dela. Ela emitia uma beleza extraordinária.. Por isso dou graças a Deus de não ter visto ela à noite, porque dizem que as luzes dela eram... parece que magnéticas. Ela puxava as pessoas. Tanto é que a Maria Gabriela às vezes levantava à noite e ia cobrir a peça porque não conseguia dormir. Ela clareava toda sala, toda casa, até o quarto deles.

PERGUNTA — Se o Devair não tivesse tido essa atração pela pedra, qual teria sido o destino provável dela?

ODESSON — Eu creio que ela iria para numa sucata, num ferro-velho

maior do que o dele. Ela iria pra São Paulo, logicamente pras indústrias de ferro e tal. Então eu acho que o desastre seria maior, porque ela ia percorrer toda essa trajetória aí. Por um lado foi ruim, mas mais pessoalmente. Num globo geral, eu acho que foi melhor essa atração dele por ela. Porque ele conseguiu segurar até que descobrissem o que estava acontecendo. Caso contrário, ela teria esparramado maiores problemas.

PERGUNTA — Você está se sentindo, de alguma forma, cobaia de médico ou de tratamento?

ODESSON — Desde o início, a gente se sente assim porque os próprios médicos às vezes olham a gente e perguntam pra gente o que é que eles podem fazer. Isso está acontecendo desde o início e vai continuar acontecendo. Eles nunca sabem. Eles realmente não têm ideia do que possa ser feito. Eu estou tendo um probleminha com esse dedo. Em fevereiro estava muito irritado muito feio, então eu pedi que eles amputassem pra mim. Porque eu acho que a dor seria menor. Aí combinamos tudo que eu iria amputar. Acontece que de fevereiro pra cá as coisas mudaram, e o quadro reverteu. Hoje eu sinto que o dedo está ótimo, está sarando, e eles queriam amputá-lo agora na semana passada. Eu pedi que me dessem mais um tempo. Eu disse: olha, me dêem mais um tempo, que o dedo está melhorando, eu estou sentindo que está muito melhor, está doendo menos e a gente vê que a ferida está fechando, então vamos esperar um pouco mais. Mas, mesmo assim, eles insistem. Dizem que tem que ser cortado. E justamente por eles acharem - porque eles só falam "eu acho que tem que ser feito" - é que eu não quero deixar. Porque eu tenho medo que eles estejam a fim de estudar um pouco mais. Então essa sensação que a gente tem de que é cobaia, isso aí vai continuar por muito tempo ainda. Porque tudo que eles vão fazer, tudo que eles falam pra gente a gente percebe que, sinceramente, eles estão mais aprendendo em cima da gente. Remédio que eles passam pra mim, eu já não tomo mais. Nada que eles me mandam fazer eu faço. Eu estou fazendo única e exclusivamente os curativos diários. Não deixo fazer mais nada. Eu não aceito eles mexerem em nenhuma parte do meu corpo, porque eu estou vendo que do

jeito que eu estou está sendo melhor. E as pessoas que eles estão mexendo estão sofrendo mais. Até os exames de sangue que eram pra ser trimestrais já tem uns seis meses que eu não colho material. Eu acho que é besteira porque eles querem aprender. Mas em cima de mim não!

PERGUNTA — E se acontecesse um acidente maior, em Angra dos Reis ou em Iperó-SP? Você acha que o Brasil tem condições de entrar nesse "clube atômico" que você mesmo aprova que entre?

ODESSON — Condições eu acho que tem, desde que tenha homens sérios trabalhando nisso. Muito embora eu conheça muito pouco disso aí - o que eu conheço eu aprendi agora - mas eu acho que o país tem condições sim. Basta que eles façam um trabalho bem feito. Desde o início, tem que ter um certo alicerce, né? Então eu acho que eles deveriam tirar, justamente desse acidente de Goiânia, muita coisa boa disso aí. Mas, pelo que eu estou sabendo, eles estão ainda engatinhando, e não procuraram crescer. eles estão querendo fazer as coisas erradas, como fizeram até agora. Então, se eles procurarem trabalhar com mais seriedade, com homens mais sérios, mais capacitados, eu creio que podem sim ir à frente e fazer um bonito trabalho. Mas, a continuarem do jeito que está, não vai dar nada certo. Vai ficar pior.

PERGUNTA — No final das contas, quem você aponta como responsáveis neste acidente?

ODESSON — O responsável é a própria CNEN, porque, a partir do momento que eu coloco um filho no mundo, até a maioridade dele, eu é que tenho que assumir todas as responsabilidades, todas as conseqüências. O pai dessa peça é a CNEN, então eles é que deveriam ter vigiado, e eu acho que a culpa é deles.

PERGUNTA — E o que eles merecem como castigo por essa culpa?

ODESSON — eu creio que as pessoas responsáveis por essa fiscalização deveriam ser presas, deveriam arcar com todas as despesas que o estado

teve e o próprio governo está tendo. Essas pessoas é que deviam pagar por tudo, de alguma forma. Se as autoridades forem tirar alguma coisa de jornal pra encontrar o culpado, vai ser muito difícil, porque a imprensa em si só fez questão de colocar as coisas da cabeça deles, do jeito que eles quiseram. Como foi aquele Globo Repórter, da Rede Globo, que mostrou uma encenação do Devair bebendo demais, passando aquele negócio no pescoço da Maria. Foi uma grande mentira. O césio não é aquele pó todo que eles mostraram ali. Se fosse aquilo tudo, Goiânia estava arrasada. Era um pedacinho muito pequeno, parecendo uma pedra de brita até na cor e no tamanho. Se você forçar, ele esfarinha, mas não dava aquele pó. Não levanta aquela poeira. Então era tudo mais restrito do que eles mostraram. A imprensa fez muito sensacionalismo. E, se as autoridades forem procurar notícias de jornais e de televisão pra encontrar os culpados, vai ser muito difícil. Não vai haver culpados. Ou então vai haver culpados demais. Desde o início, quando liberaram pra nós as notícias no hospital, é impressionante a quantidade de erros e aumentos que eles fazem. Eu tive uma discussão com a Ana Terra (repórter da Rede Globo), aqui na Fundação outro dia, justamente por isso. A coisa séria como deve ser mostrada eles não mostram. **Eles mostram só o que interessa pro governo, o que faz mais sensacionalismo. Se eles perceberem que o povão não vai gostar da verdade, então eles tiram aquela verdade e acrescentam uma mentira,** ou qualquer outra coisa. Eu sempre, desde o início, fui muito contra a imprensa. Acho que, se o governo tivesse feito o possível pra deixar a imprensa fora disso, as coisas teriam sido melhor, pra nós vítimas e pra vocês. Pro povão em si seria melhor.

7. KARDEC SEBASTIÃO DOS SANTOS

PERGUNTA — Kardec, você ficou internado quanto tempo?

KARDEC — 56 dias, entre Goiânia e Rio.

PERGUNTA — E nesse tempo você teve oportunidade de ver ou ouvir notícia sobre o acidente, ou não?

KARDEC — Não. A gente estava praticamente isolado, não podia ouvir rádio nem ver jornal.

PERGUNTA — Nem quando estava aqui em Goiânia?

KARDEC — Não.

PERGUNTA — Então estas notícias sobre o acidente você está vendo pela primeira vez?

KARDEC — É. Sobre mim mesmo, nunca tive oportunidade de conversar com repórter. Entrevista, nem pensar.

PERGUNTA — E aí o que você achou das notícias?

KARDEC — Acho que não vai adiantar nada, porque foi tudo invenção.

PERGUNTA — Tem alguma coisa de verdade ou não no que você olhou daqui dessas notícias?

KARDEC — Acho que não tem nada de verdade.

PERGUNTA — Nada, nada? Nem um pouquinho?

KARDEC — Não. Acho que não.

PERGUNTA — Como é que foi o seu contato com a pedra? Você se sentiu atraído pelo brilho dela ou não?

KARDEC — Não . Não senti, porque, quando a minha esposa levou ela pra casa eu estava dormindo. Inclusive não peguei, não fiz conta daquilo, estava meio sonolento. Não preocupei. Não peguei na peça. Fui atingido porque deve ter caído na cama, né? - o pó, e eu dormi com o braço em cima.

PERGUNTA — O jornal diz que você passou o pó no corpo antes de ir pra cama com a mulher.

KARDEC — Então, isso aí não houve porque eu já estava dormindo, quando ela levou pra me mostrar.

PERGUNTA — E como é que ela foi parar na sua casa?

KARDEC — É porque a gente morava no mesmo lote do Ivo. Então a minha esposa foi lá, e ele pegou e deu pra ela um pedacinho pequeno, tipo um grão de arroz. Uma pedrinha pequena.

PERGUNTA — O que você esperava da vida antes de acontecer isso e o que você espera agora?

KARDEC — Pra mim acho que não mudou nada. Pra mim espero que a gente continue a mesma vida que a gente tinha antes, né? Procurar esquecer o que aconteceu.

PERGUNTA — Você trabalhava? Pretende continuar trabalhando?

KARDEC — Pretendo. E só cicratizar isso aqui. A gente tem que trabalhar né? - porque não dá mais pra ficar parado. Estava acostumado a trabalhar. Ficar esse tempo todo parado, já viu, né? A gente fica meio chateado.

PERGUNTA — Que tipo de sonho você tinha antes?

KARDEC — Eu tenho quatro filhos, né? O sonho da gente, a gente espera o futuro dos filhos né? Então o problema foi esse. Acho que agora atrapalhou um pouco, né? Porque a gente não sabe como é que vai ficar a situação das crianças.

PERGUNTA — Você foi indenizado por alguma coisa ou não?

KARDEC — A indenização que nós recebemos até hoje foi uma parte dos móveis que nós perdemos. Não fomos totalmente indenizados não.

PERGUNTA — Você se sente roubado em alguma coisa?

KARDEC — Bom, acho que fui, né? Porque uma coisa que nós perdemos nós nunca vamos recuperar, que é a saúde.

PERGUNTA — Sem saúde, não dá pra sonhar?

KARDEC — Não dá porque a gente não pode esperar mais nada quase.

PERGUNTA — Mas, mesmo assim, você acredita que vai ficar bom e vai continuar trabalhando...

KARDEC — Bom, acho que sim.

PERGUNTA — Então você não parou de sonhar, né?

KARDEC — Não, não paro assim totalmente, mas... é complicado.

PERGUNTA — Porque lhe chamou a atenção esta notícia: "Contaminados já estão ficando cegos"?

KARDEC — Isso aqui porque, a gente desconfia muito dos médicos, né? Eles não explicam claramente o que vai acontecer pra gente no futuro,

como está dito aqui. Eles podem estar sabendo, mas não explicam. Então com isto aqui a gente pode apresentar pra eles e ver o que eles dizem.

PERGUNTA — Você está com algum problema de visão?

KARDEC — Não, não tenho problema nenhum.

PERGUNTA — Mas você falou no outro dia pra mim que está de tratamento com oftalmologista.

KARDEC — Nós fizemos um exame, né? Inclusive o doutor Alexandre esteve aqui mês passado e disse que está tudo bem, não houve problema nenhum.

PERGUNTA — Você acha que dá pra tirar alguma lição desse acidente? E quem é que deve aprender essa lição?

KARDEC — Bom, deve ser os médicos especializados nesse acidente nosso, energia nuclear. Aqui em Goiânia mesmo, nós não temos nenhum médico que trate desse problema nosso.

PERGUNTA — E vocês se sentem cobaia de alguma coisa?

KARDEC — Aqui a gente está se sentindo como cobaia, porque não tem nenhum especialista. Então eles estão querendo aprender por cima da gente.

PERGUNTA — Você acha que o Brasil tem condições de entrar no clube atômico? Fazendo submarino atômico, usina atômica?

KARDEC — Acho que tem.

PERGUNTA — E deve fazer ou não?

KARDEC — Deve fazer, né?

PERGUNTA -- E se, de repente, acontece um outro acidente? O que você pensa?

KARDEC -- Tem que haver uma fiscalização. . Se tivessem fiscalizado aqui como deviam, de dois em dois anos, teria sido evitado este acidente.